



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Centro Regional das Beiras
Faculdade de Letras

MESTRADO EM LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUAS

RELATO DE FUTEBOL: IMAGEM SONORA EM MUDANÇA

Mestrando: Jorge Manuel Cardoso Damasceno
Orientador: Dr. Carlos A. M. Gouveia
Tese em Análise Crítica do Discurso e Linguística Sistémico-funcional
Janeiro 2003

É preciso, contra o saber, criar saberes e, contra os saberes, contra-saberes.
Boaventura de Sousa Santos (1996: 93)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Carlos Gouveia e à Prof. Dra. Ludwina van Son, pela orientação recebida, e pelos conselhos e observações, manifesto o meu reconhecimento e a minha gratidão.

Ao Daniel Matos e à esposa, pela amabilidade de efectuarem uma das gravações de relato radiofónico para este trabalho.

À Salomé, pela ajuda no âmbito da informática e pela paciência que revelou em relação a ambos (a mim e à Tese).

À Piedade, pela revisão e pelas sugestões no âmbito dos dois últimos capítulos.

Em geral, o meu agradecimento a todos os que me incentivaram e apoiaram ao longo deste percurso.

Índice

Capítulo I - Introdução

1. Objectivos	10
2. Questões de investigação	11
3. Pressupostos teóricos	14
5. Resumo dos capítulos	15
5.1. Quadro teórico-metodológico	15
5.2. Análise de texto	16
5.3. Prática discursiva e prática sociocultural	16
5.4. Conclusão	17

Capítulo II - Quadro Teórico-Metodológico

1. Pós-modernidade e mudanças socioculturais	19
1.1. Aspectos distintivos da comunicação mediatizada	23
1.2. O relato de futebol: uma prática discursiva singular	26
2. Gramática sistémico-funcional	29
2.1. Contexto: género e registo	33
2.1.1. Contexto sociocultural	35
2.2. Macrofunções	36
2.2.1. Macrofunção ideacional	36
2.2.2. Macrofunção interpessoal	38
2.2.3. Macrofunção textual	39
2.2.3.1. Tema marcado	41
2.2.3.1. Tema simples vs. Tema múltiplo	43
3. Análise Crítica do Discurso	44
3.1. Ideologia	47
3.2. Ordem de discurso	50

4. Aspectos metodológicos da análise	54
4.1. Uma abordagem tridimensional da Análise Crítica do Discurso	...						54
4.1.1. Textos	55
4.1.2. Práticas discursivas	56
4.1.3. Práticas socioculturais	56
4.2. <i>Corpus</i>	57
4.2.1. Amostra	57

Capítulo III – Análise de Texto

1. Aspectos da análise e do tratamento de dados	60
1.1. Unidades de análise	60
1.2. Procedimentos	61
1.2.1. Transcrição	61
1.2.2. Codificação	62
2. Transitividade no RF	63
2.1. Momentos do Jogo	63
2.1.1. 1º Momento de Jogo: Excertos 1–3	64
2.1.2. 2º Momento de Jogo: Excertos 4–6	68
2.1.3. 3º Momento de Jogo: Excertos 7 – 9	70
2.1.4. 4º Momento de Jogo: Excertos 10 – 12	72
2.1.5. Circunstâncias	73
2.2. Variantes de registo no RF	74
2.2.1. Sub-registo Relato Comentado (Excertos 1–6)	80
2.2.2. Sub-registo Relato Objectivo	83
2.3. Relato de futebol na rádio...	85
2.3.1. Relato Comentado	86
2.3.2. Relato Objectivo	88
2.4. Relato de futebol na televisão	89
2.4.1. Relato Comentado	90
2.4.2. Relato Objectivo	91
3. A organização funcional da mensagem no RF	93
3.1. Tema marcado vs. não-marcado	93
3.2. Tema múltiplo	98

Capítulo IV - Práticas discursivas e socioculturais

1. A prática discursiva do Relato de Futebol	103
1.1. Processos discursivos do RF	104
1.1.1. A ‘Imagem Sonora’	104
1.1.2. A conversacionalização do RF	106
2. Prática Sociocultural	108
2.1. Ordem de Discurso	110
2.2. Tecnologização do discurso	111

Capítulo V - Conclusão

1. O RF como texto linguístico	117
1.1. Características linguísticas do RF	117
1.2. Sub-registos do RF	119
1.2.1. Relato Objectivo	119
1.2.2. Relato Comentado	119
1.3. Rádio vs. Televisão	120
2. Interpretação - Prática Discursiva	121
3. Explicação - Prática sociocultural	123
Referências bibliográficas	126
Apêndice – Transcrições	131

Índice de Figuras

Fig. 2.1.	Modelo tridimensional de Análise Crítica do Discurso	54
Fig. 3.1.	Excertos 10-12: Participantes	73
Fig. 3.2.	Excertos 1–12: Processos.	75
Fig. 3.3.	Relato Comentado: Processos	81
Fig. 3.4.	Excertos 1–6: Participantes	82
Fig. 3.5.	Relato Objectivo	83
Fig. 3.6.	Excertos 7-12: Participantes	84
Fig. 3.7.	Relato radiofónico	86
Fig. 3.8.	Rádio - Relato Comentado: Participantes	87
Fig. 3.9.	Rádio - Relato Objectivo	88
Fig. 3.10.	TV: incidência global dos processos	90
Fig. 3.11.	Relato televisivo nos dois sub-registos	90
Fig. 3.12.	Televisão - Relato Comentado	91
Fig. 3.13.	TV – Relato Objectivo: Participantes	92
Fig. 3.14.	Temas múltiplos	99

Índice de Quadros

Quadro 2.1.	Organização do <i>corpus</i>	58
Quadro 3.1.	Tabela de identificação de constituintes ideacionais e textuais						62
Quadro 3.2.	“Coding-sheet”...	63
Quadro 3.3.	Sucessão de processos relacionais		65
Quadro 3.4.	Predomínio de processos relacionais no excerto 2				66
Quadro 3.5.	Predomínio de orações materiais e relacionais no excerto 4	...					68
Quadro 3.6.	Predomínio “material” no Relato Objectivo			71
Quadro 3.7.	Circunstanciação por excerto	74
Quadro 3.8.	“a bola” como Actor	76
Quadro 3.9.	Accções materiais a que se associa o Actor ‘a bola’				77
Quadro 3.10.	Totais de ocorrência de cada tipo de Actor			77
Quadro 3.11.	Profusão da Localização no Relato Objectivo...			79
Quadro 3.12.	Orações típicas do Relato Objectivo		85
Quadro 3.13.	Relato televisivo: Processos	89
Quadro 3.14.	Temas marcados vs não marcados		95
Quadro 3.15.	Processos e Circunstâncias em posição temática				96
Quadro 3.16.	Processo como Tema Marcado		98
Quadro 3.17.	Tema simples vs. Tema múltiplo		99
Quadro 3.18.	Tipos de Tema múltiplo	100

Convenções de transcrição

REL	Relator
REL1	Primeiro relator
REL2	Segundo relator
REP	Repórter
REP1	Primeiro repórter
REP2	Segundo repórter
COM	Comentador
EST	Estúdio (coordenador de emissão a partir do estúdio)
[<u>abc</u>]	Sobreposição de fala
	Segmentação
(2)	Número de oração
(...50)	Conclusão de segmento interrompido por uma oração intercalada
XXXXXX	Expressão imperceptível

Capítulo I

Introdução

1. Objectivos

É corrente considerar-se o relato de futebol, doravante (RF), como um discurso estereotipado e situado algo fora da norma linguística. Por outro lado, não é raro ser apontado como um discurso que se revela algo infiel à realidade dos factos observados pelos jornalistas sobre o relvado de jogo e configurados linguisticamente para o ouvinte.

Com a finalidade de contribuir para clarificar a validade das questões atrás enunciadas, parto da formulação de Halliday (1973: 141), segundo a qual a natureza da língua está directamente ligada com as necessidades que é chamada a satisfazer na vida diária. Este posicionamento teórico permite, à partida, encarar o relato de futebol como um discurso resultante das circunstâncias específicas em que é produzido. De facto, o RF apresenta-se como um processo efémero, instantâneo, muito original e muito interessante de verbalização de um espectáculo movimentado, interactivo, colorido e repleto de pormenores e de peripécias, que consegue, de algum modo, substituir a imagem televisiva, constituindo uma alternativa válida à televisão e, porventura, à comparência dos adeptos de futebol no próprio estádio, para assistirem à partida.

O presente estudo segue o posicionamento teórico deste autor, com o objectivo de analisar a prática discursiva do relato de futebol, tentando verificar a relação entre as suas vertentes linguística e sociocultural. A partir desta finalidade, a prossecução deste trabalho encerra os seguintes objectivos específicos:

- a) identificar as características linguísticas deste tipo de discurso;
- b) relacionar o texto oral produzido pelos jornalistas com os processos discursivos que o compõem e,
- c) explicar os contornos deste tipo de discurso como forma de prática sociocultural, relacionando-o com as instituições em que está inserido.

2. Questões de investigação

Como ouvinte assíduo das reportagens desportivas da rádio, parece-me pertinente analisar o relato de futebol, nas versões radiofónica e televisiva, abordando a relação entre o texto oral produzido e o contexto social que o motiva. Seguindo os ensinamentos da Análise Crítica do Discurso, trata-se de analisar e explicitar a interação existente entre o discurso e a sociedade, como refere, por exemplo, Fairclough (1995: 65):

It is I believe important both for linguists to be sensitive to how discourse is shaped by and helps to shape social structures and relations, and for sociologists to be sensitive to how social structures and relations are instantiated in the fine detail of daily social practices, including discourse.

A concepção multifacetada do discurso, atrás enunciada, permite clarificar alguns aspectos que se afiguram relevantes para o estudo do RF, tendo em consideração: (a) a sua vertente linguística, (b) o seu carácter eventualmente manipulativo, do ponto de vista sociolinguístico, (c) os procedimentos de selecção e de transformação das fontes de informação, adoptados pelos *media*, e (d) a adaptação do discurso do RF às características e às expectativas da audiência.

Relativamente à primeira questão, a vertente linguística do RF, e partindo da convicção fundamental de que o jornalista-relator não existe isoladamente, sendo, muito pelo contrário, porta-voz de grupos e de categorias sociais, constituindo-se como produto linguístico e agente de constituição desses mesmos grupos e categorias sociais (cf. igualmente v. Dijk (1997: 3), o presente estudo poderá contribuir para uma visão mais completa, não só das características linguísticas do RF, como também da natureza do contexto em que este é produzido, o que implica reconhecer, no discurso, as marcas das contingências socioculturais que interferem na sua produção.

Assim, é importante ter em consideração que o discurso do relator “corre atrás da bola”, tal como o fazem os jogadores, adaptando-se à maior ou menor velocidade com que os acontecimentos se desenrolam. De facto, não só a rapidez do jogo, como também as características emocionais associadas à reportagem do espectáculo futebolístico, tornam muito problemático o raciocínio objectivo e a satisfação do desígnio informativo dos jornalistas. As componentes espectáculo, emoção e incerteza são parte integrante do jogo e, por conseguinte, dos processos discursivos dos relatores e dos comentadores, o que confere, necessariamente, ao texto do RF características linguísticas peculiares.

Quanto ao carácter eventualmente manipulativo do RF, o segundo aspecto a considerar remete-nos para o facto de o repórter executar a sua tarefa informativa em condições especiais de produção de fala, realizando um nível elevado de débito, que pode atingir a articulação de sete palavras por segundo (cf. Vigliocco & Hartsuiker, 2002). Sem tempo suficiente para monitorizar o seu desempenho, o relator não poderá evitar que sejam detectados no seu discurso eventuais distorções da realidade observada, que poderão ser motivadas por sentimentos de pertença social, profissional ou clubística. O jornalista não deixa de pertencer a um espaço social formado por um aglomerado de actores sociais, cujo estatuto de pertença é tanto mais forte, quanto maior é a sua centralidade nesse espaço. (cf. Bourdieu, 1987: 151-154). Dado que o RF se interliga com outras práticas sociais e institucionais, como são o mundo do futebol, a política ou os *media*, diversos interesses socioculturais e societários poderão interferir na isenção e objectividade jornalísticas do RF.

Coloca-se igualmente a questão do carácter mais ou menos fidedigno do texto oral dos jornalistas responsáveis pela reportagem, seguindo a convicção de Stuart Hall (1992: 159) acerca da manipulação ideológica das audiências: "Texts (...) produce a representation of 'the real' which the viewer is positioned to take as a mirror reflection of the real world".

Por outro lado, é de ter presente o facto de cada sujeito não actuar exclusivamente no seio de um grupo social isolado, responsável apenas pela produção de significado de acordo com uma identidade e uma ideologia próprias. Pelo contrário, ele situa-se na intersecção de diversos grupos sociais, sendo sempre porta-voz de um discurso ideológico que pretende naturalizar uma realidade social. É essa representação do mundo social que, uma vez aceite como legítima, passa a integrar as representações mentais de outros actores sociais *desprevenidos*, os quais, posicionados ideologicamente, vão transformar e transaccionar essa visão subjectiva do mundo, formalizando-a nas práticas discursivas como testemunhas de uma *verdade* (cf. Morley, 1992: 164-165). Será que esta relação entre o texto e o sujeito social, que parece favorecer as condições para o posicionamento ideológico, poderá dificultar, a qualquer ouvinte assíduo (portanto mais exposto a este género de discurso), a tarefa de emitir uma opinião lúcida e independente acerca do jogo de futebol relatado? O esforço no sentido de clarificar os aspectos ideológicos relacionados com o relato de futebol poderá igualmente constituir uma questão relevante neste estudo.

De acordo com Fairclough (1995b:48), o discurso dos *media* passa por um processo de transformação da informação recolhida, com vista à sua adequação ao texto final e que se prende com o terceiro aspecto a considerar, *i.e.*, a prática discursiva, que consiste na produção, distribuição e consumo de textos, constituindo um processo institucional, mais ou

menos longo e linear, de selecção e edição de informação: "The production of a text is a collective process, involving journalists, producers, and various categories of editorial staff, as well as technical staff". Esta série de rotinas institucionais dos *media*, caracterizada pela transformação de materiais-fonte em texto pode ser considerada um processo manipulativo, uma vez que consiste na selecção de determinado aspecto da realidade social, e na sua transformação de acordo com as especificidades discursivas do *medium* responsável pela sua apresentação.

No que diz respeito ao quarto e último ponto, referente à adaptação do RF à realidade contemporânea, não se pode considerar a rádio como o *medium* anacrónico que luta para suprir a falta de vocação para o uso da imagem, contrariamente ao que seria de esperar. De facto, é de salientar a sua franca implantação junto do público: pelo facto de não reclamar uma atenção visual absorvente, levando vantagem em relação ao *magnetismo visual* da televisão, a rádio constitui um parceiro interlocutivo de quem viaja, trabalha ou, simplesmente, a certa altura, não pretende ficar só. Este último aspecto esteve na base de um estudo realizado há 10 anos em Inglaterra analisou a relação interlocutiva entre um programa de rádio e a respectiva audiência, composta maioritariamente por donas de casa, tendo evidenciado a correlação entre a identidade social da audiência e a necessidade de produzir um discurso adequado à natureza dessa mesma audiência, como refere o autor acerca do discurso produzido por Tony Blackburn, locutor do referido programa matinal da estação britânica *Radio 1*:

far from providing background chatter which can be ignored, he obviously intends his comments to be heard by his audience - and he knows who his audience is. The reinforcement of the dominant ideology of domesticity is definitely a function of the encoded media messages emanating from Radio 1 (Hobson, 1992: 108).

Diferida no espaço, mas não no tempo, esta interacção condiciona seriamente as linhas orientadoras do discurso produzido. No caso do RF, afigura-se pertinente verificar a existência de uma interacção semelhante, entre jornalista e ouvinte, partindo do pressuposto de que esse facto contribui para determinar tudo o que é dito e o modo como é dito.

3. Pressupostos teóricos

O paradigma funcionalista, em que se insere o presente trabalho, caracteriza-se por dois pressupostos básicos, segundo Schiffrin (1994: 22): (a) a convicção de que a linguagem tem funções que são externas à organização dos sistemas linguísticos e (b) de que essas funções externas influenciam o modo como os sistemas se encontram organizados. Esta convicção, é corroborada por um sector importante da Análise do Discurso (cf., por exemplo, Halliday, (1971:141-144), Halliday, (1973: 343-345), Kress, (1985: 4-5); Fowler & Kress, (1979:185-190)). Esta área é constituída por investigadores que acentuam a importância da relação entre o texto e o contexto, levando a Análise Crítica do Discurso (ACD) mais longe este projecto funcionalista, ao analisar a relação entre a língua e a sociedade, numa perspectiva marcadamente sociopolítica. Uma das duas vertentes funcionalistas deste estudo insere-se precisamente na ACD, cujas metas de análise levam a abordagem do discurso aos limites do contexto social. O discurso é analisado através da observação da problemática das relações sociais estabelecidas na base da ideologia, do poder e da hegemonia, não se limitando, portanto, ao contexto imediato de situação que caracteriza a AD mais tradicional. Discurso é, deste modo, entendido como a dicotomia língua / contexto social, o que dá origem a conceitos críticos que denotam intrinsecamente ambas as áreas, como, por exemplo “the analysis of discursive social power” (v. Dijk, 1996: 90), ou “the socially determined patterns of language” (Fowler & Kress, 1979: 185), interligando, portanto, o comportamento linguístico às condições sociais que o determinam.

Em face da vertente linguística da análise, a abordagem de textos resultantes dos eventos comunicativos obriga a explorar a forma como as relações sociais deixam as suas marcas no texto, oral ou escrito. Por esse motivo, a outra vertente deste trabalho insere-se na linguística sistémico-funcional. O que neste trabalho se entende texto é determinado pela noção de Halliday & Hasan, segundo os quais se define como: "any piece of language that is operational, functioning as a unity in some context of situation (...). It may be spoken or written, in any style or genre, and involving any number of active participants" (1976: 293). Assim, o texto constitui a unidade de comunicação por excelência, não só segundo os sistemicistas, como também para os investigadores que se situam no campo da ACD.

Contudo, torna-se importante clarificar a noção de texto no que respeita ao seu envolvimento sistémico-funcional, em contraste com a linguística formal. De facto, no entender de Halliday (1975: 123), a realização linguística de discurso resulta de um processo de escolha a partir de um sistema de significados, numa escala de constituência, que difere da

linguística estrutural ao articular, sucessivamente, num crescendo de abrangência, a fonologia, a lexicogramática e a semântica:

text is not made of sounds or letters; and in the same way it is not made of words and phrases and clauses and sentences. It is made of meanings, and encoded in wordings, soundings and spellings. (...) A text is a semantic unit, realized as (encoded in) phonological or ortographic units. Secondly text is choice. A text represents a selection within numerous sets of options; (...) each decision of the speaker (...) presupposes a paradigmatic environment, a set of options that have the potentiality of being selected under the given conditions.

Adoptando uma posição divergente em relação ao estruturalismo, a linguística sistémica representa, para a maioria dos analistas críticos, a componente textual da ACD, e baseia-se no facto de o sistema gramatical da língua constituir o reflexo das necessidades pessoais e sociais que esta é chamada a satisfazer (cf. Halliday, 1971:142). Deste modo, a realidade é alvo de um processo de instanciação, entendendo por instanciação, segundo Matthiesen (1994:22), a produção de significados e a sua materialização sob a forma de texto, procedendo a escolhas dentro do potencial semântico do sistema, processo que o autor designa por “logogenesis – the creation of meaning through instantiation of the system in text”. Por sua vez, os significados são realizados no texto, i.e., representados por constituintes linguísticos que se encontram sistematizados pela gramática e repartidos por três sistemas semânticos: a Transitividade, a Modalidade e a Textualidade. A partir de cada um destes sistemas, o falante efectua a sua escolha dos fraseados que considera estarem de acordo com os significados que pretende incluir no seu texto.

5. Resumo dos capítulos

5.1. Quadro teórico-metodológico

O capítulo reparte-se por diversos assuntos teóricos considerados determinantes para a investigação realizada: Pós-modernidade e mudanças sócio culturais, linguagem mediatizada, Gramática Sistémico-Funcional e Análise Crítica do Discurso.

Em primeiro lugar, procede-se a uma descrição, necessariamente sucinta, do enquadramento da problemática destas mudanças no contexto societal mais vasto da Pós-

modernidade, assim como das implicações que a crise da modernidade aporta para a identidade, o funcionamento e a linguagem dos *media* na actualidade.

A Linguística Sistémico-Funcional é alvo de uma resenha sumária, a partir dos seus fundamentos teóricos, com especial ênfase nas três macrofunções que a arquitectam e, dentro de cada uma destas, os aspectos mais relevantes que se considerou terem implicações directas na execução deste trabalho.

Discutem-se ainda as características, as metodologias e a problemática que envolvem a linguística de cariz crítico. Segue-se uma breve descrição da linha evolutiva que tem caracterizado o conceito de ideologia, desde o iluminismo até atingir os seus contornos actuais mais próximos da ACD. Todo o enquadramento teórico da ACD converge para a apresentação do modelo de Análise do Discurso de Fairclough (1985), o qual serve de base operacional à análise crítica do evento comunicativo que é abordado neste trabalho.

Inclui-se no final deste capítulo a explicitação das metodologias e dos critérios utilizados no processo de selecção, recolha e tratamento dos dados que compõem o *corpus* construído para este trabalho.

5.2. Análise de texto

O capítulo abre com a clarificação dos diversos procedimentos relativos à transcrição, à identificação e à codificação dos dados, sobre os quais incidiu a análise realizada.

Segue-se a análise ideacional do RF, abrangendo os doze excertos do *corpus*, através da verificação dos significados experienciais que são vão sendo instanciados ao longo dos textos. Tal acaba por implicar a divisão do *corpus* em dois sectores diferenciados, o Relato Objectivo e o Relato Comentado, os quais, por sua vez, são sub-divididos, na perspectiva dos *media* envolvidos na transmissão do programa desportivo analisado neste trabalho: a rádio e a televisão.

Por seu turno, a perspectiva textual da análise é dominada pela Tematização. Nesta fase do capítulo, identifica-se e sistematiza-se a ocorrência dos temas marcados e dos não-marcados, assim como dos Temas simples e dos múltiplos.

5.3. Prática discursivas e socioculturais

Partindo da análise textual e da caracterização das propriedades linguísticas do RF já efectuada no capítulo anterior, passa-se à abordagem da relação entre o texto produzido pelos jornalistas e a prática discursiva que configura. Descrevem-se os principais constrangimentos que rodeiam este tipo de reportagem, assim como os principais recursos discursivos

evidenciados por esta prática discursiva, como a conversacionalização do discurso e a ‘imagem sonora’ virtual dos acontecimentos mais importantes do jogo.

Por último, passa-se a explicar a relação entre o texto e o contexto institucional e societal em que o RF está inserido, e que condicionam a sua produção. Dá-se especial atenção às mudanças socioculturais que afectam a sociedade, assim contribuindo para reestruturar as práticas discursivas e, por conseguinte, o discurso dos jornalistas.

5.4. Conclusão

Neste último capítulo, procede-se a uma sistematização das principais características do RF, incluindo os sub-registos Relato Objectivo e Relato Comentado. Compara-se igualmente os traços gerais observados nos textos de ambos os *media* responsáveis pelo género reportagem: a rádio e a televisão.

Ao nível da interpretação, esta resenha inclui ainda o escrutínio do discurso do RF, dando-se relevo à interação entre jornalista e ouvinte, que se encontra condensada nos textos, assim como aos reflexos desta interação nos processos discursivos que se verificam no RF.

Por último, no que respeita à relação entre o texto e as práticas institucionais, i.e., como a produção textual constitui a materialização linguística dessas práticas, considera-se que a instabilidade discursiva revelada pelo RF está relacionada com as constantes mudanças socioculturais que caracterizam as sociedades modernas em transição na crise de pós-modernidade, com reflexos visíveis na permanente reestruturação das práticas discursivas, às quais o RF não é alheio.

Feita a clarificação da natureza e dos limites do trabalho empreendido, passamos a delinear, no próximo capítulo, o enquadramento teórico e metodológico que presidiu à análise do RF, nas suas facetas de texto linguístico, de prática discursiva e de prática sociocultural.

Capítulo II

Quadro Teórico-Methodológico

1. Pós-modernidade e mudanças socioculturais

Mudanças socioculturais incessantes caracterizam a era em que nos situamos e questionam o modo como a realidade social é vista e vivenciada, e afectam todas as práticas sociais. Estas alterações terão tido o seu início na década de 1960 (cf., por exemplo, Sousa Santos, 1996: 213) e deram origem a um período de transição da modernidade para um novo paradigma de contornos ainda mal definidos, designado por pós-modernidade. Em termos gerais, este período é definido, por exemplo, por Elliot & Turner (2001: 4), como:

a change of mood at the level of interpersonal relationships, social practices, and modern institutions. (...) it designates a break of modernity, to announce the end of history and the social, and to welcome the collapse of European or Western global hegemony.

Esta ruptura com a modernidade afecta todos os campos da vida actual, originando uma crise de relações sociais, da cultura e da política nacional (cf. Cohen & Kennedy, 2000: 90). Deste modo, têm vindo a ser questionadas todas as certezas firmes acerca da constituição da “verdade”, a par da desvalorização da importância de determinados conceitos, até agora bem alicerçados, como o liberalismo, o nacionalismo, o socialismo, que contribuíam para a uma compreensão sólida e serena da contemporaneidade. Esbatem-se igualmente as barreiras que garantiam a separação estatutária de grupos sociais, distinguiam estilos e formas artísticas e demarcavam esferas da vida social, como são os casos do trabalho e do lazer, da produção e do consumo, ou mesmo da vida doméstica e do emprego. Assiste-se igualmente à mercantilização de bens não produzidos como mercadoria, envolvendo todos os aspectos da vida cultural e social. Os *media* inundam os cidadãos com um volume cada vez maior de informação, imagens e mensagens. O consumo adquire uma importância crescente, sendo cada vez mais primordial, associando-se à tendência individual de auto-realização pessoal e de construção de um estilo de vida personalizado, em contraposição aos padrões estandardizados de regulação (idem: 91).

Perde-se, aos poucos, a noção de identidade e de nacionalismo, já que o processo político e económico tem vindo a projectar-se para além da jurisdição do Estado nacional, em virtude de um alargamento institucional e cultural que envolve relações económicas transnacionais e comunicações electrónicas instantâneas (cf. Elliot & Turner, 2001: 5). A globalização é uma das marcas dessa ruptura entre modernidade e pós-modernidade. No contexto cultural, as práticas transnacionais originam, ainda segundo os mesmos autores (ibidem, 5), um novo padrão de subjectividade:

The result is a new fragmentation of experience, erosion of core distinctions between mind and world, or self and society, and a schizophrenic shattering of the self. Here personal and cultural life becomes disarmingly episodic fracturing, inconsequential, and fleeting.

As mudanças em curso geram uma sensação de vazio de subjectividade; a ideia de garantir a liberdade e a individualidade de cada cidadão revela-se incompatível com a necessidade, por parte do corpo social, de controlar e de regular os indivíduos, no plano social, político e económico, sendo este aspecto, o excesso de regulação, uma das características importantes da modernidade, como salienta, por exemplo, Boaventura de Sousa Santos (1996: 207):

Ao consistir em direitos e deveres, a cidadania enriquece a subjectividade e abre-lhe novos horizontes de auto-realização, mas, por outro lado, ao fazê-lo por via de direitos e deveres gerais e abstractos que reduzem a individualidade ao que nela há de universal, transforma os sujeitos em unidades iguais e intercambiáveis no interior de administrações burocráticas públicas e privadas, receptáculos passivos de estratégias de produção, enquanto força de trabalho, de estratégias de consumo, enquanto consumidores, e de estratégias de dominação, enquanto cidadãos da democracia de massas.

O papel de centralidade desempenhado pelos *media* na articulação entre os espaços público e privado, no âmbito da estratégia de dominação do indivíduo por parte do colectivo social não é propriamente específico da época actual; tampouco será a ideia de poder, ou de diferenciação de classe social. Com a lenta, mas crescente, implantação da democracia, assim como do Estado Social, que desempenhou um papel preponderante na emergência e no

desenvolvimento da esfera pública, tendo ainda em conta o desenvolvimento tecnológico, o crescimento da economia de mercado e a consequente explosão da comunicação, o séc. XX alterou a dicotomia esfera pública / esfera privada. Dos grupos constituídos por indivíduos que exerciam a sua opinião relativamente aos diversos aspectos da vida social, como a política, ou a arte, por exemplo, assistiu-se à constituição de um aglomerado social indiferenciado e sem textura, formada por indivíduos isolados, desligados entre si, mas, paradoxalmente, actuando em conjunto, que se passou a designar por ‘massa’, como descreve o sociólogo Pissarra Esteves (1998: 211-215):

o desenvolvimento da modernidade deu lugar a um tipo particular de sociabilidade, antes desconhecida: as relações sociais que resultam da intensificação da vida urbana e da industrialização, próprias das aglomerações urbanas extremamente numerosas (...) formam o que habitualmente apelidamos «massa». (...) Na medida em que a massa se forma com a indexação de indivíduos anónimos e isolados, não é sequer imaginável que a partir dela haja alguma vez lugar a qualquer tipo de afirmação subjectiva.

Os membros desta massa são anónimos e inoperantes a nível individual. Apenas de um modo simbólico conseguem contribuir para a coesão do grupo. Os públicos tradicionais são substituídos por uma massa constituída por sujeitos sociais sem opinião formada, tornada o principal agente da opinião pública em estreita relação com o Estado enquanto entidade pública, mas é manipulada por este. A este processo não são alheios os *media*, cuja legitimidade é indissociável da sua inserção no metabolismo social.

A popularização e a influência crescentes dos *media*, ao longo do séc. XX, possibilitaram, por um lado, anular a afirmação individualizada de cada sujeito social e substituí-la por uma outra, fabricada a partir de padrões artificiais. Uma vez conseguida a normalização do indivíduo, estava aberto o caminho para a construção discursiva desse sujeito, segundo normas convencionadas, dada a receptividade de cada actor social para aceitar como válido o discurso proferido com legitimidade política inquestionada. Bourdieu (1987: 164-165) clarifica o modo como esta legitimidade simbólica constitui um instrumento que revela a utilidade de moldar a realidade social de acordo com padrões previamente planificados:

Le pouvoir symbolique est un pouvoir de faire des choses avec des mots (...) un pouvoir de consacrer ou de révéler des choses qui existent déjà (...) c'est le pouvoir de faire des groupes, de manipuler la structure objective de la société.

Estamos assim perante a performatividade ampliada ao campo sociológico da estruturação e da relação grupal, de cujo interior emerge uma luta permanente pela hegemonia, pelo monopólio da legitimidade oficial atribuída pela palavra. Ainda de acordo com o mesmo autor, um exemplo deste mecanismo constitutivo da realidade social pode encontrar-se na atribuição de títulos sociais (nobiliários, académicos, *etc*), que conferem ao outorgado uma hegemonia automática, assente em poderes reconhecidos à data de atribuição e sedimentados ao longo das lutas hegemónicas anteriores (*idem*). Deste modo, o discurso é considerado, socialmente performativo, visto que se assume como um instrumento de constituição da diferença e da estratificação de natureza social, de acordo com as quotas de capital simbólico que são permanentemente atribuídas. A delimitação simbólica da diversidade e da diferença passa, assim, a existir politicamente como significante. Para Bourdieu, o poder é simbólico numa perspectiva semiótica (*ibid.* 160-166). Ao mundo real, objectivo, é aplicada uma discursivização subjectiva, que pretende construir uma realidade social e naturalizá-la, transformando-a em senso-comum, aceite como verdadeira, com o objectivo de satisfazer objectivos de regulação da interacção social e, conseqüentemente, das práticas discursivas.

Uma vez que o discurso mediatizado é um instrumento de valor estratégico para impor uma *verdade* social do mundo, naturalizando, i.e. transformando em senso-comum aquilo que é afinal de contas subjectivo, esta faceta do poder, de natureza simbólica, enquanto administrado sistematicamente através dos *media*, adquire as propriedades de *mediação simbólica* e remete-nos para a análise da sua importância na encruzilhada de outros campos sociais e das lutas pela hegemonia e pela dominação.

A crescente complexidade da vida moderna, em contraste com a falta de esclarecimento da opinião pública, contribui para reforçar o desígnio informativo dos meios de comunicação social. À massa politicamente difusa e socialmente heterogénea, constituída por actores sociais politicamente indecisos é, paradoxalmente, concedida actuação no espaço público. Esta realidade de intervenção política é marcada pelo estereótipo do indivíduo sem opinião própria nem actuação autónoma, mas que detém a “capacidade” de delegar democraticamente a legitimidade de decisão em quem revela melhor eloquência para o convencer. Seguindo a perspectiva de Breton & Proulx (1997: 252-253) acerca da permanente

falta de esclarecimento da opinião pública, trata-se de um indivíduo “incapaz de saber exactamente o que quer (...) receptivo aos *media* que utiliza como bússola (...), aberto à argumentação, porque tem necessidade de se deixar convencer (...) bom cliente da propaganda e do domínio dos *media*.” É, assim, um sujeito que intervém (ou não) política e socialmente no interior, não de um grupo que ostenta uma imagem definitivamente marcada, do ponto de vista sócio-político, mas dentro de uma vasta massa em permanente transformação social, ideológica e, conseqüentemente, de opinião, de acordo com a instrumentalização de que é alvo por parte do *marketing* político (cf. Bourdieu, 1989).

A opinião pública é deste modo um metabolismo social, no qual o discurso ocupa uma posição central. Cada actor social desempenha o seu papel interlocutivo, na medida em que é objecto de uma discursivização permanente acerca da realidade social, mas constitui simultaneamente um factor de legitimação do poder, a partir do momento em que, de um modo consciente ou inconsciente, aceita, transacciona e contribui para a naturalização dessa “verdade” subjectiva, ideológica.

1.1. Aspectos distintivos da comunicação mediatizada

Mais do que uma forma de desporto, o futebol é actualmente um meio de entretenimento de massas, fruto da evolução da sociedade pós-industrial e da função do desporto na sociedade. Ao passar a ser objecto de reportagem mediatizada, *i.e.*, da transmissão de um acontecimento, leando-o até junto da audiência a que se destina e transformando-o num produto estandardizado que se adequa às características do *medium*, o desporto passa a assumir a dimensão de espectáculo; dado que a linguagem dos *media* reflecte a sociedade, seleccionando, construindo e transaccionando informação que reproduz relações sociais existentes, as transmissões dos jogos de futebol constituem uma forma de prática social, passando, assim, a ser um veículo de transmissão de valores sociais. O relato de futebol é, portanto, um veículo de socialização.

Analisar a linguagem dos *media*, perspectivando a sua relação com uma opinião pública difusa, num quadro de crescente mudança sócio-cultural, pressupõe o entendimento da dimensão sociopolítica do discurso, *i.e.*, da linguagem enquanto instrumento de interacção, de comportamento social e de hegemonia de um grupo sobre outro, cujo produto discursivo resulta da interacção entre sujeito social e instituição e, por sua vez, entre esta e o plano societal mais abrangente. Esta perspectiva, segundo Winfried Schulz (2003: 3), apela para a condição mediática dos conteúdos transmitidos, possibilitando o acesso dos indivíduos aos aspectos da realidade social que, de outro modo, estariam fora do seu alcance. Mas para além

dos *media* como janela para o mundo, a mediatização tem ainda a função de aproximar os próprios actores sociais, tornando possível, deste modo, a criação do espaço público, um *forum*, para o qual convergem intervenientes com determinadas afinidades sociais.

A mediação é encarada pelo sociólogo Stuart Hall (1992: 130) como um processo de codificação e decodificação influenciado por variáveis de natureza psicológica e sociológica, diversificadas, subjectivas e pouco susceptíveis de quantificar:

The broadcasting structures must yield encoded messages in the form of a meaningful discourse. The institution-societal relations of production must pass under the discursive rules of language for its product to be 'realized'. (...) Before this message can have an effect (...) it must first be appropriated as a meaningful discourse and be meaningfully decoded. It is this set of decoded meanings which 'have an effect', influence, entertain, instruct or persuade, with very complex perceptual, cognitive, emotional, ideological or behavioural consequences.

Esta particularidade de os próprios *media* decidirem sobre a estandardização das fontes, impondo-lhe as transformações consideradas necessárias até esta atingir um padrão pré-determinado e adequado, de modo a servir os parâmetros pré-estabelecidos, é designado por mediatização. Este fenómeno tem origem, segundo Schulz (2003: 4), no desenvolvimento e na preponderância do *medium* televisão, constitui um marco de mudança sociocultural e afecta a percepção da realidade social, o comportamento e as relações interpessoais dos indivíduos.

Torna-se, assim, indispensável uma abordagem, mesmo que sumária, dos aspectos de natureza sociológica e sociolinguística (ideologia, hegemonia, poder, dominação, *media* e opinião pública), que são parte integrante das práticas discursivas e determinam a análise textual, quer a nível escrito, quer a nível oral. Ao considerar indissociáveis língua e sociedade, a ACD encontra-se no centro de articulação de todas essas tendências, assumindo, assim, um papel de destaque na análise social.

Neste quadro de construção social da realidade, o discurso desempenha um papel fulcral no exercício do controlo sobre o cidadão da democracia de massas. Dimensões discursivas, como a ideologia, surgem integradas nos aspectos intrínsecos dos *media*, como a informação ou o espectáculo. Fairclough (1995b: 2), ao referir-se, não só ao papel significativo que os *media* desempenham durante as campanhas eleitorais, como também à

capacidade daqueles de transformar um acontecimento trágico numa cobertura jornalística espectacular, reconhece-lhes uma certa forma de poder, em virtude da sua capacidade de determinarem a forma como os acontecimentos são apresentados ao público e influenciarem o modo como por este são descodificados:

The common theme of these events is the power of the mass media. The power of the media to shape governments and parties, to transform the suffering of the South (rooted in exploitation by the North) into the entertainment of the North (...) the power to influence knowledge, beliefs, values, social relations, social identities.

Este posicionamento social de destaque assumido pelos *media* advém da sua natureza intrínseca e determina a sua importância na confluência das relações sociais. A análise da capacidade dos *media* de continuamente interferirem na construção da realidade social implica, não só a verificação das marcas que este processo deixa gravadas no discurso, como também a sua interpretação, ou seja, o processo de descodificação de significados sociais aí expressos (cf. Fowler & Kress, 1979: 196). Materializam-se, portanto, duas tendências científicas de base: uma primeira vertente debruça-se sobre o discurso na perspectiva da análise social, enquanto uma segunda se situa mais próxima dos estudos linguísticos.

O discurso mediatizado não se resume à simples produção de um determinado evento que é mediatizado para fins de consumo privado. Assume, pelo contrário, a forma de cadeia de eventos comunicativos, dada a complexidade e a multiplicidade de processos envolvidos na selecção, produção de informação para consumo público, como revela Fairclough (1995b: 49-49):

The production of a text is a collective process, involving journalists, producers, and various categories of editorial staff, as well as technical staff. (...) The production of media texts can thus be seen as a series of transformations across what I earlier called a chain of communicative events which links source events in the public domain to the private domain consumption of media texts.

Há ainda a destacar a questão de saber quem realmente tem acesso ao discurso mediatizado, pelo facto de as fontes serem objecto de uma selecção criteriosa. Este processo de escolha sofre diversos condicionalismos de natureza económica e política, seguindo rotinas

previamente estabelecidas, de produção e de distribuição, que tendem a concentrar-se na escolha de assuntos considerados ‘news-worthy’, i.e., adequados a uma lógica estrita de mediatização; por outro lado, e em consequência, subsiste ainda a questão do controlo e da legitimidade de quem deve e pode contribuir para a comunicação desenvolvida no espaço público (cf. Hargreaves, 1987: 142):

Organizations which are not perceived as legitimate (...) are excluded or more rarely referred to. (...) The result is a predominantly establishment view of the world, manifested textually in, for instance, ways in which the reporting of speech is treated.

O discurso dos *media* é igualmente marcado por uma tensão entre a produção e o consumo de texto mediatizado, em que o repórter assume a identidade de mediador entre espaço público e espaço privado (cf. Fairclough, 1995: 49). Apesar de o ouvinte não poder contribuir directamente para a produção discursiva e sofrer o impacto do discurso público, encontra-se aí inscrito, o que contribui para a reestruturação do discurso, o que vem originar, no entendimento de Fairclough (1995b: 64), “uma complexa dialética entre o discurso dos *media* e o discurso conversacional da vida corrente”.

No entanto, todos estes processos de interacção entre as esferas pública e privada encontram-se em permanente mutação, em consequência das constantes mudanças que se verificam actualmente nas relações institucionais e sociais. Cada vez com maior frequência, ajustamentos socioculturais permanentes conferem ao discurso formas e conteúdos diversificados e contraditórios, sob a forma de tecnologização do discurso, processo que consiste, (como se verá em pormenor na secção 2 do presente capítulo) na reestruturação da ordem de discurso dentro das instituições, retirando ao discurso o seu carácter de espontaneidade, controlando-o, de acordo com uma programação discursiva institucional.

Estas reestruturações discursivas têm vindo a ser alvo de análise, dada a sua importância como indicador das tendências sociais e, consequentemente, linguísticas, cifrando-se como um objecto de estudo que Fairclough (1995b) designa por “engineering of social change”.

1.2. O relato de futebol: uma prática discursiva singular

O RF particulariza um tipo de prática discursiva com marcas contextuais específicas. Assume a forma de reportagem, cujo objectivo é dar conta de acontecimentos em directo, que, neste caso específico, se desenrolam a uma velocidade por vezes vertiginosa, originando um

discurso, também ele, vertiginoso. Já em 1994, um estudo efectuado tendo como objecto um desafio de futebol de alta competição, a contar para uma competição europeia, dá-nos conta da identidade discursiva específica do relato de futebol:

A situação de um relato de futebol é pautada pela máxima imediatez na descrição dos acontecimentos em curso, reforçada por uma grande velocidade de locução. (...) a imediatez e a velocidade de locução implicam, neste discurso oral estereotipado, a utilização de um léxico concreto e rigoroso que permita uma identificação precisa do real, reduzindo ao mínimo os elementos responsáveis por essa articulação. (Pereira & Garcia, 1994: 44-46).

A esta descrição deve ser acrescentado o factor constituído pela ausência da imagem (no caso do relato radiofónico). Para poderem discursivizar os acontecimentos sem “ficar nas covas”, parafraseando a expressão que denota o lance em que um defesa lateral é batido em velocidade por um avançado, os Relatores possuem um vasto repertório de expressões muito usuais e estereotipadas, que funcionam como blocos semânticos pré-existentes na memória prontos a serem utilizados de um modo automático. Seguem-se alguns exemplos de “futebolês”, de entre uma vasta quantidade de expressões que, por ocorrerem inúmeras vezes ao longo do relato, caracterizam este tipo de discurso:

- bola batida;
- jogadores acantonados na área;
- a pisar os calcanhares;
- o árbitro diz que não é nada;
- estorvar a acção;
- está solto de marcação;
- canto de mangas arregaçadas;
- tira o cruzamento;
- a tentar sair com a bola controlada;
- (...)

Uma das dimensões do presente estudo incide sobre os diferentes discursos produzidos por diferentes vozes na reportagem radiofónica do jogo de futebol. A figura do jornalista-relator pode assumir uma de várias vozes: Relator, Comentador, Repórter. Estas

correspondem a diferentes papéis desempenhados pelos vários elementos de uma equipa de Jornalistas, e não apenas um Relator, todos eles a presenciar o jogo com a mesma função de Repórter, actuando embora com funções diferenciadas, em locais específicos situados em redor do local do acontecimento. Esta disposição da reportagem em diversos pontos do local do jogo origina posicionamentos diferentes de cada um dos Jornalistas, face aos factos observados dentro e fora do campo; estamos, por conseguinte, em presença de discursos algo diferenciados, apesar de pertencerem ao mesmo registo - relato de futebol.

As funções destes três tipos de jornalistas relatores são as seguintes: o relator propriamente dito tenta construir ideacionalmente uma imagem aproximada dos acontecimentos; o repórter, pelo facto de operar mesmo junto aos limites do relvado, tem a incumbência de complementar o relato com pormenores considerados relevantes, no momento da jogada relatada, com vista à melhor compreensão dos factos por parte dos ouvintes; o comentador, por seu turno, sentado ao lado do Relator, vai tecendo considerações gerais, pouco pormenorizadas, sobre o desenrolar do encontro. Tais diferenças de função observam-se com clareza nos três exemplos seguintes, produzidos, respectivamente, por Relator, Repórter e Comentador. As transcrições contêm diversos símbolos relativos à segmentação e à numeração das orações que serão analisadas no próximo capítulo e foram alvo de clarificação na lista de convenções de transcrição atrás apresentada:

- (a) **REL2 (9)** Tozé vai largar ||(10) largou ||(11) deu para Antchouet ||(12) Antchouet tudo prá direita Bezirovič ||(13) na área está Detinho ||(14) Antchouet vai pra lá ||para (15) 4 do Sporting 2 do Leixões na área ||(16) é difícil ||(17) ainda assim Bezirovič tira o cruzamento ||(18) era para Detinho || (19) a bola vem cá para o outro lado

- (b) **REP1 (16)** é fora da área ||é (17) eu não tive dúvidas nenhuma || (18) eu estou atrás da baliza do guarda-redes Nelson || agora de facto (19) concordo contigo || (20) o cartão é que eu tenho dúvidas ||se não (21) seria cartão encarnado para André Cruz

- (c) **COM (27)** é ||mas nestas circunstâncias de facto (28) eu creio ||(29) que o Olegário Benquerença optou e bem pelo cartão amarelo para o André Cruz

A outra dimensão da presente abordagem do RF resulta dos diferentes *media* habitualmente envolvidos neste tipo de reportagem. De entre o total de doze excertos de relato de futebol analisados neste trabalho, oito são de relato radiofónico e quatro são de relato televisivo.

A diferença do discurso televisivo em relação ao relato radiofónico é marcada pela presença da imagem. O facto de o telespectador ter acesso ao visionamento, em directo, dos acontecimentos do jogo, torna supérfluas algumas características deste tipo de discurso, como os exemplos de “futebolês”, embora não se possa dizer que as mesmas estejam totalmente arredadas do relato da televisão. A preocupação em construir enunciados que tentam reproduzir a realidade com o máximo de rigor e de pormenor dá lugar às referências simplificadas dos intervenientes em acção, em cada momento, acompanhadas de referências gerais do contexto físico situado para além das imagens captadas pelas câmaras, isto é, fora do alcance visual do telespectador.

2. Gramática sistémico-funcional

A linguística funcional baseia-se na correlação entre as estruturas da língua e as funções a que cada uma dessas estruturas está associada. Halliday (1973:142) refere, a este propósito, que as configurações formais da língua, que são sistematizadas pela gramática, estão intimamente relacionadas com as necessidades pessoais e sociais que a língua é chamada a servir. Por conseguinte, torna-se necessário situar a abordagem funcional, distinguindo duas vertentes de análise linguística: por um lado, a tradição sintagmática, com raízes na Lógica e na Filosofia, que tem desenvolvido a vertente estruturalista dos estudos linguísticos; por outro lado, a vertente de orientação paradigmática, que emerge das áreas da retórica e da etnografia, e que considera o texto como unidade de comunicação, acima do nível da frase (cf. Halliday, 1994: xxxviii).

O campo da etnografia tem contribuído significativamente para o estudo do carácter funcional da língua, sobretudo a partir do início do séc. XX com Malinowski, na sequência das suas investigações. Este autor investigou as bases funcionais que caracterizam o uso da língua, através da observação sistemática da linguagem usada pelas crianças, numa primeira fase e, posteriormente, ao escrutinar o uso da língua por parte de povos considerados exóticos, tendo deste modo influenciado decisivamente o seu seguidor nessa área, M. A. K. Halliday, que foi um dos investigadores mais activos nos estudos etnográficos, principalmente a partir de finais dos anos 1950.

Estes desenvolvimentos viriam a estar na origem da investigação prosseguida por linguistas dos meios académicos da chamada Escola de Linguística de Praga, já antes da 2ª Guerra Mundial. O principal contributo deste círculo de estudos para a linguística funcional, consistiu no desenvolvimento do conceito de estrutura informacional, considerando já o texto como a unidade de comunicação, contribuindo com a noção da estrutura Tema-Rema, embora a um nível estritamente informacional, distante do actual conceito sistémico, como será referido adiante. A designação “estrutura informacional” deve-se ao facto de os investigadores da Escola de Praga considerarem que o Tema se refere à informação dada (Given), i.e., já conhecida do interlocutor, considerando a parte restante da mensagem, o Rema, como informação nova (New), que corresponde ao conteúdo que realmente se quer transmitir. A informação dada é habitualmente colocada no início da estrutura; isto fá-la coincidir com o Tema, embora não lhe corresponda totalmente em termos funcionais. A posição sistémica relativamente a este aspecto é um pouco divergente, visto que se considera prioritária a função de Tema como organizador da oração como mensagem, como nota Fries (1994: 5):

there is no reason that Themes cannot also be topics or topic-like. Systemicists simply wish not to *define* Theme as known information so that they can account for instances in which New information is used to orient the reader/listener to what is about to follow [itálico no original].

Nas últimas décadas a linguística sistémica tem vindo a conhecer um desenvolvimento crescente, em consequência de trabalhos realizados com objectos de estudo bastante diversificados. Um desses campos de investigação, o desenvolvimento da linguagem da criança, está na base de um trabalho de Halliday (1975), que evidencia com clareza o carácter funcional da língua em uso. O autor demonstra que a progressão realizada pela criança, que foi alvo de observação, no que respeita à aquisição e utilização da língua como instrumento de interacção social, desde o aparecimento das primeiras estruturas da protolíngua até ao domínio da língua utilizada pelos adultos, constitui um valioso campo de observação e de compreensão da natureza funcional da língua. Estando fora dos horizontes deste trabalho o aprofundamento desta questão, torna-se, contudo, pertinente verificar o facto da linguagem humana ser essencialmente funcional. Tal facto decorre da relação que existe entre:

- (a) o sistema linguístico encarado como um potencial semântico, i.e., um conjunto de significados possíveis ao dispor do utente linguístico, os quais

possuem em comum o facto de estarem interligados por relações semânticas dentro de uma determinada interacção social;

(b) a realização prática desses significados sob a forma de estruturas, que são transaccionadas com o interlocutor, com objectivos comunicativos.

Enquanto o sistema linguístico do adulto articula a relação entre significado e expressão através da articulação de vários níveis (semântica, lexicogramática e fonologia), a linguagem da criança não recorre a estes níveis de forma linguística; os sons, espontâneos e imitativos da envolvimento física e social, que utiliza para efeitos comunicativos, já por volta do 10 meses de idade, realizando a correspondência entre os níveis semiológico e fonológico da língua sem fazer uso de formas lexicais (cf. Halliday, 1975: 37-44). O sistema sociosemiótico da criança apresenta características funcionais que podem ser consideradas comuns ao sistema linguístico do adulto: o potencial de comportamento da criança permite-lhe já interagir, de uma forma sociolinguística, em situações muito diversificadas, no âmbito do contexto social em que se movimenta. As limitações de natureza linguística são compensadas pelo facto de a criança já conseguir mobilizar um conjunto de funções sociais da linguagem – instrumental, regulatória, interaccional, pessoal, heurística, imaginativa e informativa – que vai desenvolvendo até à adopção definitiva da linguagem adulta, por volta dos 20 meses (ibidem, 39). Por outro lado, regista-se já a existência da opção por significados marcados e não-marcados (idem). A harmonização entre a função social da linguagem e a sua realização sob a forma de estruturas linguísticas é progressiva:

The functions themselves emerge with remarkable clarity. (...) It was possible throughout NL 1-5¹, to assign utterances to expressions, expressions to meanings and meanings to functions with relatively little doubt or ambiguity. (...) these evolve into the abstract functional components of the adult grammar system; and these components then serve as the medium for the encoding, in grammar, of the original functions in their concrete extensions as what we could call simply the ‘uses of language’ (ibidem. 40-41).

No início do seu processo de socialização, o ser humano não desenvolve propriamente a competência linguística de locutor ideal, gerador passivo de frases, dissociando a estrutura e

¹ O autor identifica as várias fases de desenvolvimento linguístico desta criança, desde a fase da protolíngua até à adopção definitiva da linguagem adulta (cf. Halliday, 1975: 147-158).

uso através da oposição entre competência e *performance* (cf. Fowler & Kress, 1979: 187); desenvolve, pelo contrário, uma competência sociosemiótica, em que o desenvolvimento da linguagem ocorre em ligação estreita com as necessidades de interacção social, como conclui Halliday (1975: 121):

In the process of building up the social semiotic, the network of meanings that constitute the culture, the child is becoming a member of the species ‘social man’. (...) Social man is, effectively, ‘sociosemiotic man’, man as a repository of social meanings.

Verifica-se assim que a relação significado/estrutura é dinamizada pela função social que a utilização da língua pretende realizar. Inversamente, e na perspectiva da análise do discurso, uma determinada estrutura, seleccionada pelo falante no âmbito de um potencial semântico, só pode, portanto, ser inteiramente compreendida, se for analisada e explicada à luz da função que essa mesma estrutura pretende realizar no âmbito do contexto que serve de enquadramento à interacção sociosemiótica, como veremos, em pormenor, na secção seguinte, que trata da Análise Crítica do Discurso.

2.1. Contexto: género e registo

A variação linguística verificada de texto para texto não pode ser interpretada apenas através da especificidade pessoal ou social de cada falante, visto que o contexto interage directamente com a produção textual e encontra-se aí inscrito, ou seja, cada texto é produzido de acordo com o contexto imediato em que está inserido e de que faz parte.

Este conjunto de variáveis físicas e sociais que influenciam o texto forma o contexto de situação, definido por Firth como a situação que constitui o enquadramento exterior ao texto, constituída pelos significados que são seleccionados e descodificados em determinadas circunstâncias (cf. Halliday 1975: 65). A noção de contexto distingue-se de uma concepção mais vasta, o contexto de cultura, definido, ainda segundo Firth (idem), como: “culture as the environment of the system, of the total meaning potential”. No caso específico do presente trabalho, poderemos considerar, de um modo geral, que ao enquadrarmos o registo do RF no âmbito do contexto da instituição discursiva do jornalismo, verificamos que o discurso produzido pertence ao género ‘reportagem’.

A ACD mobiliza principalmente as noções de género e de discurso, associando-as ao campo mais vasto da ordem de discurso que engloba as práticas discursivas, como salienta Kress (1985a: 4)²:

Both discourse and genre arise out of the structures and processes of a society; discourses are derived from the larger social institutions within a society; genres are derived from the conventionalized social occasions on and through which social life is carried on.

Podemos afirmar, portanto, que o discurso resultante do relato de futebol deve ser considerado muito para além da perspectiva de uma série de enunciados acerca de um simples jogo de futebol, já que surge na confluência de factores contextuais, nos quais se insere, e os quais realiza linguisticamente. Seguimos, a este propósito, Halliday (1994: 339) quando este autor refere que há aspectos do texto que são motivados pelo seu registo, de que é, aliás, uma instanciação:

For a text to be coherent, it must be cohesive, but it must be more besides. It must deploy the resources of cohesion in ways that are motivated by the register of which it is an instance; it must be semantically appropriate, with lexicogrammatical realizations to match (i.e. it must make sense).

Texto e contexto interagem mutuamente, numa relação dinâmica e de permanente mudança, segundo o mesmo autor: “a text is not a mere reflection of what lies beyond; it is an active partner in the reality-making and reality changing-processes” (idem). Devido a esse facto, a maneira como a língua é utilizada varia de situação para situação, ou seja, de acordo com a relação entre o texto e o contexto.

Por esta razão, o discurso resultante da prática discursiva constituída pelo RF deve ser considerada, do ponto de vista sistémico-funcional, como o resultado de dois factores discursivos: o sociocultural e o linguístico. O primeiro delimita os textos produzidos, de acordo com as normas de constituição da linguagem jornalística, ditadas pela instituição jornalismo, enquanto o segundo factor transmite aos textos um conjunto de propriedades linguísticas próprias, em consequência das condicionantes do primeiro. Os textos produzidos

² Fairclough (1985a: 10-15) ilustra igualmente a aplicação desta perspectiva no âmbito da ACD.

e transmitidos tanto pela rádio como pela televisão e identificados como RF contêm as directrizes sociolinguísticas, i.e., as marcas do discurso institucional do jornalismo em geral, as quais que servem de configuração ao género reportagem.

Segundo Eggins & Martin (1997: 236), os diversos géneros distinguem-se de acordo com as diferentes finalidades que se pretende atingir na interacção sociocultural, o que determina a especificidade linguística do respectivo registo. Género é, deste modo, o conjunto formado pelo registo e pela sua finalidade social:

Linguists define genres functionally in terms of their social purpose. Thus, different genres are different ways of using language to achieve different culturally established tasks, and texts of different genres are texts which are achieving different purposes in the culture.

A identidade sociocultural do género que enquadra o RF tem origem na natureza institucional do discurso jornalístico em geral, configurando a informação transmitida através de padrões estabelecidos, como a objectividade, a clareza, etc. Há ainda a acrescentar que os textos produzidos destinam-se a um público específico, cujo conhecimento, mais ou menos profundo, do assunto tratado dá origem à construção de um discurso de características linguísticas distintivas. Estes aspectos institucionais e sociais reúnem, um conjunto de variáveis do contexto de cultura que identificam o género. O RF sofre ainda o impacto de um conjunto de circunstâncias do contexto de situação, ou seja, as condições específicas imediatas que condicionam o discurso e o identificam como registo. Este impacto ocorre através da escolha de determinadas construções lexicogramaticais, não só identificativas, como também quase exclusivas deste registo, i.e. o conjunto de variáveis do contexto de situação as quais, ao nível linguístico, condicionam a produção do texto (cf. Eggins & Martin, 1997: 251). O enunciado (1) exemplifica a especificidade deste registo.

(1) passe à queima para João Pinto

Neste exemplo não ocorre propriamente a instanciação linguística da acção realizada (“Passa” ou então “Há um passe”); para além disso, a expressão “à queima” descreve a falta de espaço de um jogador que recebe a bola debaixo da marcação rigorosa de um adversário. Estas características, aliadas à informação produzida e transaccionada para o ouvinte, sob a forma de reportagem, identificam aspectos particulares de um registo específico, cujos traços

linguísticos próprios se diferenciam da reportagem da imprensa escrita ou da televisão, embora estas, como aquele, incidam sobre o mesmo acontecimento.

2.1.1. Contexto sociocultural

Enquanto o texto funciona como um produto discursivo, resultado da instanciação linguística das práticas discursivas, estas, por sua vez, localizam-se num universo simbólico mais vasto: o das práticas socioculturais. Este vasto universo semiótico, do qual o discurso é apenas um sector parcelar, é constituído por inúmeros campos de organização e de actuação social. A interacção destas esferas, no centro das quais a prática discursiva serve de mediador, concretiza uma matriz dinâmica de permanente transformação dos eventos discursivos. A interactividade social de grupos em constante mudança e em permanente luta hegemónica dá origem à permeabilidade discursiva de cada esfera de eventos discursivos, proporcionando uma reformulação permanente do discurso que é produzido e interpretado.

O contexto sociocultural encontra-se num processo dinâmico de permanente reformulação, como resultado das mudanças socioculturais, e molda as práticas discursivas, já que, como vimos, o discurso é constituído socialmente. A língua é assim usada para satisfazer as necessidades da interacção social, espelhando na sua estruturação essas mesmas necessidades:

An account of linguistic structure that pays no attention to the demands that we make of language is lacking in perspicacity, since it offers no principles for explaining why the structure of the language is organized in one way rather than in another. (Halliday, 1970: 141)

Todos estes aspectos dinâmicos, de natureza sociocultural e discursiva, sofrem um processo de instanciação linguística, i.e., são depositados nos textos, o que possibilita a sua análise sistemática. Daí que a análise crítica do discurso assuma uma natureza interdisciplinar que analisa as relações dinâmicas entre o discurso e as práticas socioculturais. Esta relação entre a natureza linguística do discurso e a sua faceta cultural e societal constitui o principal pressuposto da ACD e será alvo de discussão mais aprofundada na secção 3 deste capítulo.

2.2. Macrofunções

Segundo Eggins & Martin (1997:232), “a text is the weaving together simultaneously of several different strands of meanings (...)”. Os autores referem-se a três elementos

contextuais – Campo, Relações e Modo – que expressam significados de natureza distinta e são elaborados em conjunto para formar o texto. O primeiro abarca os acontecimentos sociais; o segundo refere-se à natureza dos participantes e ao papel por eles desempenhado na interação social, e, finalmente, o Modo, designa a representação simbólica, sob a forma de texto (ibidem, 238). Estas três componentes contextuais são sistematizadas gramaticalmente, fazendo-se corresponder, respectivamente, às macrofunções ideacional, interpessoal e textual. O conjunto destes três sistemas semânticos forma a essência da Gramática Sistémico-Funcional, permitindo-nos observar o discurso de um plano mais elevado, no sentido de detectar três tipos diferentes de significado que nele se podem encontrar (cada um deles integrado na respectiva macrofunção), e que são produzidos simultaneamente:

1. conteúdos, acções, estados e eventos, que representam a realidade física ou mental, e que são instanciados sob a forma de Processos, Participantes e Circunstâncias, pertencentes à macrofunção ideacional e realizados lexicogramaticalmente nos sistemas da Transitividade e da Ergatividade;
2. estratégias e posicionamentos de interação social, e relações discursivas entre locutor e interlocutor(es), que produzem significados de cariz interpessoal e são realizados no Modo Oracional e na Modalidade;
3. modos de organização e de focalização de significados específicos no interior (ou provenientes do exterior) da mensagem, empregues para ajudar o interlocutor a integrar mentalmente o conteúdo do discurso, abrangendo o sistema de coesão e de tematização, e constituem a macrofunção textual.

2.2.1. Macrofunção ideacional

Segundo Halliday (1994: 106 – 109), a imagem mental que o ser humano constrói da realidade através do uso da linguagem tem a particularidade de se decompor em três elementos experienciais básicos:

1. o próprio processo, i.e. o tipo de acção que a mensagem pretende transmitir;
2. o(s) participante(s) sistematicamente associado(s) ao processo, ou seja, a(s) entidade(s) que tomam parte no acontecimento, de um modo activo ou passivo;
3. as circunstâncias, que ocorrem anexas ao processo e que são responsáveis pelas condições em que aquele decorre.

Esta concepção tripartida da realidade, que molda a instanciação linguística dando origem a três elementos experienciais básicos acima referidos, constitui a base sobre a qual assenta a Gramática da Transitividade, expressa por Thompson (1996: 77) nos seguintes termos:

If we use functional labels, (i.e. labels which indicate the role played by each element of the representation), we can express (...) the content of clauses in terms of processes involving participants in certain circumstances.

De entre todos os elementos ideacionais que fazem parte de um enunciado, o processo ocupa um lugar central, visto que confere o tom experiencial a esse mesmo enunciado. Segundo Halliday (1994: 107), os processos do tipo material, relacional e mental constituem um grupo predominante no âmbito da Gramática da Transitividade, configurando, respectivamente, as três instâncias básicas da experiência: (1) actos e eventos, (2) estados e relações abstractas entre elementos do mundo real e ainda (3) registos mentais da nossa experiência interior. Complementando estas facetas da experiência, há ainda a registar a existência de três outros processos (verbal, comportamental e existencial), que ocupam um lugar intermédio no interior do *continuum* arquitectado pelos primeiros, referidos acima: o tipo verbal na fronteira entre relacional e mental; por outro lado o processo do tipo comportamental proporciona a transição entre mental e material e, por último, o processo existencial situa-se na intersecção dos tipos material e relacional. Os três primeiros tipos de processo formam um meio de interpretação primária, i.e., directa, da realidade, sendo também os processos habitualmente mais utilizados.

Como foi referido acima, os participantes são elementos experienciais intrinsecamente envolvidos no processo. A natureza diferente de cada um dos seis ‘goings-on’ básicos da Transitividade, isto é, das actividades da realidade espelhadas pela lexicogramática, dá origem a um grupo específico de participantes a eles associados, embora alguns possam ocorrer ligados a vários processos, como é o caso do Beneficiário, por exemplo. Outro caso específico é apresentado pelo Existente, que detém a exclusividade dos processos Existenciais. Quanto ao Experienciador, que ocorre associado a processos Mentais, ele tem a particularidade de representar sempre um ser humano³.

³ Ressalva-se, porém, o caso da metáfora gramatical, em que o significado resultante de um processo mental é transferido para uma entidade não-humana que passa a deter a função de Experienciador, como no exemplo

De entre os três elementos básicos que constituem a representação da experiência, as circunstâncias detêm uma localização mais periférica em relação ao processo, como se constituíssem apenas apêndices, tendo a função de representar as condições que envolvem a realização do processo que está a ser alvo de instanciação linguística.

Thompson (1996: 104-105) relembra, todavia, que as condições acima referidas não se apresentam compartimentadas, i.e., combinam, ao mesmo tempo, vários tipos de significado. Esta particularidade dá origem a uma grande variedade de possíveis situações circunstanciais, que Halliday (1994:151) sistematizou em 9 categorias: Localização, Extensão, Modo, Causa, Contingência, Acompanhamento, Papel, Assunto e Ângulo.

2.2.2. Macrofunção interpessoal

O uso da língua permite igualmente produzir significados que identificam o tipo de interação estabelecida entre locutor e interlocutor(es). A interação assume, na perspectiva interpessoal, o carácter de troca discursiva. Esta consiste, basicamente, em dar e pedir bens & serviços (assumindo a oração o carácter semântico de proposta), assim como dar e pedir informação (proposição), originando quatro funções discursivas básicas: oferta, ordem, afirmação e pergunta.

Acontece, porém, que as escolhas possibilitadas pelo sistema não se limitam às quatro funções atrás enumeradas. Segundo Halliday (1994: 88) há a registar um vasto campo de selecção de significados, que ultrapassa as possibilidades limitadas da Polaridade baseada apenas em dois pólos – afirmativo e negativo:

There are intermediate degrees: various kinds of indeterminacy that fall in between, like ‘sometimes’ or ‘maybe’. These intermediate degrees, between the positive and the negative poles, are known collectively as Modality.

O vasto conjunto de opções no âmbito da Modalidade resume-se a quatro tipos: probabilidade, frequência, obrigação e inclinação, que se conjugam com o tipo de troca discursiva efectuada (bens & serviços ou informação), dando origem, respectivamente à modalização e à modulação (cf. Halliday, 1994: 88-92).

No RF, a grande maioria das orações é do tipo declarativo, o que restringe a Modalidade à função de dar informação. A relação diferida com o auditório, tanto da rádio

sugerido por Halliday (1994: 344): *the fifth day saw them at the summit*, que corresponde ao fraseado congruente: *they arrived at the summit on the fifth day*.

como da TV, não perdendo o seu carácter dialógico, não deixa no texto as marcas da troca discursiva. A interacção entre os diversos jornalistas intervenientes é praticamente inexistente, limitando-se aos casos em que um dos jornalistas se candidata ao turno de fala, ou é solicitada a opinião de um comentador acerca de um lance que acaba de ocorrer. Os dois exemplos seguintes pretendem ilustrar cada uma dessas situações:

a) Jornalista-Repórter candidata-se ao turno de fala (excerto 5):

REP2 deixa-me dizer || que neste momento na tribuna VIP o Secretário de Estado
Emílio Loureiro esfuziante ainda comemorou o golo do Sporting

b) Relator solicita a opinião do Jornalista-Comentador (excerto 3):

REL Augusto Inácio o Sporting abriu ali *um verdadeiro* uma autêntica auto-estrada ||
para o Detinho furar

O facto de a interacção retratada nos exemplos atrás apresentados não ocorrer com grande regularidade no texto do RF coloca esta macrofunção como a menos saliente, tendo em conta as duas restantes, não tendo, portanto, sido incluída na análise sistemática do *corpus* abordado neste trabalho.

2.2.3. Macrofunção textual

Um outro potencial semântico, complementar aos outros dois, mas distinto destes, por ser de natureza fortemente metalinguística, i.e., estar vocacionado para a forma como os significados ideacionais e interpessoais são organizados sob a forma de mensagem, é a macrofunção textual. Segundo Matthiesen (1994: 22), por exemplo, a macrofunção textual diz respeito ao modo como a mensagem é manipulada pelo locutor, de acordo com o significado que pretende transmitir e de acordo com o que espera do interlocutor no processo de descodificação:

The third metafunction, the textual metafunction, orients towards (...) the realm of meaning. Specifically, it constructs ideational and interpersonal meanings as information that can be shared by speaker and addressee; and it enables this sharing by providing the resources for guiding the exchange of meaning in text.

No caso do relato de futebol, o discurso é directamente condicionado, de um modo imediato, pela sucessão dos acontecimentos em directo. O texto vai sendo gradualmente construído, segmento a segmento, ao sabor dos acontecimentos, i.e., à medida que o relator vai presenciando a partida e se esforça por dar notícia dos factos, transaccionando-os para o ouvinte sob a forma de orações sincopadas e, do ponto de vista do conteúdo ideacional, praticamente independentes umas das outras; contudo, seguindo a recomendação de Halliday & Hasan (1976: 291) o RF não pode deixar de ser considerado como uma unidade semântica, no seu todo, considerando que um texto é algo muito mais abrangente do que apenas um conjunto de ideias e de orações.

No Relato de futebol é habitual o discurso do Relator não contemplar mais do que alguns elementos conjuntivos a servir de ligação paratáctica às orações que vão sendo produzidas. Este aspecto coesivo resulta da instanciação de acontecimentos em série, sem margem de tempo para que o relator possa desenvolver o texto a partir da sua reflexão pessoal, ficando minimizados todos os aspectos relacionados com a progressão temática ou a coesão. São estes aspectos que marcam o grau de textura linguística do discurso, entendendo-se por textura a interligação semântica entre os elementos linguísticos do texto, do ponto de vista fonológico ou lexicogramatical.

A linguística funcional aborda a organização da mensagem a partir de dois componentes: o Tema, que compreende o início da oração (ou de um complexo oracional) e assume a função de base introdutória, sobre a qual assenta o segundo componente, o Rema, ou seja, o resto da mensagem. Uma vez que servindo o elemento escolhido para a posição temática é que serve de ponto de partida (Halliday, 1994: 38), tal implica, numa perspectiva funcional, que a selecção de diferentes Temas produz orações com significados igualmente distintos. É aliás esta característica do Tema que está na base da definição preconizada por Halliday (idem): “The Theme is one element in a particular structural configuration which, taken as a whole, organizes the clause as a message”.

As conclusões relativas ao estudo da ocorrência dos diversos tipos de Tema num determinado texto vêm-se, à partida, limitadas pela contingência da comparação dos resultados obtidos com o que se verifica habitualmente em outros registos. Um trabalho efectuado por Mohsen Ghadessy (1995) revela-se um auxiliar útil na comparação de resultados, visto incidir sobre um registo adjacente ao do RF: o comentário escrito de partidas de futebol. De facto, o *corpus* do referido trabalho é constituído por 37 artigos do jornal *The Times*, que correspondem a comentários de jogos de futebol da primeira liga inglesa. Na

perspectiva do estudo da tematização, o referido trabalho permite a comparação dos dados relativos ao discurso do RF em ambas as línguas, visto incidirem sobre o mesmo género.

2.2.3.1. Tema marcado vs. não-marcado

A análise sistemática das escolhas efectuadas para preencher a posição temática dentro de um texto revela-nos a natureza dos sucessivos significados que vão sendo colocados em destaque e a sua importância na estrutura informacional, i.e., por oposição ao Rema. A determinação daquilo que é tipicamente escolhido para a função de Tema permite observar, do ponto de vista semântico, a sucessão de significados que vão sendo produzidos no interior do texto, oração após oração.

No que respeita à realização do Tema na Língua Inglesa (que tem vindo a servir de referência à teoria sistémica), a ocorrência típica, de acordo com Halliday (1994:43), consiste na selecção de um elemento ideacional com a função de Sujeito: “The Subject is the element that is chosen as Theme unless there is a good reason for choosing something else”. A escolha do Sujeito para assumir a função temática corresponde, deste modo, à configuração que o interlocutor, por princípio, espera que aconteça. A selecção de outro elemento para esse fim alerta-o de imediato para um significado que está a ser especialmente colocado em destaque. A opção excepcional ou habitual do elemento temático determina, respectivamente, o carácter marcado ou não-marcado do Tema.

O mesmo acontece na Língua Portuguesa; no entanto, depara-se-nos aqui a questão da especificidade da língua, devido ao facto de a elisão do Sujeito ser muito frequente, contrariamente ao que sucede em Inglês. Levantam-se aqui algumas das discussões mais actuais (e polémicas) em redor da identificação das diferentes realizações do Tema em português, com implicações na distinção entre Tema marcado e não-marcado.

Perante a ausência do Sujeito, algumas opiniões⁴ prevêm a possibilidade de o Processo passar a assumir a função Temática, visto corresponder ao primeiro elemento ideacional da oração, facto que, seguindo a opinião de Martin, Matthiesen & Painter (1997: 28), é determinante para a identificação do Tema. Contudo, deve-se levar em linha de conta que, no caso em que o Sujeito, apesar de elidido, é recuperável ao nível lexicogramatical a partir da oração anterior, continua, apesar de tudo, a assumir a função de Tema (ibid, 1997: 29):

⁴ Souza (1997), Siqueira (2000) e Lima-Lopes (2001), citados em Ventura e Lima-Lopes (2001).

Where two clauses are linked by coordination – in a paratactic structure – the Subject of the second clause may be ellipsed or ‘understood’ (...) In such a case the ellipsed Subject of the second clause counts as the (ellipsed) topical Theme. Consequently, the Process is not the Theme.

Na sequência de estudos realizados no âmbito da Língua Portuguesa, outros autores já vêm manifestando a mesma opinião (Gouveia & Barbara, 2001), considerando como Tema o Sujeito ausente, em função dos seguintes dados:

- (a) a omissão do Sujeito ocorre geralmente em frases contextualizadas (não isoladas entre si), nas quais a presença do Sujeito na oração anterior permite actualizá-lo através de um procedimento lexicogramatical de recuperação do elemento em falta, a partir do local da oração onde este se encontra elidido, ou então a própria entidade denotada encontra-se presente na situação de comunicação.
- (b) O Sujeito elidido encontra-se no interior da própria oração, uma vez que é codificado morfologicamente no verbo, através da flexão em género e em número.

Por conseguinte, em casos em que, no Modo afirmativo, a oração apresenta uma estrutura temática como a que se observa no exemplo (2) abaixo, o Sujeito ausente (“Abílio”), que é facilmente recuperável a partir da oração anterior (1), deve ser catalogado como Tema, havendo ainda a acrescentar que o Tema é, neste caso, não-marcado, visto ser a opção habitual em Português, chegando mesmo a sua realização a ser considerada redundante, visto estar presente na oração, morfologicamente, através da própria flexão verbal:

- (1) vai partir prá bola **Abílio**
- (2) (*Abílio*) rematou

Já no exemplo (1) assistimos à realização de um Tema marcado. O Sujeito (“Abílio”) é explícito; no entanto, ao assumir a posição pós-verbal, é o próprio processo (“vai partir”) que passa a ser o primeiro elemento ideacional desta oração, encarregando-se excepcionalmente da função de Tema. Como esta não é a opção natural em português, o significado textual é claramente alterado, visto focalizar a acção, em contraste com o fraseado mais natural que corresponderia ao exemplo que se segue:

(3) Abílio vai partir prá bola

O exemplo acima vem colocar em evidência o carácter psicológico da realização do Tema, devido ao facto de revelar o que o falante tem em mente como elemento motiador da sua mensagem. Em (1), a configuração temática assinala (marca) que o locutor considera a acção especialmente relevante para a colocar em destaque no início da oração, neste caso dando ênfase ao processo material de iniciar uma jogada de ataque. O Tema ideacional, tem aqui a particularidade de coincidir com o próprio processo (cf. Martin et al., 1997: 24), ocorrendo o Sujeito em posição pós-verbal. Dada a sua singularidade (a ênfase pretendida pelo locutor e o facto de o Sujeito estar efectivamente presente na oração), deve-se considerar a ocorrência do Processo em posição temática como um caso de Tema marcado, uma vez que, para além de contrariar a escolha temática usual nas orações declarativas, revela a particularidade de alterar o significado associado ao enunciado.

Para além do processo, também uma circunstância pode constituir o Tema ideacional marcado, pelas mesmas razões apresentadas atrás.

(5) **REL1** (31) lá vai a equipa do Leixões para o ataque

No exemplo acima, estamos igualmente em presença de um Tema marcado, visto coincidir com primeiro elemento ideacional da estrutura, que, neste caso, corresponde a uma Circunstância de Localização Espacial. O significado textual transportado por este tipo de Tema organiza a oração na perspectiva das condições objectivas (circunstâncias), que estiveram na origem da realidade que está a ser relatada.

O facto de o Tema adquirir uma maior complexidade ao conter ainda elementos textuais e/ou interpessoais introduz uma questão distinta: o Tema múltiplo.

2.2.3.2. Tema simples vs. Tema múltiplo

O Tema contém sempre um, e apenas um, elemento experiencial, o que contribui para a identificação exacta dos elementos que, numa dada oração, se encontram em posição temática e para a caracterização funcional desses elementos:

the Theme extends from the beginning of the clause up to (and including) the first element that has a function in transitivity. This element is called the ‘topical Theme’; so we can say that the Theme of the clause consists of the

topical Theme together with anything else that comes before it. (Halliday 1994: 53)

É precisamente o conjunto formado pelos diversos elementos que, juntamente com o Tema tópico, podem igualmente assumir a função temática, que se designa por Tema múltiplo, sendo típica a sequência: textual ^ interpessoal ^ experiencial (cf. idem). O facto de os elementos textuais que podem integrar o Tema múltiplo ocuparem sempre a primeira posição da estrutura deve-se à sua natureza coesiva no interior do texto, como se depreende da observação de Thompson (1996: 134), respeitante, por exemplo, aos elementos conjuntivos: “Their function is to signal that the coming clause forms part of a larger structural unit, the clause complex, and also to signal how it relates to the other clause(s) in the complex”.

As três macrofunções que acabam de ser aqui discutidas referem-se, como vimos, às diferentes variáveis contextuais. A correspondência entre o texto e o contexto societal preside às escolhas linguísticas do falante, tendo como pano de fundo convenções sociais; o escrutínio desta correspondência materializa o principal objectivo da Análise Crítica do Discurso, que será tratada na próxima secção.

3. Análise Crítica do Discurso

CDA regards ‘language as social practice’ (...) and takes consideration of the context of language use to be crucial (...) Moreover, CDA takes a particular interest in the relations between language and power. The term CDA is used nowadays to refer more specifically to the critical linguistic approach of scholars who find the larger discursive unit of text to be the basic unit of communication. This research specifically considers institutional, political, gender and media discourses (in the broadest sense) which testify to more or less overt relations of struggle and conflict. (Wodak, 2001: 1-2)

Efectuar, de um modo conciso, no pequeno parágrafo transcrito acima, a definição de uma área multidisciplinar tão vasta, como é o caso da Análise Crítica do Discurso (ACD), obrigou Ruth Wodak a inserir num pequeno espaço uma quantidade significativa de aspectos ligados a esta área de estudos. O primeiro desses aspectos, o carácter social do uso da língua, representa a principal distinção entre a ACD e a Sociolinguística. Na opinião de alguns autores

da Linguística Crítica como Kress & Hodge (1979), a Sociolinguística caracteriza-se por uma abordagem ainda algo tímida às variáveis contextuais, com a componente estritamente linguística do discurso, o texto, a ocupar uma posição de centralidade e de relativa autonomia em relação ao contexto (cf. Wodak, 2001: 3). A Linguística Crítica primeiro e a ACD depois, sempre adoptaram uma posição funcionalista, com uma visão mais abrangente do que a da mera caracterização do papel desempenhado pelo contexto social numa dada interacção verbal. Como referem, por exemplo, Fowler & Kress (1979, 187-188), texto e contexto social interagem de um modo biunívoco:

Sociolinguistics speaks only of the influence of social structure on (the use of) language. Our analyses suggest that the influence works in the other direction as well. Language serves to confirm and consolidate the organizations which shape it, being used to manipulate people, to establish and maintain the power of state agencies, corporations and other institutions.

A ACD busca implicações de natureza sócio-política, postulando uma interligação estreita entre as relações sociais de dominação, discriminação, poder e controlo e as suas manifestações na produção textual. A Análise do Discurso, por sua vez, aborda a relação texto – contexto de um modo genérico, sem passar muito além da análise do modo como a interacção verbal é regida pela disposição contextual. Esta diferença de posicionamento é claramente expressa por Fowler (1979:190):

We must find fault with sociolinguistics on the grounds that it fails to acknowledge the two-way relationship between language and society. Sociolinguistics speaks only of the influence of social structure on (the use of) language. Our analyses suggest that (...) language serves to confirm and consolidate the organizations which shape it, being used to manipulate people, to establish and maintain the power of state agencies, corporations and other institutions.

A designação Análise Crítica do Discurso é já o resultado de uma evolução assente no muito que se escreveu desde a publicação, em 1979, dos primeiros textos programáticos sobre Linguística Crítica, por parte de teóricos como Gunther Kress (1979), Robert Hodge (1979) ou Roger Fowler (1979). As expressões ‘Critical Linguistics’, ‘Critical Discourse Analysis’ e

‘Critical Language Studies’ (Fairclough, 1989), que designam a actividade de investigação que hoje é conhecida como ACD, contêm um denominador comum: a noção de ‘critique’. Esta confere à ACD um cunho de intervenção sociopolítico, dando expressão à ideia preconizada por Habermas (1977: 259, *apud* Wodak, 2001, 2), de que a língua é uma forma de prática sociocultural: “language is also a medium of domination and social force. It serves to legitimize relations of organized power”. É esta vocação de natureza crítica, para a qual o contributo da Escola de Frankfurt não é alheio, que determina a orientação sociopolítica da ACD e, conseqüentemente, os seus objectivos programáticos, ao mesmo tempo que é ilustrativa do seu carácter multidisciplinar, em que ensinamentos de áreas científicas diversas, como a sociologia, a filosofia, a psicologia cognitiva, a psicolinguística, a antropologia, etc., têm presença regular, embora sempre colocando o discurso numa posição de centralidade.

Em virtude da natureza diversificada dos contributos nesta área multidisciplinar, os procedimentos metodológicos apresentam-se variados e enriquecedores. Teun van Dijk, por exemplo, modela a sua actividade de investigação, articulando três aspectos da análise do discurso, que designa como triângulo discurso-cognição-sociedade, distintivo pelos seguintes factores:

- (1) o conceito de discurso é entendido no seu sentido mais lato, abrangendo, não só o registo de interacção verbal, ou texto escrito, mas também “gestures, facework, typographical layout, images and many other ‘semiotic’ or multimedia dimension of signification.” (van Dijk, 2001: 98);
- (2) a cognição implica que a investigação tem em linha de conta toda a envolvente psicológica mobilizada durante a interacção discursiva: “cognition’ here involves both personal as well as social cognition, beliefs and goals as well as evaluations and emotions, and any other ‘mental’ or ‘memory’ structures, representations or processes involved in discourse and interaction” (idem);
- (3) a ‘sociedade’ diz respeito, tanto às microestruturas sociais locais, como a grupos, instituições e organizações, sistemas políticos e formas de cultura considerados um nível mais global (idem).

A correlação directa entre discurso e sociedade, como aquela que é desenvolvida por van Dijk, constitui uma das abordagens mais significativas no âmbito da ACD, dado que se baseia na oposição entre o social e o individual, entre o discurso institucional e as práticas discursivas em que intervêm sujeitos sociais, entendidos, não só como membros de grupos

sociais, como também enquanto indivíduos (cf. van Dijk, 1997: 35). Observando a relação discurso / sociedade por este prisma, poderemos concluir que a investigação consegue mobilizar todas as questões relativas, por um lado, ao poder e à desigualdade e, por outro, aos aspectos mentais relacionados com a ideologia, a crença e a naturalização.

De acordo com Van Dijk (2001:96), a ACD não pode ser encarada apenas como um método, uma teoria ou simplesmente uma tendência de investigação académica; antes materializa uma perspectiva interdisciplinar de análise das implicações sociopolíticas do discurso: assumindo o ponto de vista dos grupos sociais dominados, apoia a sua luta pela igualdade, analisando e desmontando as diferenças ideologicamente estabelecidas e naturalizadas nas práticas sociais, situando-se na confluência de várias áreas de investigação no campo das ciências sociais.

Wodak (2001:3), por sua vez, considera serem nucleares nesta área de investigação três conceitos fundamentais: os conceitos de poder, de história, como já foi referido a propósito de uma anterior citação da autora, e ainda o conceito de ideologia. Este último determina, em larga medida, a construção discursiva da realidade, que é veiculada pelo discurso, seja escrito ou oral, linguístico ou não-linguístico.

3.1. Ideologia

O conceito de ideologia distingue-se actualmente das noções iluministas desenvolvidas a partir do séc. XVIII, como, por exemplo, a que sustenta a visão marxista, que incide sobre o confronto de interesses antagónicos de classes sociais, em que o papel do Estado consiste em regular essas lutas, legitimando a posição de uma classe dominante. Esta diferente visão da problemática ideológica surge principalmente na sequência do contributo do filósofo francês Louis Althusser, herdeiro da linha de pensamento marxista. Althusser confere-lhe continuidade, ao corroborar a natureza inconsciente do posicionamento do sujeito social. Mas, por outro lado, é este autor que, no início dos anos 70, vai formular novos contornos para a abordagem desta problemática, os quais se podem resumir em três pontos fundamentais: a sua historicidade, o seu cariz institucional e a interpelação individual de que o sujeito é alvo.

Até à segunda metade do séc. XX, prevaleceu a noção iluminista de ideologia como um conjunto de ideias desvinculado da realidade social; Althusser confere-lhe agora um carácter mais histórico, anexando-lhe alguns aspectos importantes, do foro psicológico e também alguns de natureza sociológica, bem mais próximos da ACD, como a crença, a consciência, o sujeito social, ou a prática social:

As ideias desapareceram enquanto tais (enquanto dotadas de uma existência ideal, espiritual), na medida em que ficou claro que a existência destas se inscrevia nos actos das práticas reguladas pelos rituais definidos em última instância por um aparelho ideológico. (...) o sujeito age enquanto é agido (...) [pela] ideologia existindo num aparelho ideológico material, prescrevendo práticas materiais reguladas por um ritual material, as quais (práticas) existem nos actos materiais de um sujeito agindo em consciência segundo a sua crença. (Althusser, 1974:90).

Althusser coloca a questão da ideologia num plano algo diferente daquele que preconiza a visão marxista, que foca exclusivamente o conflito de interesses entre classes sociais antagónicas. Não se considera agora que a ideologia se encontre separada da realidade, mas articulada com a vida social, i.e. com a existência de práticas institucionais definidas, a que chama “Appareils Idéologiques D’Etat”.

Gramsci, um sociólogo do princípio do séc. XX, também de orientação marxista, deixou um legado embrionário e falho de sistematização, ao sugerir que o Estado possui proporções que ultrapassam a visão marxista de “uma força de execução e de intervenção repressiva, ao serviço das classes dominantes” (Althusser, 1974: 42). De facto, Gramsci, considerava que “o Estado não se reduzia ao aparelho (repressivo) de Estado, mas compreendia (...) um certo número de instituições da «sociedade civil»” (ibid.), a que corresponde a designação de Aparelhos Ideológicos de Estado, que possuem a propriedade distintiva de funcionarem através da ideologia (e não só através da repressão) representativa dos interesses das classes sociais dominantes (cf. Althusser, 1974: 54-55). Deste modo, a ideologia conquista o seu lugar de centralidade na cena institucional, principalmente no que respeita às relações entre instituições discursivas e o sujeito social.

Althusser considera ainda a ideologia como um processo que alicerça as relações sociais, recrutando consciências individuais para mobilizar socialmente os sujeitos, levando-os a acreditar que é real e natural uma realidade ideológica engendrada artificialmente. De acordo com o mesmo autor, este processo de interpelação é biunívoco, na medida em que as representações ideológicas, constitutivas de uma realidade social forjada de acordo com interesses previamente definidos, só são possíveis no caso em que o próprio sujeito, a partir do momento em que, de modo inconsciente, é interpelado e posicionado, legitima essas representações e se apropria delas na sua actuação social:

a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) constituir os indivíduos concretos em sujeitos (Althusser, 1974: 94).

O facto de a ideologia possuir uma natureza vincadamente discursiva implica a sua interligação com as noções de hegemonia, naturalização, reprodução da realidade social, poder e dominação, cujos traços se encontram explícitos no discurso. É a partir desta relação entre discurso e sociedade que Van Dijk (1997:107), por exemplo, preconiza os contornos da ideologia como um complexo de crenças (de índole social, cognitiva e sociocognitiva) partilhado pelos membros de um grupo e passível de ser identificado em situações de interação social que assumem a natureza de conflito, luta de classes, de sexo, de etnia, etc., possibilitando a cada um dos membros o desenvolvimento de um sentimento de pertença, de posicionamento e de relação social dentro ou fora desse grupo.

Este complexo de crenças, que cristaliza essas lutas através da instanciação linguística, confere ao discurso um carácter simbólico, que tem a função de controlo sobre a ordem social, baseando-se no mecanismo politicamente *magnético* da “crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia” (Bourdieu, 1989: 133).

Não é só através da componente não-verbal do discurso, mas também pelo recurso a estruturas lingísticas, que o poder é codificado, o que significa que, de entre o universo de práticas de interação social, há a registar uma quota parte significativa em que essa interação recorre ao uso da língua: as práticas discursivas. A abordagem de questões ideológicas decorre do facto de estas práticas se situarem num quadro institucional e societal em que se verifica uma construção discursiva da realidade: a língua é usada para legitimar ou preservar estruturas hierárquicas de instituições de poder (cf. Fowler, 1985: 64). Qualquer que seja a natureza da interação social, ela tem sempre como objectivo a regulação da individualidade em contextos sociais específicos, de acordo com as convenções sociais. Como expressa o sociólogo David Harvey (1992: 257), a ideologia serve de transporte a sistemas de valores que não estão exclusivamente relacionados com a luta de classes, já que estes também podem materializar discursivamente lutas hegemónicas institucionais:

There is an intimate relation between the systems of knowledge ('discourses') which codify techniques and practices for the exercise of social control and

domination within particular localized contexts. The prison, the asylum, the hospital, the university, the school, the psychiatrist's office, are all examples of sites where a dispersed and piecemeal organization of power is built up independently of any systematic strategy of class domination.

A importância da análise das questões ligadas à ideologia e à hegemonia advém do facto de a prática discursiva não consistir apenas na enunciação descontextualizada de palavras, orações, frases ou proposições isoladas; o discurso veicula modos de falar, veicula a voz de grupos e de categorias sociais, sendo, ao mesmo tempo, o produto discursivo e o agente de constituição desses mesmos grupos e categorias sociais (cf. Van Dijk, 1997: 3). Desta ordem de ideias advém a relevância de perceber identidades e práticas sociais, através do modo como as práticas discursivas possibilitam a sua instanciação linguística, i.e., de acordo com Matthiesen (1994: 22-23), a aplicação do sistema linguístico nas escolhas efectuadas no processo de produção e de consumo de texto. Esta ligação entre prática social e linguagem desdobra-se em vínculos explícitos entre a ideologia e as práticas discursivas já acima referidas. A primeira, definida de acordo com V. Dijk (1997:29), é largamente responsável pela transmissão de valores sociais e institucionais que são objecto de instanciação linguística, e pode ser considerada como um conjunto de representações mentais que formam a cognição social, i.e., um conjunto de crenças e de atitudes que são comuns aos membros de um grupo, servem de referência à identidade social, e determinam, tanto as atitudes a tomar individual ou colectivamente, como o modo de interpretar todas as questões de carácter social, que são relevantes no seio do grupo.

Verifica-se assim uma tendência para manipular o discurso, não como uma produção autónoma e consciente do actor social, mas, pelo contrário, como um instrumento tecnológico, passível de manipulação artificial, destinada a satisfazer um processo de normalização social e discursiva, ou seja, a implantação de uma hegemonia através da naturalização de ideologias dominantes. Entende-se aqui por naturalização, o processo através do qual a ideologia se constitui em senso comum, passando a ser reconhecido como verdade para cada elemento de um grupo. Essa verdade passa a ser constitutiva, não só da coesão social desse grupo, como também das suas práticas sociais e das suas práticas discursivas.

3.2. Ordem de Discurso

Ao abordar o papel do discurso institucional nas práticas discursivas, é necessário ter em consideração que estas se agrupam dentro de um conjunto mais vasto de práticas

associadas a uma determinada instituição ou domínio social. Este facto determina uma correlação entre o tipo de prática social e, do ponto de vista linguístico, o género que lhe está associado (Fairclough, 1985a:12).

A rede de práticas discursivas associadas às diversas instituições remete para o conceito de Ordem do Discurso, preconizado, já nos anos 80, pelo sociólogo da escola francesa Michel Foucault e distingue-se da noção genérica de discurso, dando origem ao conceito de “discursos”, o que implica a existência e a identificação de um entre vários.

Norman Fairclough, por exemplo, utiliza esta concepção de discursos, em que cada um deles se interliga com um determinado espaço de actuação sociocultural ou institucional: “a discourse is a way of signifying a particular domain of social practice from a particular perspective” (1995a: 14). De facto, o uso da linguagem torna possível o exercício de comportamento verbal, o qual, dada a sua natureza intrinsecamente comunicativa, só se torna viável no âmbito de um espaço social de actuação e de interacção, e num tempo determinado. É este aspecto que confere à ACD um olhar histórico sobre o discurso. A sua historicidade decorre do facto de ser indissociável do contexto societal de que faz parte, o que significa que só pode ser analisado, explicado e entendido, se for articulado com um determinado tempo e um determinado espaço. Decorre, portanto, da natureza contextual do discurso, a sua inserção no contexto sócio-cultural específico de que faz parte. Assim, a abordagem da ACD relativamente à natureza sócio-política do discurso parte da premissa de que todo o discurso é histórico, só podendo, deste modo, ser explicado através da referência ao seu contexto e da mobilização de factores extralinguísticos como a cultura, a sociedade e a ideologia, como refere, por exemplo, Meyer (2001:15). Entre as práticas socioculturais e os textos produzidos em resultado de tais práticas é necessário considerar o conjunto de factores atrás referido, que articulam a componente social do discurso com a sua vertente textual, em função de princípios de legitimação também eles discursivamente produzidos:

Social institutions produce specific ways or modes of talking about certain areas of social life (...) that will define, describe, delimit, and circumscribe what it is possible and impossible to say with respect to it, and how it is to be talked about. (Kress, 1985: 28)

De entre os diversos contributos que se destacam na ACD, a obra desenvolvida por Norman Fairclough possui a particularidade de escrutinar os aspectos dinâmicos do discurso institucional, enquadrando-se na historicidade da abordagem crítica da análise do discurso.

Entende este autor (1997: 91) que o combate pela obtenção da hegemonia institucional e trans-institucional passa pela reformulação constante das práticas discursivas, de acordo com estratégias de controlo e de dominação. Actualmente, esta reformulação tende a deixar de estar a cargo de cada instituição isoladamente, passando a fazer parte de uma estratégia muito mais vasta, globalizante, de *tecnologização do discurso*. Este aspecto das mudanças socioculturais consiste, segundo Fairclough, num processo de intervenção na esfera das práticas discursivas, que visa construir uma nova hegemonia na ordem de discurso da instituição ou organização à qual se aplica, inscrevendo-se numa luta mais generalizada para impor hegemonias reestruturadas às práticas e culturas institucionais (ibid., 1997: 89). A tendência para o tratamento tecnológico do discurso não resulta da actuação individual e autónoma do actor social; pelo contrário, materializa-se como um instrumento tecnológico de natureza institucional, passível de manipulação artificial e que se destina a satisfazer um processo de normalização social e discursiva, ou seja a implantação de uma hegemonia através da naturalização de ideologias dominantes que se constituem em senso-comum.

O fenómeno da tecnologização do discurso enquadra-se nas mudanças socioculturais que afectam as sociedades contemporâneas. A posição de centralidade que os *media* ocupam na sociedade confere à observação dos textos mediatizados a natureza de “barómetro sensível das mudanças socioculturais” (cf. Fairclough, 1995b: 51-52) e permite compreender o impacto dessas mudanças nos domínios público e privado da vida social:

The shift towards greater informality and more conversation-like (‘public-colloquial’) discourse is a general one not only in the media but in many domains of public discourse (...). The media are shaped by the wider society, but they also play a vital role in the diffusion of such social and cultural changes. (...) Changes in media discourse also reflect, and help to diffuse, contemporary ‘promotional’ (...) or ‘consumer’ culture, the way in which models of promotion (...) and consumption have spread from the domain of economic consumption to the public services, the arts, and the media. (...) audiences are increasingly being constructed as consumers (...) rather than as, say, citizens.

Neste quadro, o sujeito social constitui-se como um mero instrumento passivo no processo de tecnologização do discurso, graças à interpelação ideológica de que constantemente é alvo, no quadro da tensão entre a esfera pública e a privada.

O facto de este fenómeno extravasar as fronteiras da instituição sóciodiscursiva (a escola, o hospital, o clube, etc.) obriga o discurso a comportar géneros e registos diversificados num processo designado por Fairclough como a "conversacionalização do discurso institucional" (1997: 87). Daqui ressalta uma contradição visível na prática discursiva entre a democratização aparente da construção identitária e da legitimidade linguística dos sujeitos discursivos e a emergência das estratégias hegemónicas, cujo objectivo é (como já foi referido) o controlo da produção discursiva.

De acordo com o autor, e contrariamente ao que se poderia supor, a interacção estabelecida entre instituições, e entre estas e os sujeitos encontra-se em constante mutação, num processo dinâmico, caracterizado por uma mudança lenta, mas permanente, de práticas socioculturais e de práticas discursivas, que anima as sociedades contemporâneas (Fairclough, 1997: 77-78). A percepção e a observação metodológica destas mudanças e reestruturações das práticas discursivas, aliada à teoria da hegemonia a que já se aludiu, está na base da própria tecnologização do discurso:

A hegemonia de uma classe sobre uma ordem de discurso é constituída por um equilíbrio, mais ou menos instável, entre as práticas discursivas que a compõem; o equilíbrio pode perder-se e, no decurso da luta hegemónica, dar lugar à reestruturação dessas práticas. (Fairclough, 1997: 81).

A abordagem sistémico-funcional, que consiste na descrição das estruturas que realizam as funções sociais da linguagem seleccionadas dentro do potencial de significado do sistema linguístico ao dispor do falante, servirá, ao nível das várias componentes, enunciadas na secção 4.2, e das respectivas variáveis contextuais, de base instrumental para a análise de discurso a efectuar. Fairclough (1995a: 56) entende por discurso uma forma de prática social realizada através da linguagem: "A discourse is the language used in representing a given social practice from a particular point of view". É esta concepção de discurso que caracteriza a ACD e lança as directrizes do presente estudo.

4. Aspectos metodológicos da análise

Nesta secção examina-se o Modelo de Análise do Discurso de Fairclough (1995a), que concretiza a relação entre o discurso e a prática social, através do escrutínio de um evento discursivo nas suas facetas de texto, de prática discursiva e de prática sociocultural. Esta abordagem multidimensional do discurso como forma de prática social serviu de molde ao

presente trabalho, desde a fase de selecção, constituição e organização do *corpus*, até à sequenciação dos diversos procedimentos que operacionalizaram a análise: descrição, interpretação e explicação da interdependência entre o discurso e a sociedade.

4.1. Uma abordagem tridimensional da Análise Crítica do Discurso

Para Fairclough (1997:84) o discurso é tridimensional, no sentido em que constitui um complexo formado por três dimensões distintas: uma primeira dimensão, de natureza linguística, assume a forma de texto oral ou escrito; por outro lado, constitui uma prática discursiva, visto que o texto é produzido, distribuído e consumido; por último, e tendo em conta a perspectiva da ACD, da relação entre discurso e sociedade, refere este autor que a prática discursiva insere-se numa dimensão mais vasta, que diz respeito ao nível institucional e societal e enquadra as relações sociais que se estabelecem durante a interacção. A Figura 2.1. representa, não só o cariz tridimensional do discurso, tal como é abordado por este autor, mas igualmente o dinamismo que se verifica na articulação entre as três dimensões atrás referidas, tendo como catalisador a prática discursiva.

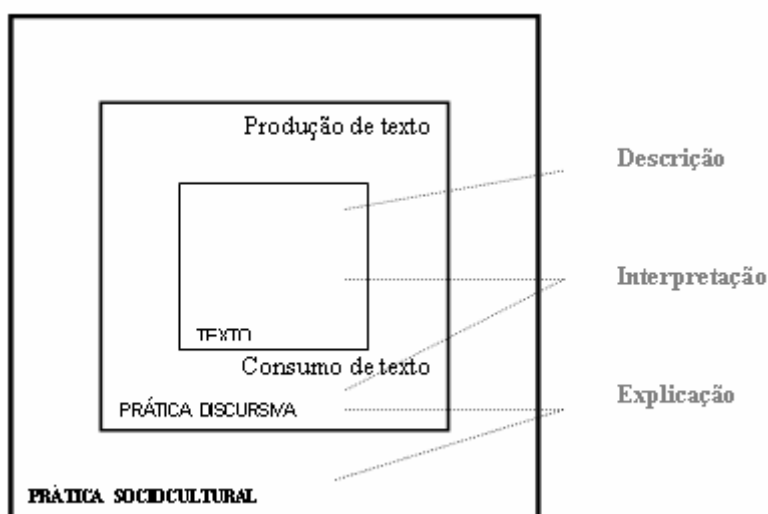


Fig. 2.1. Modelo tridimensional de Análise Crítica do Discurso.
(Fairclough, 1995a: 98)

A prática discursiva revela ainda a função de mediador entre a prática sociocultural e a textual, o que, pela sua importância na mobilização destes níveis de análise, constitui a componente interpretativa da análise a efectuar relativamente ao evento comunicativo:

I see discourse practice as mediating between the textual and the social and cultural, between text and sociocultural practice, in the sense that the link (...) is an indirect one, made by way of discourse practice: properties of sociocultural practice shape texts, but by way of shaping the nature of the discourse practice, i.e., the ways in which texts are produced and consumed, which is realized in features of texts. Notice also that (...) discourse practice straddles the division between society and culture on the one hand, and discourse, language and text on the other.

4.1.1. Textos

Para Fairclough, analisar um texto significa investigar a constituição simultânea de sistemas de representação, de relação e de identidade (cf. 1995b: 58), os quais consideramos corresponderem, na teoria sistêmico-funcional, às macrofunções ideacional, interpessoal e textual. Deste modo, Fairclough segue a recomendação de (Halliday, 1994: xvi – xvii), no que respeita à abordagem funcional da análise do discurso:

A discourse analysis that is not based on grammar is not an analysis at all, but simply a running commentary on a text (...) A text is a semantic unit, not a grammatical one. But meanings are realized through wordings; and without a theory of wordings – that is, a grammar – there is no way of making explicit one's interpretation of the meaning of a text.

Integrada no esquema apresentado acima, a análise funcional de um texto corresponde ao nível descritivo e consiste no escrutínio de categorias, funções, formas e construções linguísticas; no âmbito de cada sistema semântico em que se inserem, tais categorias e funções produzem um conjunto de significados, o qual, ainda que indirectamente, constitui a realização linguística de uma prática sociocultural.

4.1.2. Práticas discursivas

A prática discursiva no âmbito da comunicação mediatizada consiste, ainda segundo Fairclough (1995b: 48-62), nos vários aspectos relacionados com a produção, a distribuição e o consumo de texto. Nestas rotinas intervêm processos institucionais, materializados pelos procedimentos envolvidos na produção, i.e., na recolha e selecção de materiais, assim como na sua edição e transformação até atingirem a fase de texto final (ibid.: 48), caracterizando-se

ainda pelas condições que rodeiam o consumo desses mesmos textos, de acordo com o tipo de instituição envolvida ao nível da recepção (a família, o círculo de amigos, etc.).

4.1.3. Práticas socioculturais

A terceira dimensão do modelo materializa o nível mais vasto de análise de um evento comunicativo. Nesta fase, tanto a descrição das categorias linguísticas a nível textual, como a interpretação da natureza da prática discursiva contribuem para a explicação, ou entendimento, de como uma prática sociocultural é constituída, reformulada ou mesmo reestruturada, na perspectiva das mudanças sociais e culturais que têm vindo a motivar as sociedades contemporâneas (Fairclough, 1995b: 62).

A amplitude do objecto de análise deste terceiro nível resulta do facto de a investigação poder adoptar a perspectiva do espaço social envolvente ao evento comunicativo, que pode estender-se do contexto imediato de situação até ao nível societal mais vasto. No caso de que se ocupa o presente trabalho, i.e. o relato de futebol, o acto comunicativo deve ser escrutinado no seu todo e não apenas ao nível do contexto imediato de situação em que se insere essa prática discursiva, o que significaria uma visão incompleta de uma reportagem a incidir sobre um determinado acontecimento desportivo. A produção textual que resulta da prática discursiva de informar os ouvintes (ou telespectadores) acerca de um jogo de futebol dá origem a um género que, embora apenas indirectamente, é o reflexo de constrangimentos institucionais; na realidade, é fundamental explicar a relação entre o texto e os aspectos socioculturais do evento comunicativo em causa, que contribuem para a constante reformulação desta e, por seu turno, são também objecto de reestruturação, como refere o mesmo autor (1995b: 52):

Media texts constitute a sensitive barometer of sociocultural change (...). Changes in society and culture manifest themselves in all their tentativeness, incompleteness and contradictory nature in the heterogeneous and shifting discursive practices.

5. Metodologia

5.1. *Corpus*

A partida de futebol entre as equipas do Sporting e do Leixões, disputada a 10 de Maio de 2002, no Estádio Nacional, a contar para a final da Taça de Portugal, é o evento que está na origem dos relatos de futebol que constituem o objecto de análise deste trabalho.

O *corpus* foi constituído a partir da gravação, em cassette áudio, do relato radiofónico integral, a partir de duas estações emissoras, de implantação nacional, que têm uma longa tradição neste tipo de reportagem: Antena 1 e Rádio Renascença. Em complemento, efectuou-se a gravação em vídeo da respectiva transmissão televisiva integral proporcionada pela estação de televisão SIC.

5.1.1. Amostra

De entre cerca de seis horas de emissão, a que correspondem quatro horas no conjunto dos dois programas de rádio registados em cassette áudio, e duas horas de gravação vídeo da transmissão televisiva, foram seleccionados quatro momentos do jogo, representativos de diferentes situações de discurso:

- 1^a lance polémico de golo eminente junto de uma das balizas, que suscitou dúvidas relativamente à localização precisa da falta cometida por um defesa (dentro ou fora da grande-área); por conseguinte, esta situação originou opiniões e comentários diversificados de todos os jornalistas que formavam a equipa de reportagem;
- 2^a jogada muito rápida, caracterizada por um remate muito forte ao travessão da baliza, embatendo verticalmente no solo com uma rapidez tal que não permitiu à equipa de arbitragem verificar a validade do golo;
- 3^a e 4^a períodos ininterruptos de jogo, com discurso rápido e sem pausa, do jornalista-relator, em que os comentários, por falta de oportunidade, foram praticamente inexistentes.

Dado que cada um destes momentos de jogo é composto por um excerto de cada estação emissora (RDP, RR e SIC), o *corpus* resultante é constituído por doze excertos.

A leitura do quadro 2.1. (abaixo). permite verificar que cada momento de jogo se desdobra em três excertos, cujo registo em fita magnética foi efectuado em simultâneo, a partir de cada uma das estações emissoras atrás referidas e que foram responsáveis pela reportagem sobre o encontro.

Organização do <i>Corpus</i>			
Momento n°	Excerto n°	Estação emissora	Total de segmentos
1	1	RDP	30
	2	RR	38
	3	SIC	55
2	4	RDP	66
	5	RR	47
	6	SIC	54
3	7	RDP	39
	8	RR	31
	9	SIC	29
4	10	RDP	35
	11	RR	33
	12	SIC	30

Quadro 2.1. Organização do *corpus*.

No que respeita à homogeneidade do *corpus*, a preocupação de transcrever excertos com um total aproximado de segmentos só foi possível no âmbito de cada momento. O número de segmentos apresenta-se variável, se observarmos os totais referentes aos diversos excertos, mas apresenta valores relativamente aproximados dentro de cada um dos quatro momentos seleccionados. Este facto deve-se à diferente duração de cada lance e à natureza diversificada de cada situação discursiva. Por essa razão, os seis primeiros excertos correspondem a transcrições mais longas, visto que o carácter polémico dos lances relatados dá origem a uma série de comentários e de conjecturas, não só do jornalista-relator, como também de todos os outros jornalistas presentes na reportagem.

5.2. Procedimentos

5.2.1. Transcrição

Para cada um dos momentos de jogo atrás definidos foi efectuada a transcrição do RF previamente gravado. Dada a especificidade do discurso a ser representado em linguagem escrita, houve a necessidade de adoptar alguns critérios de metodologia de transcrição.

Assim cada excerto transcrito corresponde a um determinado lance da partida, desde o seu início da jogada até ao desfecho, incluindo o comentário final dos jornalistas acerca desse mesmo lance, i.e., até ao momento em que se decide dar por finda a análise e prosseguir o relato da partida;

Alguns excertos da transcrição revelaram alguma complexidade, no que respeita à representação dos turnos de fala (“turn-taking”). Neste caso, cada fala é representada em linhas contíguas. A primeira corresponde ao locutor que tem o turno de fala, a segunda, ao locutor que se candidata ao turno. Em ambos os casos, cada um dos fraseado envolvidos na sobreposição é sublinhado e identificado por parêntesis rectos.

Tendo em vista evitar que a leitura das transcrições seja afectada por um “layout” denso, devido à sobrecarga de elementos gráficos, eliminou-se a transcrição das pausas, da ênfase da entoação e do alongamento de vogais, visto não serem significativas para a análise.

Para determinação das orações, procedeu-se à divisão em segmentos, constituindo cada um deles uma unidade de análise, estando essa segmentação assinalada com o símbolo “||”; sempre que uma oração é passível de ser identificada sem recurso à segmentação (como no caso de ocorrer isolada numa fala), este símbolo foi omitido, para evitar o excesso de elementos gráficos no texto da transcrição.

Feita a segmentação das orações, cada texto foi inserido numa tabela destinada à classificação dos respectivos elementos ideacionais (processos, participantes e circunstâncias). A título de exemplo, o quadro 3.1 apresenta uma breve secção da tabela correspondente ao excerto nº 9, ficando igualmente definida a numeração dos segmentos de cada texto, a qual é indicada na coluna “B”.

A	B	C
	38	<u>o segundo</u> (é feito) já dentro da grande-área Meta Material Localização
P	39	<u>considerou</u> o Olegário Benquerença Verbal Dizente
2T + ⊗	40	<u>que o primeiro</u> é que valeu Identificado Rel. Identificador Intens: Atrib.
⊗	41	(<u>isto</u> é um) livre muito perigoso Port. Rel. Atributo Intens: Atrib.

Quadro 3.1. Tabela de identificação de constituintes ideacionais e textuais.

As tabelas utilizadas para a Transitividade serviram igualmente para a análise da tematização, sendo o Tema identificado na coluna “C” através do efeito de sublinhado. Criou-se igualmente uma coluna suplementar (coluna “A”), situada à esquerda da numeração dos segmentos, que contém os diversos símbolos que serviram para a identificação e a catalogação dos tipos de Tema de uma forma rápida e sistemática. Assim, no exemplo constituído pelos segmentos do quadro 3.1 acima, os símbolos utilizados identificam o Tema múltiplo (2T), o Sujeito elidido (\emptyset) e o Processo em posição temática (P).

5.2.2. Codificação

Para cada um dos doze textos do *corpus* foi construída uma tabela de codificação, aproveitando as potencialidades do programa informático Microsoft Access. Cada uma das tabelas é constituída por um número de campos (colunas) igual ao total de cerca de três dezenas de elementos representacionais (processos, participantes e circunstâncias) que tinham sido identificados nas orações e por um número de registos (linhas) igual ao total de orações de cada texto. Com base nas doze tabelas resultantes, foram construídas várias dezenas de subtabelas contendo exclusivamente a informação parcial julgada útil, tendo em vista os aspectos da análise a desenvolver.

Excerto 5		
Nº	Actor	Material
3	a bola	vem
6	a bola	retorna
7	(bola)	vem
9	a bola	não (entra)
11	(a bola)	não entra
13	(a bola)	volta a não entrar
15	a bola	bate
16	(a bola)	vem
19	a bola	bateu
20	(a bola)	tocou
28	a bola	entrou
32	a bola	vai
33	(a bola)	entra
41	a bola	bate

Quadro 3.2. Subtabela de codificação

O quadro 3.2, acima, exemplifica uma subtabela de codificação, que se caracteriza por apresentar informação selectiva utilizada no capítulo de análise. Corresponde a uma consulta (pesquisa selectiva) que contempla apenas as ocorrências da expressão “a bola” no excerto 5, juntamente com os processos materiais a que se encontra associada. Note-se que, em virtude da natureza selectiva da informação das “Coding-sheets”, a numeração indicada na coluna da esquerda, que corresponde à coluna “B” do quadro 3.1 acima, não é absolutamente sequencial, visto que se reporta apenas aos segmentos que reúnem as condições da pesquisa efectuada no interior da tabela de codificação e destina-se a facilitar localização de cada um dos segmentos no respectivo excerto.

Seguindo um critério de simplificação e de clareza, no que respeita à análise no âmbito da gramática da Transitividade, foram retirados dos “coding sheets” os elementos gramaticais e/ou fraseados que se considerou não conterem valor ideacional. Esses elementos, que são de natureza predominantemente textual ou ideacional, ocorrem habitualmente no início da oração e figuram na transcrição antes do número que indica a oração analisada no âmbito da Transitividade.

No capítulo que se segue, são apresentados os pormenores relativos aos procedimentos que estiveram envolvidos na operacionalização do Modelo de Fairclough, atrás referido, no que respeita às diversas fases de análise e tratamento dos dados.

Até ao final deste capítulo, a descrição linguística dos doze textos do RF, atrás referidos, repartida por duas perspectivas sistémicas - a ideacional e a textual, constitui a primeira fase da análise.

Capítulo III

Análise de texto

1. Transitividade no RF

1.1. Momentos do Jogo

A reportagem radiofónica de um encontro de futebol constitui um evento discursivo multifacetado. Tal como foi indicado no capítulo anterior, a selecção de cada um dos quatro momentos do relato atendeu a diversos aspectos que compõem a reportagem efectuada, tanto pelas duas estações de rádio, como pela televisão.

Assim, se os dois primeiros momentos, representados pelos excertos 1 a 6, dizem respeito ao relato de lances polémicos, evidenciando uma componente significativa de comentários, o 3º e 4º momentos, com o mesmo número de transcrições, retratam, contudo, o relato directo e imediato dos factos, tal como vão acontecendo sobre o relvado do jogo.

1.1.1. 1º Momento de Jogo: Excertos 1–3

Discute-se se uma falta sobre um avançado do Leixões foi cometida dentro ou fora da grande-área do Sporting. Os quatro jornalistas envolvidos na locução da reportagem (incluindo o coordenador de emissão, a partir do estúdio) intervêm, candidatando-se continuamente aos turnos de fala, o que confere a estes três excertos de relato polémico do jogo alguma complexidade.

O excerto 1 é pautado por um elevado teor de incerteza e de especulação no discurso dos jornalistas. Contrariamente ao que acontece em excertos de relato objectivo e sem polémica, que iremos analisar no 3º e 4º momentos, verifica-se, neste caso, que o discurso dos jornalistas não espelha o que realmente está a acontecer, antes oscila entre o que aconteceu e o que poderia ou deveria ter acontecido, como se pode observar através do confronto dos dois exemplos seguintes:

Exemplo de discurso objectivo acerca de factos reais do jogo:

REL (1) olha perigo || **(2)** Detinho isolado || **(3)** caiu na área

REL (13) Detinho a cair practicamente em cima da linha limite da grande-área

Exemplo de discurso subjectivo, marcado pela especulação:

COM (6) [não creio que é fora || **(7)** é fora da área]

REL (15) mais uns passinhos e era grande penalidade

A especulação que se verifica nas três orações do segundo exemplo é uma constante ao longo deste excerto e pauta-se, na maioria dos casos, pela utilização de orações relacionais atributivas, do tipo intensivo, associadas a circunstâncias de localização espacial. Mesmo numa fase em que já era ponto assente que a falta tinha sido cometida fora da área, os jornalistas discutem a distância a que a irregularidade foi cometida, calculada em relação à linha limite da área, chegando a efectuar medições mentais ao centímetro:

REP1 (12) [mais dez centímetros nem sei se será tanto]

Os processos materiais são escassos. Para além disso, reportam-se apenas a acções anteriores ao momento da enunciação. Esta predominância de processos relacionais é configurada em sequências quase ininterruptas, em que os próprios processos mentais intercalados projectam orações de tipo relacional, como ilustra o Quadro 3.3:

Excerto 1- Processos				
Nº	Material	Mental	Relacional	Verbal
4			(é)	
5			não (é)	
6		creio		
7			é	
8			é	
9			é	
10			(é)	
11			é	
12			é	
13			é	
14		sei		
15			se será	

Quadro 3.3. Sucessão de processos relacionais.

Numa fase posterior deste excerto, a partir do segmento 20, discute-se se o jogador do Leixões estava (ou não) isolado em frente da baliza, mantendo-se a preponderância das orações relacionais. O jornalista-repórter assume, no final do excerto, uma divergência em relação à opinião do jornalista-comentador, exprimindo-a por diversas vezes, o que confere ao discurso um certo grau de conversacionalização. A Transitividade revela, nesta fase final do texto, uma maior variedade no que toca à escolha de processos. As orações relacionais continuam a ser as mais frequentes, perdendo, contudo, a supremacia clara que detinham até ao segmento 15. É de notar uma fase intermédia, do segmento 4 ao 15, constituída por uma série ininterrupta de doze orações relacionais do tipo intensivo atributivo, como revela o Quadro 3.3. acima.

Até à oração 19, a localização espacial assume uma tal importância na configuração da realidade expressa, que apenas em dois casos há a registar o recurso a outras circunstâncias, como são os casos da Localização Temporal e do Modo. Este aspecto da Transitividade será discutido em pormenor na secção 1.1.5.

No segundo excerto, o predomínio dos processos relacionais não se apresenta tão evidente, visto que os locutores também vão fazendo chegar ao ouvinte os factos observados, i.e., os aspectos dinâmicos da realidade, recorrendo, portanto, a processos materiais.

Excerto 2 - Processos			
Nº	Material	Mental	Relacional
15			é
16			é
17			não tive
18			estou
19		concordo	
20			tenho
21			não seria
22			era
23			é
24			é
25			é
26			é

Quadro 3.4. Predomínio de processos relacionais no excerto 2.

A escolha maioritária de processos relacionais caracteriza o texto, representando relações estáticas entre as diversas entidades intervenientes no jogo. Acontece, no entanto, que o predomínio relacional é de tal ordem que a Transitividade material chega a estar ausente do relato durante doze orações seguidas, como se pode verificar no quadro acima.

Apesar de não reflectir, neste excerto, uma preferência inequívoca por parte dos jornalistas, o processo relacional apresenta-se em séries praticamente ininterruptas. O quadro 3.4. ilustra uma dessas sequências, que se verifica entre as orações 15 e 26, só interrompida por um processo mental. Os processos materiais, por seu turno, parecem ocorrer em conjunto com outros tipos, que neste caso assumem duas categorias, mental e relacional, no caso em que o relato dos acontecimentos vem acompanhado de comentário, contrariamente ao que se passa nas quatro últimas orações.

Na segunda fase do excerto 3, a que correspondem os segmentos 4 a 42, a componente experiencial do discurso consiste principalmente na instanciação de acções, através de processos materiais, de operações do mundo mental dos locutores (recorrendo a processos mentais) e de relações entre entidades (processos relacionais), para além de orações existenciais e verbais de ocorrência menos importante. Contrariamente ao que se verifica nos dois excertos anteriores, esta configuração diversificada da experiência, levada a cabo pelos jornalistas, ocupa grande parte do texto sem apresentar um padrão definido, no que respeita à distribuição ao longo do excerto, e sem que algum tipo de processo se revele preponderante.

A última fase deste excerto apresenta um predomínio de processos materiais. Esta alteração experiencial resulta do reatamento da partida (44-45), voltando o relato a ser efectuado à medida que o jogo decorre. Após o desfecho desta jogada, os segmentos voltam a evidenciar o comentário, mas neste caso o locutor não é um dos jornalistas, mas um treinador de futebol convidado pela estação de televisão para contribuir para os comentários deste jogo. Contrariando a tendência verificada no discurso produzido no RF, em que a componente de comentário é significativa, por razões profissionais, que se prendem com o seu papel de treinador, este jornalista-comentador identifica-se mais com a acção que decorre sobre o relvado de jogo, como se pode observar na seguinte transcrição:

COM não (48) foi uma falta de sincronização entre os dois centrais do Sporting || que (49) deixou liberto aquele terreno todo || para (50) o Detinho entrar || e mas (51) é de referir || que (52) este lance deste livre foi muito bem solucionado pelo Nélon e pelo Rui Jorge || porque (53) o Abílio queria um canto para marcar o livre || mas (54) o Rui Jorge com a ajuda do seu

guarda-redes da sua posição obrigou praticamente o Abílio ||(55) atenção a esta jogada ||(...54) obrigou o Abílio a hesitar

A construção ideacional do discurso deste treinador, com a função ocasional de comentador, distingue-se do relato habitualmente efectuado pelos jornalistas, visto que a tendência que aquele revela para optar por processos materiais decorre das suas competências profissionais: treinar os *acontecimentos* táticos e estratégicos do jogo, preparar e orientar as *acções* dos jogadores em campo.

Ao longo deste excerto 3 recorre-se maioritariamente às circunstâncias de Localização (64,5%) e de Modo (27,5%), as quais, em conjunto, representam 92% das ocorrências circunstanciais neste sector do *corpus*. A delimitação, tão rigorosa quanto possível, do local e do momento exactos em que os acontecimentos se verificam, parece assumir uma importância significativa no RF. De facto, do ponto de vista da gramática da Transitividade, as circunstâncias funcionam, segundo a perspectiva de Halliday, como elementos ideacionais periféricos, mas directamente envolvidos, em relação ao processo (cf. 1994: 150), tendo ainda a função de construir um pano de fundo (neste caso de carácter físico), que funciona como uma envolvente do processo (cf. Thompson, 1996: 104).

1.1.2. 2º Momento de Jogo: Excertos 4–6

Este momento de jogo constitui o relato de uma jogada que deixa sérias dúvidas aos jornalistas. Dando, assim, alguma continuidade ao momento analisado na secção anterior, os três excertos que o representam contêm um teor significativo de polémica e de incerteza. No entanto, a diferença reside no facto de os repórteres não elegerem aqui as acções praticadas pelos jogadores como objecto de comentário; antes pelo contrário, o centro das atenções passa a ser um conjunto de entidades extra-humanas: “a bola”, “o remate”, “o tiro”, “a trave”, “uma bomba”, etc. É curioso verificar, no entanto, que esta diferença não provoca alterações importantes na dotação ideacional do discurso observado nos excertos 4, 5 e 6, mantendo-se basicamente as características que já tinham sido observadas no 1º momento. O relato está mais focalizado nas acções que aconteceram em campo, o que confere aos processos materiais uma ocorrência ligeiramente mais elevada, imediatamente enquadrados, contudo, por orações relacionais, como se pode verificar no quadro 3.5 abaixo. O excerto 4 abre com uma curiosa sequência, em que os processos relacionais alternam com os materiais, sem que se verifique a ocorrência de qualquer outro tipo de oração.

Excerto 4 - Processos		
Nº	Material	Relacional
1		(é)
2		(é)
3	deu	
4	dá	
5		(é)
6	espera	
7	tira	
8		é
9	vai	
10	não sai	
11	sai	
12		(é)
13	(bate)	
14		é
15	foi	
16		(é)

Quadro 3.5. Predomínio de orações materiais e relacionais no excerto 4

Os processos relacionais continuam, apesar de tudo, a predominar em todos os excertos do 2º momento. Por outro lado, os processos mentais registam uma incidência menor. Contudo, os valores globais relativos aos dois momentos de jogo até agora considerados permitem concluir que os 6 excertos que lhes dizem respeito são dotados de uma individualidade ideacional comum.

No excerto 6, os processos relacionais, num total de 22, abrangem quase metade dos 54 segmentos; para além disso, os processos mentais obtêm aqui alguma relevância, detendo praticamente a mesma regularidade dos materiais, embora ocorram em menor quantidade. Em 9 das 16 orações materiais, a configuração ideacional dos acontecimentos é efectuada através do uso de formas do verbo “bater”, nas quais “a bola” tem a função de actor. Esta particularidade deve-se ao facto de a transmissão televisiva fazer incidir a atenção do telespectador sobre o lance relatado nos segmentos 1–5, apresentando várias repetições das imagens do lance, a partir de ângulos diferentes. A inexistência de orações materiais durante catorze segmentos, na segunda metade do texto, deve-se ao facto de, nessa fase do discurso, os jornalistas abdicarem do relato dos acontecimentos e recorrerem ao comentário,

especulando acerca do local exacto onde a bola terá caído, após embater na baliza, na sequência do remate.

Este excerto 6, o terceiro dos três relativos ao 2º momento, possui diversas inerências que o distinguem dos outros dois que com ele formam um sub-conjunto: por um lado, observa-se nele uma maior diversidade na escolha de processos; e, por outro, a ocorrência de processos mentais e, por conseguinte, do participante Experienciador, revela ser mais significativa neste do que nos outros dois excertos. Decorrente da ligeira superioridade dos processos relacionais sobre os materiais no conjunto destes 3 excertos, destaca-se a ocorrência de um trio formado pelos participantes Portador (17) e Actor (16), acompanhados de perto pelo participante Experienciador (10). Os restantes tipos de participante associados aos processos mental, verbal e existencial, detentores de escassa importância representacional nesta fase do relato, pautam-se pela dispersão ao longo dos três excertos.

É usual, na reportagem de um desafio de futebol, o recurso frequente dos jornalistas a expressões, como: “a bola”, “o esférico” ou mesmo “a redondinha”. Esta expressão associa-se, na maioria dos casos com a função de Meta, a processos materiais, como no segmento 35 do excerto 7:

(35) o Leixões troca a bola

Na situação de relato de natureza objectiva, “a bola” chega a ter a função de Actor, em detrimento do jogador que a conduz, como acontece no 4º excerto:

(25) a bola bate na trave || (26) vem para baixo com violência

O Actor “a bola” regista aqui uma frequência assinalável. No entanto, como essa expressão é mobilizada com regularidade ao longo de todos os doze excertos do *corpus*, será analisada, em pormenor, na secção 1.2., adiante.

A Localização, o Modo e a Causa constituem os três tipos de circunstância emergentes em qualquer um dos três excertos deste 2º momento. Tal parece enquadrar-se na particularidade ideacional deste tipo de registo.

1.1.3. 3º Momento de Jogo: Excertos 7 – 9

O 3º momento do jogo assinala uma diferença significativa em relação aos dois discutidos anteriormente. Neste caso, a jogada que está a ser relatada alonga-se, sem que haja

motivos de interrupção. O relato das incidências do jogo é mais objectivo, visto que o relator se vê na necessidade de acompanhar, de um modo imediatista, as acções que os jogadores desenvolvem no terreno.

No excerto 7, os processos materiais e os relacionais marcam o carácter experiencial, distanciando-se claramente dos restantes tipos de processo, que ficam quase ausentes do discurso. Este facto é observável até ao segmento 37, altura em que o público, actor social do espectáculo, mas arredado do relvado onde se desenrola o jogo, é incluído no discurso através de processos comportamentais. De um modo geral, este facto não altera as propriedades representacionais deste tipo de registo.

Excerto 7 - Processos			Excerto 8 - Processos			
Nº	Material	Relacional	Nº	Comportamental	Material	Relacional
1		não tem	1		dá	
2	demora		2		sai	
3	faz		3		adianta	
4	oferece		4		meteu	
5		está	5		deu	
6	a perder		6		abriu	
7		(está)	7		é desarmado	
8		(é)	8		vai ao relvado	
9	vai largar		9		carrega	
10	largou		10		(vai)	
11	deu		11			está
12	(dá)		12		a tentar passar	
13		está	13		adianta	
14	vai		14		preparando-se	
15		(estão)	15		vai	
16		é	16		arrancando	
17	tira		17		consegue recuperar	
18		era	18		para fazer	
19	vem		19		corta	
20	vai evitar		20		não resulta	
21	evita		21		corta	
22	tira		22		carrega	
23	vai		23		tira	
24	toca		24		vem	
25	(joga)		25		joga	
26	corta		26		ganhando	
27	vai		27			fica
28	(está) a encostar		28	apitam		
29		é	29	assobiam		
30	recupera		30		ganha	
31	é metida		31		não justifica	

Quadro 3.6. Predomínio “material” no Relato Objectivo.

Uma outra diferença em relação ao discurso produzido nos dois momentos de jogo apresentados anteriormente, consiste agora no facto de os processos materiais deterem agora a maioria das ocorrências, cuja expressão atinge 2/3 dos 39 segmentos, como mostra o quadro 3.6.

Os processos relacionais passam, assim, para um plano claramente secundário. Do ponto de vista da selecção de processos, as particularidades do excerto 8 são semelhantes às do anterior. Este semelhança decorre da importância que os jornalistas-relatores assumem, neste momento do jogo, relativamente aos jornalistas-comentadores.

O lance que se vai desenrolando em campo alonga-se sem interrupções. A polémica e a incerteza na interpretação dos factos dão aqui lugar ao um discurso mais objectivo, a transaccionar para o ouvinte a evolução da jogada de um modo imediato, sem que haja lugar à especulação. A componente ideacional do discurso revela, neste caso, uma correspondência entre os processos materiais escolhidos, que representam 87% das escolhas ideacionais, e a componente agentiva das diversas acções que acontecem em campo.

Apesar de assumir a natureza de discurso televisivo, o terceiro texto deste momento de jogo ainda está em consonância com os dois anteriores, no que respeita à escolha de processos materiais, que ocupam 41% dos segmentos. A diferença reside no facto de se registar neste caso, tal como nos dois casos anteriores de discurso televisivo (excertos 3 e 6), uma amplitude maior, no que toca à escolha de processos (existencial, material, mental e relacional) por parte dos jornalistas.

À semelhança do que se verifica nos momentos anteriores, o conjunto formado pelas Circunstâncias de Localização (76%) e de Modo (20%) corresponde à quase totalidade (96%) da circunstancialização deste momento de jogo.

O discurso do relator focaliza a atenção do ouvinte, não em considerações ou comentários sobre o decurso do jogo, mas sobre a jogada que está a decorrer: dois cruzamentos de ataque consecutivos sobre a área defensiva do Sporting. Apesar do protagonismo dos jogadores, que vão dando sequência ininterrupta ao lance, torna-se relevante verificar neste caso que, apesar da entidade “bola” não assumir a importância ideacional que detinha no momento anterior, são outros actores não-humanos de carácter mais abstracto (“o Sporting”, “a equipa do Sporting”, “o Leixões”, “a defensiva do Sporting”, “a defensiva leonina”, “a sua equipa”) que preenchem essa função em 38% das orações materiais dos três excertos.

1.1.4. 4º Momento de Jogo: Excertos 10 – 12

Em 98% das orações que compõem o 4º momento de jogo, recorre-se a um dos dois tipos de processo mais usuais: material ou relacional. Para além disso, em cada um dos três excertos que o representam, apenas o jornalista-relator contribui para construção ideacional do discurso, relatando os acontecimentos do jogo em directo, i.e., procedendo à instanciação linguística imediata das acções, à medida que estas vão decorrendo. Os restantes jornalistas não têm aqui qualquer oportunidade de tecer os seus comentários, sob pena de interromperem o relato de uma jogada importante do encontro. Em consequência, os processos materiais ocupam 70% dos segmentos.

Outro aspecto, que assinala a especificidade do discurso construído neste sector do *corpus*, prende-se com o facto de apenas cerca de metade do total de participantes disponibilizados pelo sistema ser efectivamente activado pelo jornalista-relator. A Fig. 3.1. é bastante elucidativa a esse respeito.

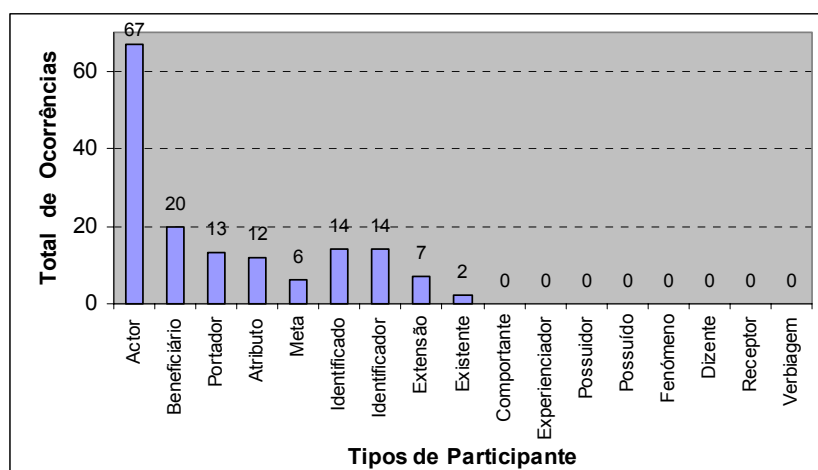


Fig. 3.1. Excertos 10-12: Participantes

No que respeita aos participantes associados aos processos materiais (Actor, Beneficiário, Meta e Extensão), destaca-se a significativa ocorrência do primeiro, havendo a constatar que o participante “Beneficiário” regista uma ocorrência superior ao que vinha sendo habitual, mas, ainda assim, pouco destacada em relação aos demais.

A Localização e o Modo voltam a assumir, neste caso, uma preponderância quase absoluta, no referente às escolhas de circunstâncias por parte do relator, visto que, no conjunto das 57 ocorrências relativas aos três textos, apenas uma (Causa), pertencente ao excerto televisivo, não corresponde aos tipos acima referidos.

1.1.5. Circunstâncias

Ao longo dos doze excertos que compõem os quatro momentos de jogo que acabámos de analisar na generalidade, ficou claro o predomínio quase exclusivo de duas classes de Circunstância: Localização (69,3%) e Modo (26,3%). Contudo, apenas 209 das 487 orações em análise (43%) possuem uma circunstância associada. A Localização e o Modo revelam deter alguma importância na construção do discurso que encontramos no RF, visto ser necessário referenciar constantemente o posicionamento da bola, dos jogadores e dos próprios árbitros, que envolve a Localização Espacial, a sequência temporal dos acontecimentos, que implica o recurso à Localização Temporal, assim como a qualidade do desempenho de todos os intervenientes, que envolve a Circunstância de Modo.

Tipo de Circunstância	Excertos												Totais
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Localização	4	6	14	10	15	15	17	17	7	17	15	8	145
Modo	3	4	4	5	5	7	4	4	3	6	5	5	55
Causa				3	1	1			1			1	7
Ângulo	1												1
Contingência							1						1
Totais	8	10	18	18	21	23	22	21	11	23	20	14	209

Quadro 3.7. Circunstanciação por excerto.

Da leitura do quadro acima depreende-se que, independentemente da perspectiva que se possa adoptar para observação do *corpus*, por excerto, por momento ou por *medium*, os valores relativos destas duas classes de circunstância, atrás referidas, são praticamente invariáveis ao longo dos doze excertos, revelando, em todos os casos, sem excepção, uma proporção muito regular em termos percentuais, enquanto as restantes classes não detêm valores suficientemente expressivos para justificar uma análise significativa, havendo ainda a registar, no *corpus*, a ausência de quatro classes de Circunstância: Extensão, Acompanhamento, Papel e Assunto.

1.2. Variantes de registo no RF

O relato de futebol pretende reproduzir linguisticamente os acontecimentos do espectáculo desportivo, com a intenção de fazer chegar ao ouvinte uma imagem, tão fiel, rigorosa e imediata quanto possível, ou seja, aquilo que poderemos designar por “imagem sonora”. A Fig. 3.2. inclui dados abrangentes, que se referem à análise efectuada nas 487 orações que compõem o total dos doze excertos transcritos. Observando a incidência global dos processos no total dos excertos analisados, poder-se-á concluir, à primeira vista, que o registo RF parece apresentar um património ideacional distintivo, em que se destaca a elevada percentagem do conjunto restrito de processos materiais e relacionais.

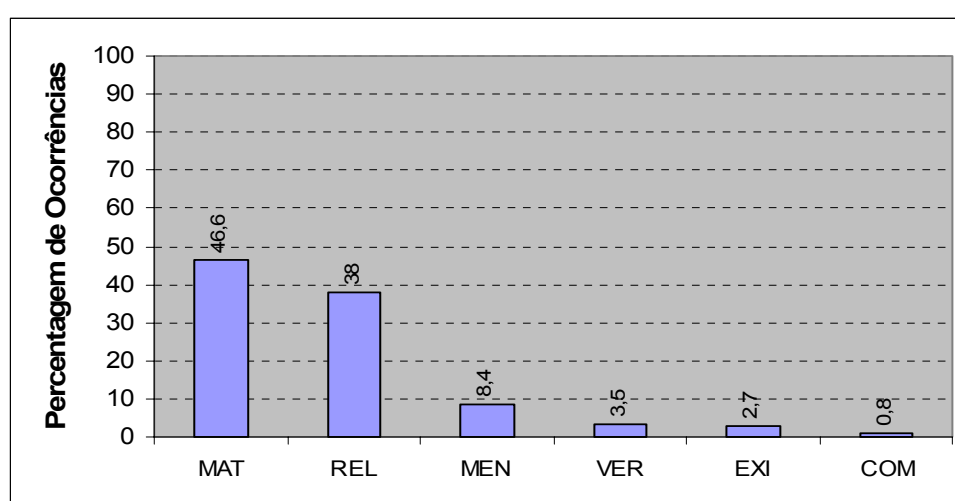


Fig. 3.2. Excertos 1–12: Processos

Os dados apresentados na figura acima poderão indiciar a inerência específica deste registo, do ponto de vista da Transitividade. De facto, os diversos tipos de processo, representados na figura por ordem de ocorrência, permitem confirmar a predominância dos três processos basilares, já referidos, que no seu conjunto representam 91% das ocorrências, ressaltando embora o facto de o tipo mental deter uma frequência muito inferior à dos dois primeiros, visto que representa estados mais recatados da psicologia interior do jornalista-relator, segundo Halliday (1985:107): “The ‘inner’ experience is harder to sort out; but it is partly a kind of replay of the outer, recording it, reacting to it, reflecting on it, and partly a separate awareness of our states of being”, ficando a sua ocorrência claramente abaixo dos dois primeiros. No conjunto das orações analisadas, apenas os tipos relacional e material podem ser considerados regulares, dado que são as únicas classes de Processo que registam ocorrências em todos os excertos, sem qualquer excepção. Tal parece conferir a este registo uma identidade própria, do ponto de vista da gramática da Transitividade.

No que respeita aos restantes processos, que têm a particularidade de ser intermédios e complementares em relação aos primeiros, a sua frequência é claramente menos significativa. Este facto revela, de algum modo, o carácter objectivo da transitividade no RF, i. e., reportam-se principalmente factos e estados, referentes a um acontecimento e aos actores sociais nele envolvidos. Transmitem-se também, embora esporadicamente, algumas opiniões individuais provenientes do mundo interior dos jornalistas (configuradas por processos mentais), e dá-se conta de alguns comportamentos verbais por parte de diversos intervenientes no espectáculo (jogadores, árbitros, treinadores, ou o próprio público), que são veiculados através de processos verbais de ocorrência rara.

Apesar de o RF ser um programa criado em redor de um espectáculo desportivo, protagonizado por 22 jogadores e 4 árbitros, envolvido pelo público, que chega a atingir as dezenas de milhar de pessoas, é curioso verificar que as escolhas ideacionais efectuadas pelos locutores, principalmente no que respeita à opção “Actor”, associado às orações materiais, nem sempre configuram participantes humanos, como mostra o quadro seguinte.

	Rádio	TV	<i>Corpus</i>
Orações Materiais	170	57	227
Actor “a bola”	Nº 30	12	42
	% 17,6	21	18,5

Quadro 3.8. “a bola” como Actor

É de assinalar, neste quadro, a elevada percentagem de ocorrências da expressão em causa nos textos televisivos, o que poderá ser relacionado com as várias repetições de imagens que vão sendo apresentadas a seguir a cada momento polémico. No lance relatado, a partir do momento em que o remate sai dos pés do jogador do Sporting, a bola passa a ser alvo de atenção especial no discurso ideacional dos jornalistas. É no excerto 5 que se verifica uma maior incidência da referida expressão. Os três únicos segmentos deste texto que apresentam orações materiais com actores humanos (4, 5 e 17), limitam-se a configurar acções que ainda não foram realizadas (4), ou que não chegaram a ser cumpridas (5 e 17), situando-se, portanto, distantes do foco ideacional objectivo do relato. O elevado

protagonismo adquirido pelo ‘esférico’, incluindo as acções por ele ‘realizadas’, tal como este excerto é relatado, pode ser verificada a partir do quadro 3.9:

Excerto 5		
Nº	Actor	Material
3	a bola	vem
6	a bola	retorna
7	(bola)	vem
9	a bola	não (entra)
11	(a bola)	não entra
13	(a bola)	volta a não entrar
15	a bola	bate
16	(a bola)	vem
19	a bola	bateu
20	(a bola)	tocou
28	a bola	entrou
32	a bola	vai
33	(a bola)	entra
41	a bola	bate

Quadro 3.9. Accções materiais a que se associa o Actor ‘a bola’

Para além destes aspectos relativos à escolha de “a bola” como Actor, há ainda a considerar os restantes tipos de entidades que desempenham esse mesmo papel. O quadro 3.10. contém precisamente os dados relativos à ocorrência dos vários tipos de actor.

	Nº de segmentos	Orações materiais	Actores humanos	Actores não-humanos	
				“a bola”	Outros
1º momento	123	29	25 (86%)	0	4
2º momento	167	60	17 (28%)	34	9
3º momento	99	63	39 (62%)	3	21
4º momento	98	67	53 (79%)	6	8
Totais	487	219	134	43	42

Quadro 3.10. Totais de ocorrência de cada tipo de Actor.

Começando pela leitura dos dados referentes ao primeiro momento do jogo (excertos 1, 2 e 3), verificamos uma diminuta ocorrência de actores não-humanos, pelo que a sua escolha pode ser considerada ocasional. Efectivamente, se pensarmos que o lance faltoso é protagonizado por 2 jogadores sem que a bola seja propriamente jogada, a elevada percentagem de actores humanos (em detrimento dos não-humanos) poderá ser considerada natural.

É sobretudo no segundo momento que se observa uma situação excepcional, no que concerne à configuração do participante Actor. Aqui, os jogadores de ambas as equipas são relegados para um segundo plano ideacional a partir do segmento 12 do excerto 4, o mesmo sucedendo no excerto 6 a partir do segmento 18. Outros elementos do jogo, como o “remate”, “a bola”, “o lance” e dois dos quatro árbitros envolvidos, passam a ser alvo da atenção. O caso do discurso televisivo referente a este momento do jogo apresenta contornos ainda mais extremos no excerto 6, no que respeita à escolha do Actor em orações materiais, i. e., a totalidade dos 16 processos materiais deste excerto têm associados participantes não-humanos: “a bola”, “o remate de Rui Bento”, “este ângulo”, “a informação”.

Em virtude da natureza informacional dos textos produzidos no RF, a Localização (Espacial ou Temporal) é o tipo de circunstância mais solicitado em todos os textos analisados, no que toca às escolhas ideacionais por parte dos jornalistas. A Localização parece adquirir, neste registo, uma importância, que advém da necessidade, a qualquer momento, de enquadrar, nos parâmetros temporal e espacial, as acções que se verificam sobre o relvado, havendo ainda a acrescentar que, no jogo de futebol, a variável motivada pelo espaço disponível em campo, em qualquer altura do jogo, é um dos principais factores que determinam a estratégia das equipas. A circunstância de Modo é, habitualmente, uma segunda escolha, em termos de frequência, enquanto outros tipos (Ângulo, Causa e Contingência) ocorrem com uma frequência muito menor, não parecendo caracterizar verdadeiramente o discurso do RF.

A circunstanciação encontra-se habitualmente associada a processos materiais, como pode ser observado, por exemplo, no excerto 8 (Quadro 3.11. abaixo). No RF, o discurso produzido com o lance a decorrer deixa ao locutor uma escassa margem de tempo para fazer algo mais do que configurar claramente os três componentes representacionais: processo, participantes e circunstâncias, de um modo simples e linear.

Excerto 8			
Nº	Proc. Material	Circ. Localização	Circ. Modo
1	dá		
2	sai		
3	adianta	para a esquerda	
4	meteu	no grande círculo	
5	deu	mais para trás	
6	abriu	para o meio-campo contrário	
7	é desarmado		
8	vai ao relvado		
9	carrega		
10	(vai)		
12	a tentar passar	agora ... ali	
13	adianta	para a direita	
14	preparando-se	depois	
15	vai	junto à linha de cabeceira	
16	arrancando	pelo ar ... pelo lado contrário	com boa conta
17	consegue recuperar	ainda	
18	para fazer	lá ... já ... para a grande-área	
19	corta	momentaneamente	
20	não resulta	depois	
21	corta		
22	carrega		
23	tira	ali	
24	vem	para Cerqueira	
25	joga	aqui no Estádio Nacional	mal
26	ganhando		por 1 a 0
30	ganha		por 1 a 0
31	não justifica	até esta altura	

Quadro 3.11. Profusão da Localização no Relato Objectivo.

A circunstanciação reflecte, neste excerto, a diferença de uso dos diferentes Processos, surgindo, neste caso, associada exclusivamente aos de índole material. Tal decorre do facto de os processos relacionais transformarem Circunstâncias em Participantes, como acontece, por exemplo, na segunda oração deste excerto, “(Detinho) está na baliza”, em que “baliza” deixa de ser Circunstância de Localização Espacial e passa a deter a função de Identificador, por oposição ao Identificado (Detinho).

De acordo com Halliday (1994: 151-152), ao lançarmos um olhar sobre a função das circunstâncias em geral, que funcionam como um alargamento semântico do processo a que estão associadas na oração, verificamos que estas transportam, intrinsecamente, o conteúdo semântico próprio de um dos três tipos de processo relacional: intensivo, possessivo ou circunstancial. Deste modo, pode-se considerar que o fraseado do segmento 23 do excerto 7:

“Detinho (*actor*) vai (*proc. material*) nas alturas (*circ: localização*)”

corresponde, no fundo, a uma representação da realidade que detém um cunho relacional circunstancial, a que corresponderia o fraseado:

Detinho (*portador*) aparece (*proc. relacional*) nas alturas (*atributo*).

Certos grupos nominais que parecem desempenhar a função de circunstância de Localização (seja Espacial ou Temporal) são frequentemente transformados em participantes, sempre que se encontram integrados em processos relacionais. Os seguintes exemplos apresentam as duas situações em paralelo:

a) Excerto 1 – segmento 8 - “A falta é fora da área.”
(Atributo em oração relacional circunstancial atributiva)

b) Excerto 3 – segmento 15 - “O pé de apoio é carregado fora da área.”
(Localização incluída em oração material na passiva)

Embora as circunstâncias ocorram quase sempre integradas em processos materiais, elas transmitem-lhes, por extensão de significado, um sentido relacional, principalmente no que respeita à Localização Espacial, um tipo de Circunstância mais usual dentro das escolhas ideacionais efectuadas pelos jornalistas. De facto, o grupo preposicional que dá forma a uma Circunstância contém, por sua vez, um grupo nominal. Este último deve ser considerado como sendo intrinsecamente análogo a qualquer grupo nominal que configura um participante (cf. Halliday, 1994: 150), conferindo, deste modo, à circunstância a capacidade de assumir o papel de Participante em casos específicos, como é o exemplo b) acima.

A análise rigorosa da incidência dos processos, dos participantes e das circunstâncias no âmbito deste registo revela a existência de duas componentes discursivas que, apesar de

coexistirem na reportagem e de se revelarem complementares, apresentam uma individualidade experiencial distinta: o Relato Objectivo, que é produzido pelos relatores, sem margem de tempo para a reflexão ou para a especulação, e o Relato Comentado, que revela uma forte influência dos restantes jornalistas envolvidos (Repórter, Comentador e Coordenador da emissão), que intervêm no discurso, não para relatar acções a decorrer, mas para comentar lances da partida já concluídos.

1.2.1. Sub-registo Relato Comentado (Excertos 1–6)

No Relato Comentado mobiliza-se tipicamente o processo relacional, para configurar os acontecimentos do jogo de futebol, ao qual se associa, na maioria dos casos, uma Circunstância, habitualmente de Localização, sendo a variante Localização Espacial mais frequente. Observa-se ainda que a Circunstância de Modo revela uma ocorrência menos significativa, embora a sua presença seja regular ao longo da maioria dos excertos.

O conjunto formado pelos excertos 1- 6 é marcado por diversas intervenções dos vários jornalistas envolvidos na transmissão do jogo, tendo cada um deles uma função específica e, conseqüentemente, um discurso ideacionalmente diferenciado. Todas estas intervenções partilham uma identidade comum: o comentário e a tentativa de clarificação de lances que, tendo acabado de acontecer, já não estão a decorrer, antes estão a ser actualizados, tendo em conta a necessidade de informar os ouvintes, os quais se encontram fisicamente ausentes do espectáculo e que, no caso da transmissão radiofónica, nem sequer têm acesso às imagens do jogo. A leitura particularmente diferente dos acontecimentos, por parte de cada repórter, origina, com alguma frequência, a emissão de opiniões contraditórias ou, por vezes, a confrontação de visões opostas dos factos, como acontece, no final do excerto 1, na interacção entre jornalista-comentador e jornalista-repórter:

COM [(22) é mas] (23) ainda tinha dois jogadores do Sporting || (24) que iam na lateral || e portanto (25) não ficaria isolado

REP1 [mas muito longe] (26) muito longe

COM (27) é || mas nestas circunstâncias de facto (28) eu creio || (29) que o Olegário Benquerença optou e bem pelo cartão amarelo para o André Cruz

REP1 (...26) muito [longe]

A divergência de opiniões retratada nesta parcela do excerto 1 contribui para ilustrar as variantes com que nos podemos confrontar ao nível da Transitividade. Dado o cunho polémico do assunto, os jornalistas quase se demitem da sua função informativa e passam à confrontação das suas opiniões pessoais. O exemplo acima é assim ilustrativo de uma variante discursiva do RF, na qual os jornalistas, ao degladiarem-se em torno das suas opiniões próprias, parecem fazer divergir o seu discurso dos parâmetros linguísticos que são habituais neste registo, abandonando a sua função de informar de modo rigoroso, imparcial e objectivo. Daí que a reportagem sofra um desvio em direcção a registo diferente, que poderíamos apelidar de discurso conversacionalizado. Neste caso, os jornalistas parecem colocar de lado as directrizes discursivas próprias do relato radiofónico, i. e., assumem a sua visão pessoal dos acontecimentos, transmitindo, quase acaloradamente, a sua própria opinião. À primeira vista, poderia concluir-se que, por instantes, o interlocutor limitar-se-ia aos colegas repórteres presentes, como se o ouvinte estivesse ausente. No entanto, como veremos no próximo capítulo, é precisamente o ouvinte do RF que justifica este desvio de registo. O fenómeno da conversacionalização do discurso mediatizado decorre de um processo sociocultural mais lato que, aparentemente, visa a democratização dos papéis discursivos dos interlocutores, no âmbito mais vasto da tecnologização do discurso.

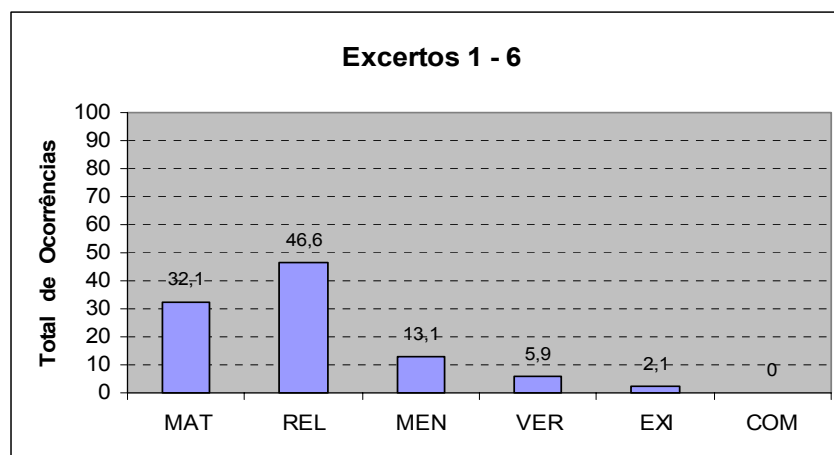


Fig. 3.3. Relato Comentado: Processos

No referente aos processos utilizados pelos jornalistas, com o intuito de dar conta da realidade presenciada, a Fig. 3.3. pretende ilustrar a variante do discurso de RF, que é caracterizada por uma significativa componente de comentário, em detrimento do discurso mais imediatista e mais objectivo. Os processos relacionais representam quase 50% das ocorrências, num total de 290 orações analisadas nos excertos 1-6 (aqueles em que o comentário está mais presente e que dizem respeito aos dois primeiros momentos do jogo).

Estados e relações entre identidades, configurados através dessa classe de processos, sinalizam uma forte componente de comentário. O discurso do jornalista-relator é constantemente interrompido pelas intervenções dos seus colegas de emissão: jornalistas-repórteres e jornalistas-comentadores.

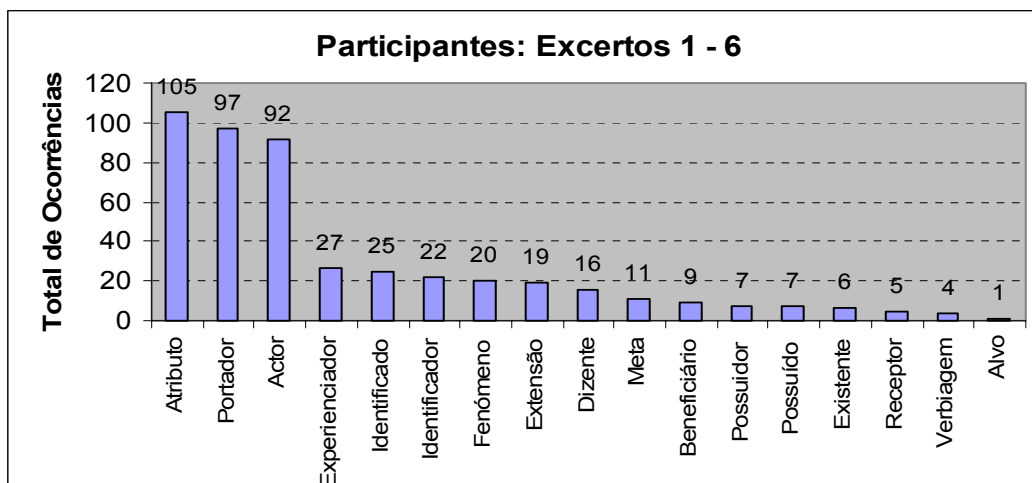


Fig. 3.4. Excertos 1–6: Participantes

A importância assumida pelo comentário nos 6 primeiros excertos explica a predominância de processos relacionais, ao contrário do que se verifica nos restantes excertos (7 a 12). O leque de participantes mobilizados pelo discurso é muito alargado, estando presentes todos os tipos (Fig. 3.4.), à excepção do Comportante e do Receptor. Suplantando claramente a escolha de “Actor” no que respeita ao total de ocorrências, o par de participantes Portador / Atributo, associado aos processos relacionais, é objecto da escolha mais frequente dos jornalistas, ao registar um número mais elevado de ocorrências.

1.2.2. Sub-registo Relato Objectivo

É nos seis últimos excertos do *corpus* que nos deparamos com o sub-registo mais singular e identificativo do RF. O discurso do jornalista-relator esforça-se por acompanhar a extrema rapidez dos acontecimentos que decorrem sobre o relvado de jogo. Devido à escassez de tempo, o comentário é agora relegado para plano secundário, sendo muito rara a sua ocorrência. De facto, tanto os repórteres, como os comentadores só intervêm após a conclusão ou a interrupção da jogada e só nessa altura se tornará pertinente interromper o relator, com o objectivo de acrescentar pormenores relevantes, que contribuem para a melhor compreensão, por parte dos ouvintes, daquilo que realmente se está a passar em campo. A realização linguística desta maneira de relatar o jogo de futebol origina uma distribuição diferente no que

toca à ocorrência dos processos. Assim, a figura 3.5. oferece-nos agora um panorama representacional distinto do apresentado anteriormente na figura 3.3, relativo ao relato comentado.

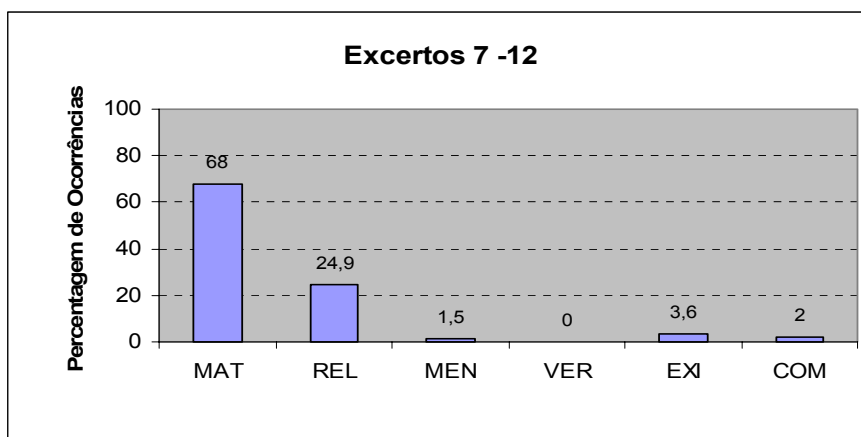


Fig. 3.5. Relato Objectivo.

Contrariando os dados globais apresentados na figura 3.2. (Secção 1.2.), observa-se no panorama estatístico deste conjunto de excertos:

- a) uma clara preponderância dos processos materiais;
- b) uma ocorrência inferior de processos relacionais;
- c) uma perda de importância por parte dos processos mentais.

Ao observar as transcrições efectuadas no âmbito do 3º e do 4º momentos, verifica-se que é o ritmo do próprio jogo a determinar a selecção consecutiva de orações materiais, juntamente com os respectivos Participantes, principalmente Actor e Beneficiário.

A Figura 3.6 (abaixo) ilustra a tendência para a escolha do participante Actor, dada a predominância de processos materiais (aos quais o Actor vem associado).

Neste tipo de sub-registo torna-se evidente o facto de os Participantes associados às orações relacionais (Portador, Atributo, Identificador, Identificado, Possuidor e Possuído) não registarem uma importância muito maior do que a dos restantes, normalmente associados a outros tipos de processo (Mental, Existencial, Verbal ou Comportamental) de ocorrência muito menor.

Os Participantes “relacionais” ficam, portanto, confinados a uma posição secundária, em relação ao Actor, em clara oposição aos dados apresentados na figura 3.4.

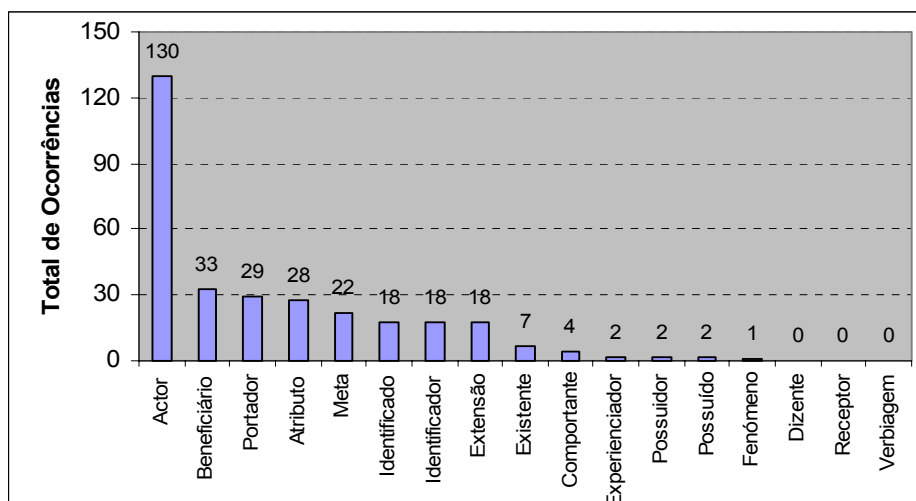


Fig. 3.6. Excertos 7-12: Participantes

Os elementos ideacionais que observamos na Figura 3.5., relativos aos processos usados neste tipo de sub-registo, revelam a tendência do Relato Objectivo, no que respeita ao uso representacional da língua, incidindo, no caso vertente, sobre um desafio de futebol. O discurso vai sendo enunciado à medida que as acções dos jogadores vão sucedendo sobre o relvado.

Excerto 11			
Nº	Actor	Material	Beneficiário
6	a bola	(vem)	para Detinho
8	a bola	vem	para Dimitris Nalitzis
11	(a bola)	vem	para Rui Bento
13	(Rui Bento)	dá	para Jardel
14	Jardel	atrasa	para André Cruz
15	(André Cruz)	joga	para Rui Bento
16	(Rui Bento)	vai levantar	para João Pinto
25	(Paulo Bento)	serviu	em João Pinto
27	Pedras	dá	para Odé
28	Odé	adianta	para Bezirovic
29	Bezirovic	dá	para José António

Quadro 3.12. Orações típicas do Relato Objectivo.

O jornalista-relator limita-se, assim, a configurar linguisticamente o desenvolvimento das jogadas no momento imediato, sem dispor de tempo suficiente para recorrer ao

comentário técnico dos aspectos táticos e estratégicos do jogo. Devido à escassez de tempo e a falta de oportunidade é pouco frequente assistir-se à intervenção dos jornalistas-repórteres, dos comentadores, com o objectivo de analisar os pormenores da jogada, ou ao aparecimento de comentários diversos acerca da envolvente do jogo.

Em suma, como podemos observar no Quadro 3.12. (acima), a identidade experiencial desta faceta do RF parece ser construída tipicamente através de um processo material, acompanhado por dois participantes (Actor e Beneficiário), a que se associa, na maioria dos casos, uma circunstância de Localização. Por exemplo, de entre o total de 33 segmentos que compõem o excerto 11, mais de 1/3 é constituído por orações que apresentam esta configuração experiencial típica.

1.3. Relato de futebol na rádio

A partir da observação da Fig. 3.7. (abaixo), nota-se nos oito excertos de relato radiofónico uma especial predominância de duas classes de processos - materiais e relacionais, os quais, em conjunto, ocorrem em quase 90% dos segmentos. O destaque ideacional conferido pelos jornalistas a estas duas classes de processos deve ser considerado uma característica distintiva do discurso radiofónico, visto que este tipo de ocorrência é habitual, seja qual for a perspectiva de abordagem em relação ao *corpus* no seu todo. De facto, se observarmos o *corpus*, adoptando como critério cada excerto individual, cada um dos quatro momentos ou o *medium* envolvido (relato televisivo vs. radiofónico), o discurso do RF revela, em todos os casos, uma ocorrência sempre superior a 80% do conjunto formado pelas duas classes de Processo atrás referidas.

É ainda digno de realce o facto de os processos Mentais parecerem perder, no discurso radiofónico, a sua posição habitual, não muito longe dos dois primeiros. Contrariamente ao que tem sido observado, a percentagem de ocorrências deste tipo de Processo situa-se agora praticamente ao nível dos restantes processos que habitualmente revelam menor representatividade (Verbal, Existencial e Comportamental). Este desvio estatístico, que será explicado em pormenor na secção 1.3.2., prende-se com a ocorrência nula dos processos Mentais nos excertos 7–12. Torna-se necessário, portanto, analisar separadamente as duas componentes principais do *corpus*, mas desta vez tendo em consideração apenas a especificidade do relato radiofónico. Assim, a análise que se segue diz respeito ao relato radiofónico nas suas dimensões de:

1. Relato Comentado, a que correspondem os excertos 1 e 2 no primeiro momento e 4 e 5 do segundo;
2. Relato Objectivo, que ocupa os excertos 7 e 8 do terceiro momento e 10 e 11 do quarto.

1.3.1. Relato Comentado

Os processos mentais ou verbais ocorrem exclusivamente neste sub-registo radiofónico de relato comentado. Verifica-se, por outro lado, a ausência de processos comportamentais. Os processos mentais surgem nesta variante discursiva com alguma incidência (10,5%), atingindo, curiosamente, quase o mesmo nível que as orações relacionais detêm na variante de Relato Objectivo.

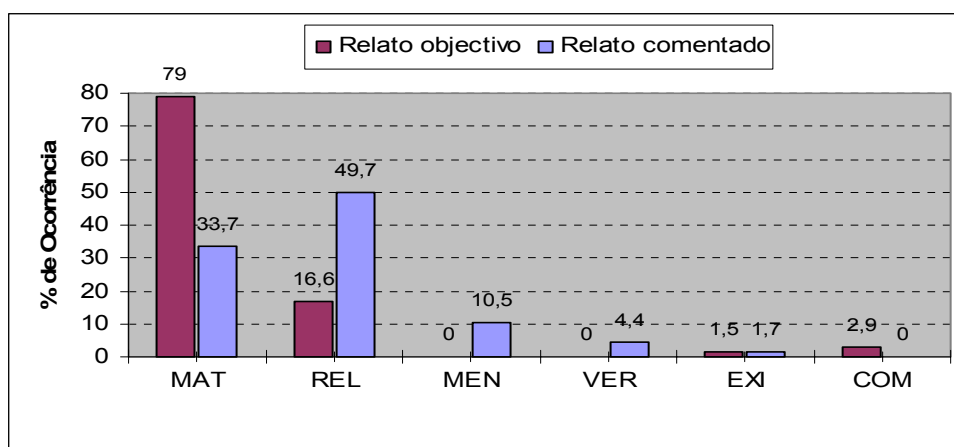


Fig. 3.7. Relato radiofónico.

Da análise da figura 3.7. ressalta, contudo, a predominância dos processos relacionais, num dos sub-registos, em quase 50% dos segmentos. Apesar de o RF tentar construir uma “imagem sonora”, que pretende representar, de modo fiel e rigoroso, todas as incidências do jogo, assiste-se, no caso vertente, à secundarização dos processos Materiais, cuja expressão estatística não representa mais do que um terço do universo em análise. À clara predominância das orações relacionais, junta-se ainda um relativo acréscimo da ocorrência de processos mentais e verbais. Devido ao elevado teor de comentário que se verifica neste sub-registo da rádio, o carácter experiencial do discurso acaba por ser mais abrangente, mobilizando praticamente todos os tipos de processo facultados pelo sistema. Desta particularidade advém uma escolha bastante alargada, no que respeita ao leque de participantes, como se pode verificar, a partir da fig. 3.8.

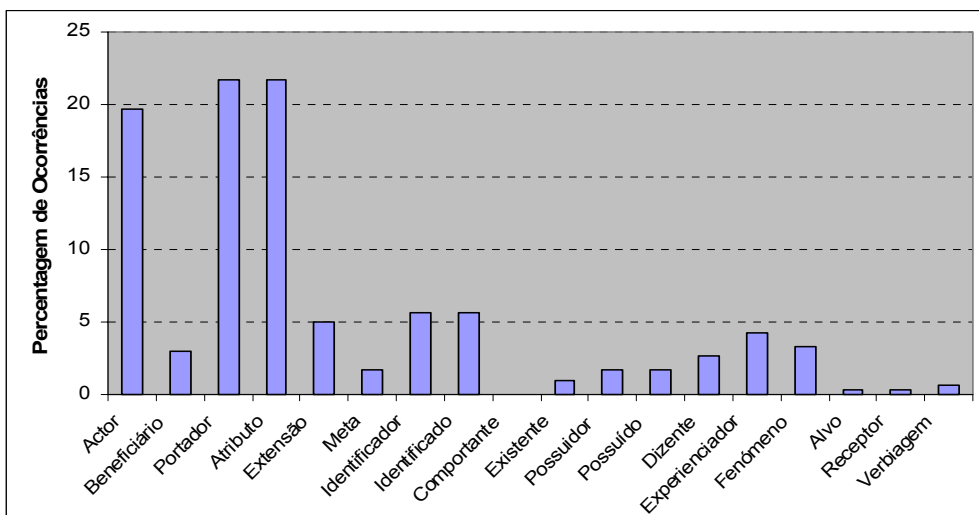


Fig. 3.8. Rádio – Relato Comentado: Participantes.

Tendo como referência os dados da fig. 3.8. é importante assinalar que o participante Actor apresenta uma ocorrência muito acima de o que seria de esperar, em face das diferenças registadas pelos dois processos principais nos dados da figura anterior. Associado às orações materiais, o Actor destaca-se dos restantes tipos de participante “material”, como são o Beneficiário, a Extensão e a Meta, registando uma incidência muito mais próxima daquela que se verifica em relação aos participantes conotados com os processos relacionais (Portador e Atributo), os quais, por sua vez, também se evidenciam em relação aos demais participantes “relacionais” (Identificador, Identificado, Possuidor e Possuído).

1.3.2. Relato Objectivo

A determinação do roteiro dos tipos de participante usuais neste sub-registo depende, naturalmente, dos processos que vão sendo solicitados ao longo dos excertos submetidos à análise. Apenas quatro dos seis processos possibilitados pelo sistema são mobilizados pelo relator radiofónico na variante objectiva do relato, como se depreende da fig. 3.9, verificando-se, portanto, a ausência dos tipos Mental e Verbal.

Contudo, apenas duas classes de processo (Material e Relacional) revelam um claro predomínio, o que deve ser considerado como uma configuração estatística normal. Mas a particularidade distintiva que realmente ressalta deste sub-registo consiste no facto de estas duas classes de processo ocorrerem quase em exclusivo, i. e., os restantes 4 tipos de processo praticamente não são activados no discurso do relator radiofónico. Para além disso, a ocorrência pontual de 4 processos comportamentais está concentrada somente nos excertos 7

e 8, nos quais o relator configura uma reacção hostil do público em relação à prestação competitiva de uma das equipas.

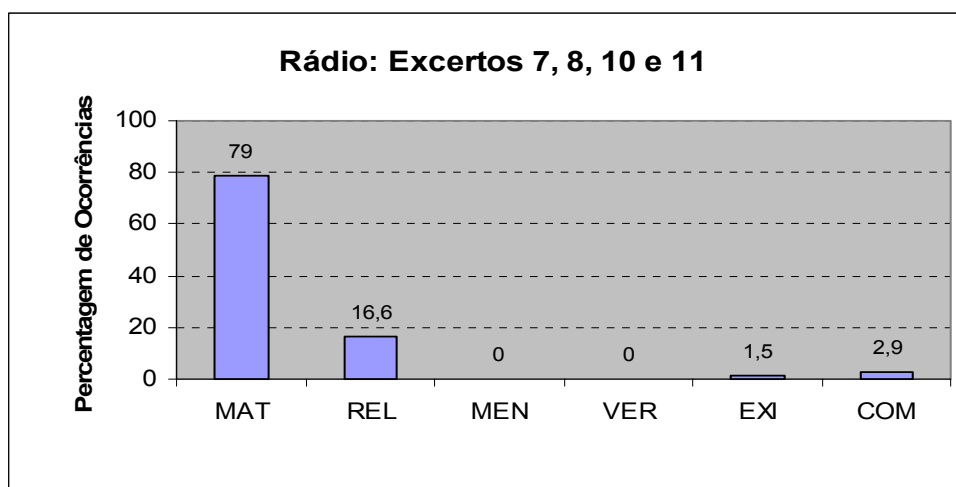


Fig. 3.9. Rádio: Relato Objectivo.

Assim, em homologia com a elevada ocorrência de processos materiais, o participante Actor emerge em cerca de 50% dos segmentos, relegando a incidência dos habituais pares de participantes associados aos processos relacionais (Portador Atributo, Identificado Identificador e Possuidor Possuído), para um plano secundário, com níveis significativamente baixos de ocorrência, aspecto que não se verifica em nenhum outro subconjunto do *corpus*.

Em consequência da variedade de processos utilizados, é importante notar ainda, no que diz respeito à movimentação dos diversos tipos de participante, que o relator apenas recorre a cerca de metade do total disponibilizado pelo sistema, havendo mesmo a acrescentar, que apenas as duas classes mais proeminentes representadas na fig. 3.8 (Actor e Beneficiário) registam uma ocorrência claramente significativa.

1.4. Relato de futebol na televisão

Para além dos oito excertos de relato gravados a partir de programas radiofónicos, o *corpus* inclui ainda quatro textos transcritos a partir da reportagem do mesmo jogo, emitida por uma estação de televisão (excertos 3, 6, 9 e 12 do *corpus*). Como já foi referido na secção 2, contrariamente ao que acontece com a reportagem radiofónica, o discurso televisivo tem a particularidade de oferecer ao espectador as imagens do desafio de futebol, que habitualmente é apresentado em directo. Este aspecto da transmissão televisiva liberta o relator da tarefa de configurar ao pormenor as acções realizadas pelos intervenientes a qualquer momento. Ao mesmo tempo, motiva uma tendência deste tipo de relato de se sublinhar as imagens com

comentários que poderiam ser considerados como legendas ilustrativas dos acontecimentos, à semelhança do que acontece na legendagem das fotografias publicadas nos noticiários da imprensa escrita.

Devido a esse facto, a incidência de orações relacionais é habitualmente superior à das materiais; a excepção verifica-se no excerto 9, como se pode verificar a partir do quadro 3.13., embora a superioridade da ocorrência de processos materiais neste excerto não possa ser considerada representativa do carácter ideacional deste sub-registo.

Excerto N°	3	6	9	12
Processos Materiais (Total)	16	16	12	13
Processos Relacionais (Total)	24	22	10	16

Quadro 3.13. Relato televisivo: Processos.

Outro aspecto relevante que se pode observar nos excertos televisivos diz respeito à diversidade dos processos utilizados, de acordo com o conjunto de opções disponibilizadas pela Transitividade: como se pode verificar na Fig. 3.10., o âmbito da selecção dos processos, por parte dos jornalistas, é mais alargado, opondo-se àquele que se observa na Fig. 3.7. (secção 1.3.1.), respeitante ao discurso radiofónico. Face a esta variedade de opções, o relativo nivelamento de todos os quantitativos impede a preponderância real de um processo sobre os restantes.

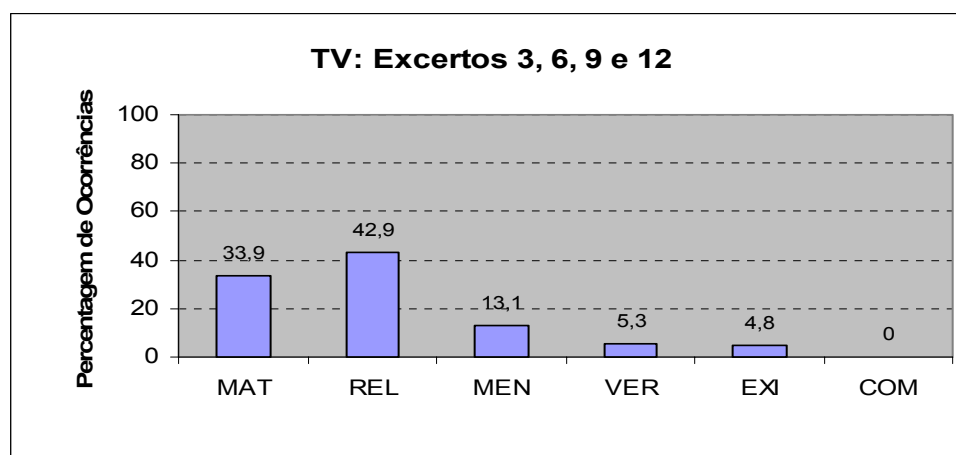


Fig. 3.10. TV: incidência global dos processos.

Para além dos processos basilares do sistema da Transitividade (Material, Relacional e Mental), os de natureza verbal ou existencial ocupam ainda um espaço ideacional de algum relevo, o qual é disponibilizado pela menor incidência dos primeiros. A única excepção consiste no facto de os excertos analisados no âmbito do relato televisivo não apresentarem processos comportamentais.

Vejamos agora os traços distintivos apresentados por cada um dos sub-registos do discurso televisivo do RF: Relato Comentado e Relato Objectivo.

1.4.1. Relato Comentado

À semelhança do que sucede no seu correspondente da rádio, o Relato Comentado da televisão apresenta um total muito abrangente de processos, havendo apenas a registar o facto de as orações comportamentais se encontrarem ausentes deste tipo de discurso.

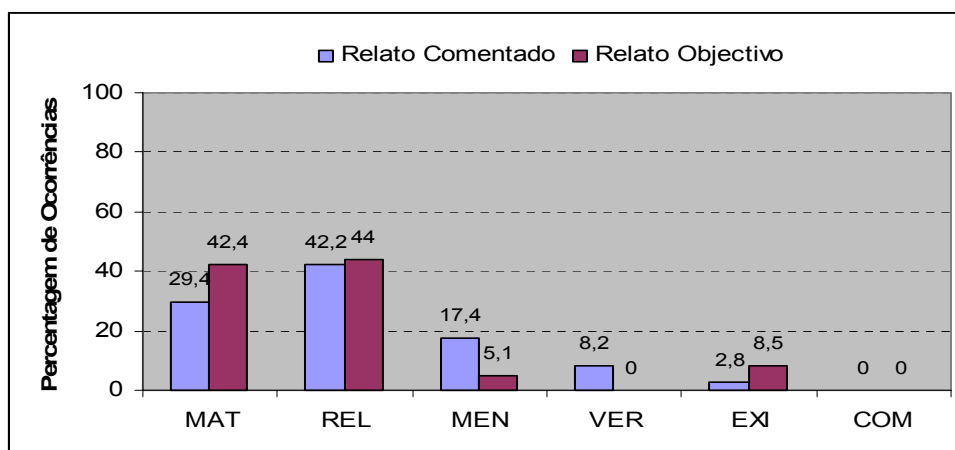


Fig. 3.11. Relato televisivo nos dois sub-registos.

Também aqui os processos relacionais revelam uma ocorrência ligeiramente superior em relação aos de natureza material, como se pode verificar a partir da fig. 3.11. No entanto, digno de registo nesta vertente do relato de futebol é a diferença que se observa relativamente à importância representacional assumida pelas orações mentais, situando-se não muito longe da incidência dos processos materiais, que poderá ser característico do Relato Comentado televisivo. Este facto demonstra que, ao contrário do que acontece no caso da rádio, verifica-se um quantitativo mais elevado de elementos ideacionais a repartir a tarefa de configurar linguisticamente a experiência do mundo real. Em consequência deste facto característico, também o leque dos participantes mobilizados neste tipo de discurso se revela muito vasto.

A fig. 3.12, abaixo, permite-nos observar que o conjunto dos Participantes mobilizados neste sub-registo abrange a maioria das opções do sistema; por outro lado, verifica-se um facto assinalável, que consiste na ausência do Beneficiário, cotando-se ao mesmo nível de outros participantes que habitualmente registam valores de ocorrência muito baixos, ou nulos, como são o Comportante e o Alvo.

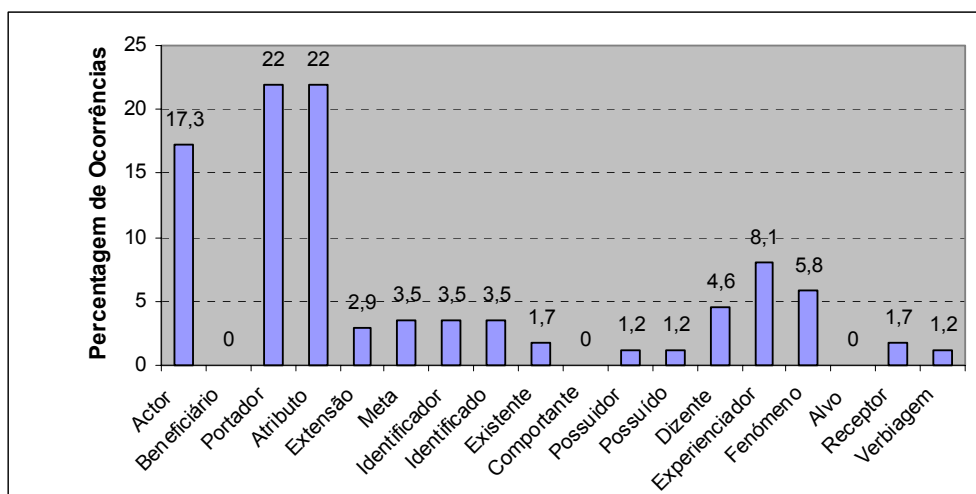


Fig. 3.12. Televisão: Relato Comentado.

1.4.2. Relato Objectivo

Enquanto o sub-registo Relato Objectivo da rádio se caracteriza por um discurso recheado de pormenores que pretendem transmitir uma imagem sonora ao ouvinte, que se encontra fisicamente distante, no relato televisivo de cariz objectivo, tal já não se reveste de importância fulcral. Apesar de o relato ser, neste caso, transmitido por um meio de comunicação de características diferentes do primeiro, rádio e televisão apresentam um registo com propriedades ideacionais que não diferem por completo. A comparação dos dados estatísticos apresentados na figura 3.13. com os do relato objectivo da rádio (Fig. 3.9) permite-nos observar algumas semelhanças, do ponto de vista da Transitividade.

O discurso televisivo mobiliza somente 4 processos, com a diferença a resultar do facto de os processos existenciais estarem agora a ocupar o lugar dos comportamentais, embora ambos detenham um nível apreciável de representatividade neste sub-registo, havendo ainda a salientar que os processos comportamentais estão igualmente ausentes.

Por outro lado, os processos mais usuais (Materiais e Relacionais) voltam a ser preponderantes. No entanto, os primeiros já não detêm a supremacia que demonstravam no caso da rádio; parece assim poder considerar-se como típico deste sub-registo televisivo o nível muito semelhante de incidência que ambos apresentam simultaneamente. Os quatro

processos apresentam valores menos desnivelados, com uma maior representatividade das orações mentais e existenciais, sendo inédito, nas diferentes análises do *corpus*, o facto de as orações existenciais superarem, em número de ocorrências, as de natureza mental. Este último aspecto deve ser considerado um dado assinalável neste sub-registo televisivo.

À semelhança do que é observável no seu correspondente radiofónico, aqui o discurso do jornalista-relator acentua ainda mais a tendência de utilizar um número muito reduzido de Participantes, apenas 9, o qual corresponde a menos de metade do que é providenciado pela gramática da Transitividade. A leitura da figura 3.13. permite distinguir três grupos distintos, de acordo com o grau de incidência que registam.

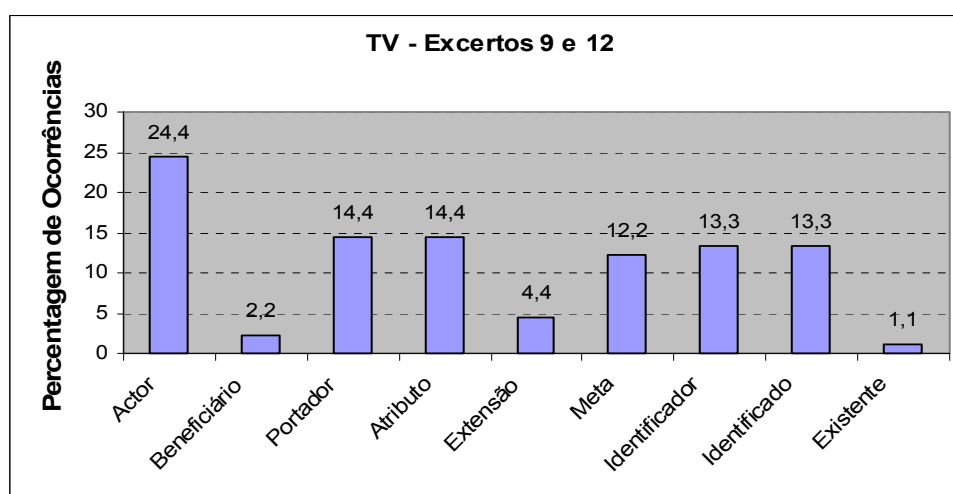


Fig. 3.13. TV – Relato Objectivo: Participantes

Em primeiro lugar, é curioso verificar que os Participantes ligados às orações relacionais detêm uma importância representacional semelhante, apresentando os valores uma variação muito limitada, que oscila apenas entre 13,3 e 14,4. Em contraste, o Actor revela uma incidência muito mais elevada do que se poderia esperar, tendo em conta que os processos materiais apresentam uma ocorrência claramente inferior à dos relacionais. Tal facto pode ser explicado através da fraca ocorrência de outros Participantes “materiais” (Beneficiário, e Extensão), exceptuando-se o caso do participante “Meta”, cuja ocorrência se situa dentro dos valores dos participantes “relacionais”. A ocorrência do Beneficiário revela um contraste nítido em relação aos valores que esta classe de Participante apresenta no discurso radiofónico.

Ao longo desta secção de análise, observámos o discurso do RF do ponto de vista ideacional. Tratando-se de uma situação discursiva específica, em que o principal interlocutor – o ouvinte – não se encontra presente, torna-se pertinente observar igualmente o modo como

todos estes elementos experienciais são organizados textualmente pelos jornalistas sob a forma de mensagem. Assim, na próxima secção analisamos o RF no âmbito da macrofunção textual, principalmente no que diz respeito à Tematização.

2. A organização funcional da mensagem no RF

Segundo Martin, Matthiesen & Painter (1997: 22), “The choice of Theme for any individual clause will generally relate to the way information is being developed over the course of the whole text”. Quer isto dizer que a observação sistemática da relação entre cada oração e o texto que a rodeia nos permitirá compreender o modo como o discurso do RF é organizado do ponto de vista textual. Daí que a estrutura temática do RF seja analisada nesta secção, a partir das duas possibilidades de realização do Tema:

- a) não-marcado ou marcado (consoante coincida ou não com o Sujeito da oração);
- b) múltiplo ou simples (consoante inclua ou não elementos com valor textual e/ou interpessoal antes do elemento ideacional que o configura e delimita).

2.1. Tema marcado vs. não-marcado

A divisão funcional da oração em Tema e Rema permite distinguir claramente entre o que na oração constitui o ponto de partida para a sua configuração como mensagem e aquilo que se pretende efectivamente transmitir, isto é, permite-nos uma distinção entre o assunto de que se fala – o Tema – e aquilo que dele se diz – o Rema. Daí que o Tema seja sempre um elemento com valor ideacional, podendo mesmo afirmar-se que a fronteira entre o Tema e o Rema é definida pelo primeiro elemento da oração que possui tal valor, sendo tudo o resto, a partir desse elemento, na linearidade da oração como mensagem, o Rema (cf. Martin et al., 1997: 24).

Na Língua Portuguesa, em orações declarativas, o Tema é realizado em posição inicial na oração, tal como acontece em Inglês e em muitos outros idiomas (cf. Ventura & Lima-Lopes, 2001; Gouveia & Barbara, 2001), coincidindo na generalidade dos casos com a função de Sujeito. Nestes casos, isto é, em que as funções de Tema e de Sujeito são desempenhadas pelo mesmo elemento linguístico, diz-se que o tema é não-marcado, já que esta coincidência acontece por inércia. Porém, há casos, nas orações declarativas, em que o Sujeito não é o primeiro elemento da oração, ou seja, em que não concide com o Tema da mensagem. De facto, por escolha do falante, o primeiro elemento ideacional da mensagem, o Tema, pode ser realizado através de um outro elemento funcional, que não o Sujeito; nesse casos, fala-se em

Tema marcado, já que o falante escolheu marcar, distinguir do Sujeito da oração, o Tema da sua mensagem.

Ora, como o RF apresenta quase exclusivamente orações declarativas, tal implica a escolha natural do Sujeito para posição temática, mas a ocorrência do Sujeito elidido, como nos segmentos 10 e 11 do exemplo abaixo é muito corrente em Português e tem levantado sérias dificuldades de identificação do Tema.

(1) **REL2** (9) Tozé vai lagar ||(10) largou ||(11) deu para Antchouet

Em cada um dos doze excertos analisados, a percentagem de orações em que se verifica a elisão do Sujeito é significativa, oscilando, na maioria dos casos, entre os 40% e 60%, e ocorre em 224 segmentos, o que corresponde a uma percentagem de 46 % do total de 487 orações; observa-se igualmente no *corpus* uma alternância regular entre os dois tipos de escolha. Estes valores parecem indicar que a opção entre Sujeito explícito e Sujeito elidido não é sistemática, dependendo de múltiplos factores, como as relações estruturais e coesivas entre orações ou a explicitação contextual do Sujeito elidido.

O recurso ao Sujeito ausente contribui para evitar a redundância decorrente da repetição desnecessária de um elemento lexicogramatical colocado na oração anterior. No RF este tipo de referência é muito frequente, principalmente nos casos em que o Beneficiário de uma oração (que representa o jogador que recebe o passe) se torna Actor (ou Atributo) na oração seguinte, como se pode observar no segmentos abaixo, pertencentes ao excerto 11:

REL2 ||(14) Jardel atrasa de muito longe para **André Cruz**
|| (15) joga para a esquerda para **Rui Bento**
|| (16) vai levantar para a grande-área para **João Pinto**
|| (17) está sozinho
|| (18) pára com o peito
|| (19) joga para a esquerda

Em qualquer destes exemplos de elisão, o Sujeito não pode ser considerado ausente, visto que é facilmente recuperável no co-texto, que, neste caso, apresenta o elemento em falta imediatamente antes do início da oração em causa.

Por conseguinte, levando em linha de conta que, mesmo quando elidido, não se encontra totalmente ausente, o Sujeito continua a deter a função de Tema, independentemente

de o processo ser o primeiro elemento experiencial efectivamente realizado no interior da oração. Note-se que a escolha do locutor não consiste em colocar o processo na posição inicial da oração; consiste, pelo contrário, em elidir deliberadamente o Sujeito, embora mantendo-o realizado do ponto de vista morfológico.

Este posicionamento perante a elisão do Sujeito constitui um ponto de partida necessário para a distinção entre Tema marcado e não-marcado, tornando, assim, mais clara a sua identificação no *corpus*. No RF predomina geralmente a escolha do Tema não-marcado, a qual ocorre em quase 90 % dos casos, como se pode verificar da leitura do quadro 3.14:

	Relato Comentado (290 orações)	Relato Objectivo (197 orações)	<i>Corpus</i>	
			Total	%
Temas marcados	22 (7,6 %)	48 (24,4 %)	70	14,4
Temas não-marcados	268 (92,4 %)	149 (75,6 %)	417	85,6
Total	290	197	487	100

Quadro 3.14. Temas marcados vs não marcados.

Como verificámos na análise realizada no âmbito da Transitividade, a configuração natural da oração consiste na estrutura Participante – Processo – Circunstância, sendo os contornos da referida estrutura mais nítidos no caso do Relato Objectivo, onde é habitual encontrar a sequência Actor – Processo Material – Beneficiário. Os valores encontrados para os Processos em posição temática, no Relato Objectivo, manifestam uma ocorrência claramente superior à dos quantitativos verificados no Relato Comentado. Torna-se mais urgente dar conta daquilo que está a acontecer nesse preciso momento, do que desenvolver comentários, uma vez que a partida não está interrompida; daí que o Tema marcado adquira um maior destaque. Com efeito, se considerarmos os dados relativos a cada um dos sub-registos, verificamos que, no Relato Objectivo, a opção pelo Tema marcado é bastante mais significativa, representando praticamente um em cada quatro dos 197 segmentos. Para além disso, se nos situarmos apenas ao nível das ocorrências em cada uma das escolhas, mesmo tendo em consideração que o total de segmentos do Relato Comentado é claramente superior, verificamos em cada caso, que duplica o número de orações que apresentam a configuração de Tema marcado no Relato Objectivo.

Numa perspectiva abrangente, o ponto de partida da mensagem no RF é constituído pelo Sujeito sob a forma experiencial de Participante, enquanto a opção por outros elementos, como são os Processos ou as Circunstâncias, se cifra em cerca de 14 % das orações, como se verifica no quadro 3.15. abaixo:

	Relato Comentado (290 orações)	Relato Objectivo (197 orações)	<i>Corpus</i> (487 orações)
Processos	13 (4,5 %)	28 (14,2 %)	41 (8,5 %)
Circunstâncias	9 (3 %)	20 (10,2 %)	29 (6 %)
Total	22 (7,5 %)	48 (24,4 %)	70 (14,5 %)

Quadro 3.15. Processos e Circunstâncias em posição temática.

Observa-se no quadro 3.15 que, em ambos os sub-registos, o recurso à circunstancialização para configurar o Tema marcado revela uma importância semelhante à da ocorrência do processo em posição temática, em virtude de aquelas estarem vocacionadas para a função de codificar o pano de fundo, sobre o qual a acção é realizada. No Relato Objectivo, as duas variantes da Circunstância de Localização – espacial e temporal – parecem desempenhar um papel importante, relacionado com a necessidade de situar as acções no espaço e no tempo com um maior grau de precisão. A propósito dos comentários de futebol, embora ao nível escrito, onde é significativa a ocorrência de Temas marcados através do uso da Localização Temporal, Ghadessy (1995: 139) considera que, neste registo, os Temas servem de auxiliar à perspectiva temporal do leitor, visto que a principal função da língua consiste em orientá-lo através do espaço que lhe é pouco familiar. O RF, por seu turno, é um registo oral e espontâneo, mas a única diferença que apresenta é o facto de a Localização Temporal deter valores muito semelhantes aos da sua congénere Espacial. Tal facto estará, necessariamente, ligado ao facto de a rádio, por natureza, não disponibilizar imagens sobre o jogo. Quanto ao relato da TV, nele as classes de Circunstância atrás referidas limitam-se a três ocorrências, que denotam a presença do apoio visual constante.

Revela igualmente uma ocorrência e uma regularidade dignas de registo, a ocorrência de uma Circunstância na função de Tópico, como exemplifica o segmento seguinte, retirado do excerto 5:

(6) **REL1** || (12) depois (há) nova recarga

Neste caso, a mensagem não incide sobre uma entidade (recarga) ou sobre o processo existencial que lhe dá origem; pelo, contrário, o falante adopta, como ponto de partida (e foco) da mensagem, uma sequência temporal que estabelece uma ligação semântica entre esta oração e as anteriores. Observado deste ponto de vista, considera-se que este tipo de Tema é marcado.

A realização do Tema marcado através do processo afigura-se como uma característica do sub-registo de Relato Objectivo, em que o texto incide sobre a acção que decorre efectivamente sobre o relvado de jogo. Deste modo, o foco principal da mensagem, incide, com frequência assinalável, sobre os processos materiais, que são os mais frequentes neste sub-registo, como vimos na secção anterior. O Processo com a função de Tema marcado ocorre, nos excertos 7 e 8, em cerca de 20% do total dos segmentos. O quadro que se segue, com exemplos extraídos do excerto 7, apresenta uma sequência quase ininterrupta de orações em que a função de Tema é preenchida pelo Processo, visto ser este o primeiro elemento experiencial da oração, em virtude do posicionamento remático do Sujeito:

Tema	Rema
(20) vai evitar	Abílio
(21) evita	que a bola atravessasse a lateral Abílio
(22) tira	cruzamento de grande-área outra vez
(23) vai	Detinho nas alturas
(24) toca	um homem do Sporting
(25) (toca)	Bezirovič de primeira
(26) corta	a equipa do Sporting outra vez
(27) vai	o Leixões ainda
(30) recupera	outra vez a equipa do Leixões
(36) corta	definitivamente o Rui Jorge

Quadro 3.16. Processo como Tema Marcado.

Neste excerto, em que intervem exclusivamente o relator, o recurso ao Processo como Tema marcado regista, uma ocorrência de nove casos entre as trinta orações. Esta configuração textual, em que o Processo assume a função temática, relegando o Sujeito para a posição pós-verbal, deve ser considerado um caso singular, próprio da individualidade deste

género e deste registo, em virtude da regularidade que aqui apresenta e que está longe daquilo que é considerado normal para a Língua Portuguesa, de que se diz que apenas certos verbos admitem Sujeitos pós-verbais. O que os dados nos permitem concluir é que as ocorrências Verbo ^ Sujeito podem ocorrer com alguma regularidade em certos géneros e registos, mesmo com verbos de que se diz não admitirem Sujeitos pós-verbais.

2.2. Tema múltiplo

Para além do constituinte ideacional, que marca, como já vimos, a fronteira entre o Tema e o Rema, podemos observar igualmente na realização temática a ocorrência de elementos associados à macrofunção textual e/ou à ideacional. A Figura 3.14. (abaixo) apresenta a percentagem de incidência da realização de cada uma das variantes temáticas atrás referidas, em cada um dos doze excertos:

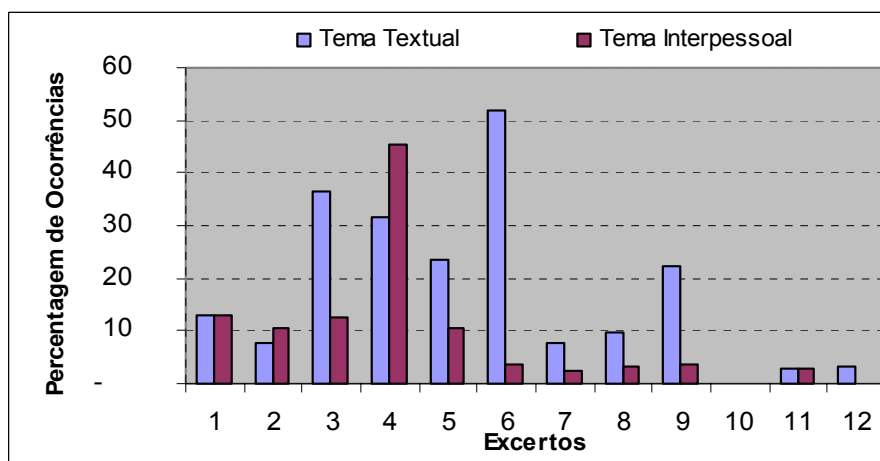


Fig. 3.14. Temas interpessoal e textual.

A leitura dos dados da figura acima permite-nos verificar que a presença das macrofunções interpessoal e textual em posição temática parece ser mais característica do sub-registo Relato Comentado, dado que se registam valores muito mais elevados nos seis primeiros excertos. Casos extremos são constituídos pelos textos 4 e 10, pertencentes à mesma estação de rádio, e cujo discurso, sendo da autoria dos mesmos jornalistas, apresenta valores opostos: enquanto no excerto 4 (Relato Comentado) assistimos aos valores mais altos, no que respeita a ambas as macrofunções envolvidas, no nº 10 (Relato Objectivo), o total de realizações é nulo, o mesmo acontecendo praticamente nos dois últimos textos. Evidencia-se ainda o facto de o relato televisivo (excertos 3, 6 e 9) registar os valores mais elevados, no que toca ao Tema textual, o que revela um maior grau de coesão neste caso particular em que

o discurso é acompanhado de imagens e já não parece ser fundamental transaccionar uma “imagem sonora” discursivizada.

Os dados que figuram no quadro 3.17. demonstram uma nítida predominância do Tema simples, principalmente no que respeita ao Relato Objectivo, enquanto o múltiplo, neste sub-registo, não apresenta um conjunto de resultados dignos de nota.

	Relato Comentado	Relato Objectivo	<i>Corpus</i>	
			Nº	%
Temas simples	197 (68 %)	180 (91 %)	377	77
Temas múltiplos	93 (32 %)	17 (9 %)	110	23
Total	290	197	487	100

Quadro 3.17. Tema simples vs. Tema múltiplo.

A incidência relativamente importante de 1/3 de Temas múltiplos no Relato Comentado poderá estar associada à maior complexidade que o discurso dos jornalistas evidencia neste sub-registo. Com efeito, o comentário é habitualmente efectuado após a conclusão de um lance que exige clarificação, já com a partida interrompida. Contrariamente ao que sucede no Relato Objectivo, a paragem do jogo possibilita, aos jornalistas, alguns momentos extra de reflexão, o que vem conferir ao relato, por um lado, um maior destaque ao Tema textual, com funções de coesão, e, por outro lado, a possibilidade de ocorrência de alguns Temas interpessoais, visto que passa a existir tempo suplementar para a troca de opiniões e para o posicionamento pessoal, consistindo habitualmente no uso de Adjuntos conjuntivos, que ocorrem no início de 234 orações, o que corresponde a 48,2% do total do *corpus*.

Assim, a combinação temática formada por um elemento textual a preceder o Tópico representa a escolha mais usual detectada no *corpus*, de acordo com os dados representados no quadro 3.18. (abaixo), acerca dos diversos tipos de Tema múltiplo:

Esta realização temática não origina mais do que estruturas paratácticas usualmente interligadas por expansão, ao passo que as duas restantes combinações possíveis revelam uma incidência escassa, mesmo no âmbito do Relato Comentado.

Por outro lado, os escassos elementos interpessoais que compõem os temas múltiplos apresentam-se em muito menor quantidade e adquirem habitualmente a forma de Adjuntos

Modais. Quanto aos outros componentes habituais no Tema interpessoal, como, Finitos, Marcadores do modo verbal ou Vocativos (cf. Halliday, 1994: 53-54) apenas os últimos são detectados, embora sem significado em qualquer dos sub-registos, em virtude da sua ocorrência escassa.

	Relato Comentado	Relato Objectivo	Total
Textual + Ideacional	87	14	101
Interpessoal + Ideacional	6	0	6
Textual + Interpessoal + Ideacional	3	0	3
Total	96	14	110

Quadro 3.18. Tipos de Tema múltiplo.

Ressalta ainda dos dados apresentados no quadro 3.18., o facto de a configuração dos Temas múltiplos ser efectuada, no respeitante ao Relato Objectivo, exclusivamente por intermédio da combinação Textual+Ideacional. Tal indica que a componente interpessoal não apresenta uma proeminência significativa neste sub-registo, o que mais contribui para a especificidade deste registo dentro do género relato. Observando o *corpus* no seu conjunto, poder-se-á considerar que o ponto de partida da mensagem corresponde, no RF, a um elemento experiencial que, em 1/3 dos casos, beneficia ainda do reforço coesivo de um elemento temático de natureza textual mas tais valores são fortemente marcados pela existência, no género RF, de um registo mais “conversacionalizado” como é o Relato Comentado.

Seguindo a concepção tridimensional do discurso de Fairclough (1995), analisamos no próximo capítulo os diversos aspectos que definem o RF como uma prática discursiva que medeia entre a produção de texto e a prática sociocultural. Será dada especial relevância à papel desempenhado por cada um dos sub-registos analisados neste capítulo, e ao seu significado no âmbito das mudanças socioculturais, principalmente no que respeita à conversacionalização do discurso.

Capítulo IV

Práticas discursivas e socioculturais

Esta fase da análise do discurso do RF divide-se em duas partes: (1) interpretação das práticas discursivas que enformam o texto e (2) relação entre estas últimas e as práticas institucionais e sociais em que se inserem.

1. A prática discursiva do Relato de Futebol

O RF, entendido como prática discursiva, não se diferencia significativamente de outros tipos de reportagem do jogo de futebol, ao nível da distribuição e do consumo privado de texto. Revela-se, contudo, uma prática discursiva algo singular, no que respeita à produção de texto mediatizado. Devido à necessidade de adequar os materiais-fonte ao formato pré-estabelecido institucionalmente, a fase de produção de texto constitui, segundo Fairclough (1995b: 48), a cadeia mais complexa do processo de mediatização, englobando um conjunto de rotinas institucionais diversificadas, que visam a obtenção, a selecção e a edição de materiais-fonte, e a transformação em textos. No caso do RF, estas fases de mediatização articulam-se de forma diferente, uma vez que não há lugar a uma cadeia de sucessivas rotinas institucionais. De facto, o texto resultante não emerge propriamente da actividade planificada e diferida, no tempo e no espaço, como é o caso, por exemplo, da redacção da imprensa escrita, onde os materiais-fonte, previamente recolhidos pela reportagem, são gradualmente transformados em texto mediatizado. Os jornalistas envolvidos na produção do texto do RF, tanto na reportagem radiofónica, como na televisiva, encontram-se a presenciar o próprio acontecimento, participam na reportagem praticamente em simultâneo, intervêm à medida das necessidades de cada momento e contribuem, em conjunto, para a mediatização do texto em tempo real, à medida que o jogo de futebol decorre. As fases atrás enumeradas, incluindo as de edição e de transformação do texto, não são eliminadas neste processo, o que confere ao discurso do RF características linguísticas peculiares, como se verificou no capítulo anterior. Por outro lado, não se verifica uma disjunção temporal entre a produção e o consumo, uma vez que a reportagem é transmitida e mediatizada em directo, e verifica-se que o discurso dos jornalistas tem em conta a existência real da audiência. O RF resulta de processos discursivos espontâneos, imediatistas e muito característicos.

1.1. Processos discursivos do RF

Como acabámos de verificar no capítulo anterior, o texto mediatizado do RF revela características linguísticas próprias, que resultam do processo de adequação às necessidades específicas de distribuição de texto, por parte dos *media* rádio e televisão. Há a destacar alguns processos discursivos que devem ser considerados típicos deste registo. O discurso estereotipado, que analisámos no capítulo precedente, resulta do formato discursivo próprio do RF, em que muitos dos fraseados típicos, alguns deles apresentados no Capítulo 2, para além de serem habituais, são facilmente identificados pelos ouvintes, construindo-se, deste modo, uma imagem intersubjectiva do jogo, partilhada pelo jornalista e pelo ouvinte.

1.1.1. A ‘Imagem Sonora’

Ao nível do contexto imediato, é de referir que a ausência de imagens do jogo, funcionando como suporte visual para o ouvinte, condicionam, em larga escala, o discurso produzido no relato radiofónico. Mesmo no caso da televisão, a imagem não resolve, em absoluto, todas as limitações visuais, dado que as câmaras não conseguem conciliar, por um lado, a necessidade de um visionamento pormenorizado das incidências da partida e, por outro, a disponibilização de uma panorâmica geral do acontecimento. Como nota McPherson, acerca da importância da imagem no discurso dos *media* (1989: 152): “Our values, beliefs, and knowledge, about sports and athletes are shaped by how the mass media present the games”. Os *media* estão directamente ligados à crescente importância da imagem nas sociedades modernas, dado que tudo o que é (ou não é) apresentado pela imagem, afecta a percepção do público acerca da realidade mediatizada, dos factos e dos intervenientes.

O apoio visual é, portanto, determinante na constituição do discurso do RF. Todos os acontecimentos da partida considerados especialmente relevantes são configurados como se fossem imagens inseridas naquilo que poderíamos designar por uma sequência de fotografias de acontecimentos dentro do próprio acontecimento.

No caso do relato televisivo, a realização tem ao seu dispor um conjunto de soluções técnicas destinada a gravar os lances da partida e a apresentá-los logo a seguir, sob a forma de repetição, com o intuito de esclarecer eventuais dúvidas que surjam na mente do telespectador. Assim, à medida que a repetição das imagens vai sendo apresentada, os jornalistas vão analisando os pormenores que eventualmente terão escapado ao visionamento em directo, explorando as potencialidades do suporte visual que está a ser disponibilizado, como podemos observar na seguinte intervenção do Jornalista-Relator, pertencente ao excerto 6, que consiste num processo de edição instantânea de imagens virtuais do jogo:

REL (...) ||(21) vamos ver de novo a repetição (...) ||(27) o remate de Rui Bento bate na barra || e (28) ressalta || e (29) aqui vê-se bem também || que (30) a bola ressalta para dentro da baliza do guarda-redes Ferreira ||(31) aqui está ||(32) este ângulo então é perfeito ||(33) não oferece qualquer dúvida ||(34) a bola bateu na barra || e (35) bateu dentro da baliza

Já no caso da rádio, os jornalistas não dispõem do apoio visual oferecido pela imagem televisiva. Com a finalidade de ultrapassar este constrangimento, recorrem a um tipo de comentário especialmente peculiar, visto que, pela sua oportunidade, pode ser interpretado como servindo de legenda a uma ‘imagem sonora’ virtual do jogo, como se pode verificar nos seguinte exemplo, pertencente ao excerto 7:

REL1 (1) O Sporting não tem ritmo no seu jogo ||(2) o Sporting demora muito tempo ||(3) faz tudo muito denunciado || e (4) oferece o jogo ao Leixões ||(5) cá está mais uma vez ||(6) João Pinto a perder

É preocupação do Jornalista-Relator, nos seis segmentos transcritos acima, formular um ponto de situação, que caracteriza o mau desempenho de uma das equipas nesse preciso momento: começa por referir que a equipa do Sporting está a jogar abaixo do que é normal, apresentando exemplos nas três orações seguintes (2, 3, e 4). No quinto segmento reforça o carácter iterativo da situação descrita, apresentando-a, portanto, como digna de registo. Por último, o segmento 6 parece ser produzido com o intuito de colmatar as limitações visuais que caracterizam o relato radiofónico. Este último segmento é apresentado como sendo paradigmático do que está a suceder: João Pinto, neste caso, é a imagem do equipa inteira, enquanto o segmento 6 serve de legenda à “imagem sonora”, da mesma forma que poderia servir de legenda à foto de um artigo da imprensa escrita sobre esta partida de futebol. Seguem-se mais alguns exemplos, ilustrativos deste processo discursivo, que foram seleccionados, respectivamente, a partir dos excertos 1, 2 e 5:

REL (16) Detinho a cair praticamente em cima da linha limite da grande-área

REL1 (9) André Cruz a cometer de facto falta mesmo fora da área já dentro da meia lua

REL2 (34) o árbitro a errar

Com o objectivo de sublinhar a importância desse momento do jogo, as expressões exemplificadas acima são utilizadas com a função de legenda, breve mas significativa, dessa ‘imagem sonora’, como se o jornalista estivesse a apresentar ao ouvinte uma série de diapositivos sobre o jogo, em analogia com as legendas que complementam as fotografias publicadas na televisão ou na imprensa escrita. O recurso discursivo que acabamos de observar é muito usual no RF, principalmente no Relato Comentado, no momento em que determinada jogada já está concluída e, na falta de uma imagem real elucidativa, considera-se oportuno apresentar o ouvinte com um ‘instantâneo’ ilustrativo do lance.

Outros segmentos de relato radiofónico parecem servir igualmente de ‘imagem sonora’ do jogo, principalmente aqueles em que se verifica a elisão do processo, como no exemplo seguinte, produzido no final do excerto 7, numa situação em que uma jogada menos conseguida é sublinhada negativamente pelo público presente:

REL1 e (37) agora uma monumental assobiadela

As construções linguísticas atrás referidas contribuem para um recurso discursivo que revela uma analogia com um ‘álbum’ da partida de futebol, constituído por imagens que vão sendo construídas e apresentadas em simultâneo pelos jornalistas, principalmente pelo jornalista-relator.

1.1.2. A conversacionalização do RF

A análise gramatical de um determinado texto é, seguindo o entendimento de Halliday (1994: xvi), a primeira etapa da tarefa do analista de discurso. A esta fase segue-se, ainda segundo o mesmo autor, um trajecto em direcção a outros territórios semióticos mais abstractos:

The subsequent steps will take us further away from the language into more abstract semiotic realms, with different modes of discourse reinterpreting, complementing, contradicting each other as the intricacies are progressively brought to light.

Do ponto de vista estritamente linguístico, o *corpus* que serviu de base a este trabalho não nos apresenta mais do que os diversos jornalistas nos seus papéis discursivos de narradores de acontecimentos, mas ao transitarmos da fase da descrição linguística para a da interpretação da prática discursiva do RF, deparamo-nos com a presença de um novo tipo de interlocutor: a audiência. A presença desta só é detectável nesta fase da análise, na qual abordamos o contexto imediato de situação, de que o discurso faz parte, ou seja, o acontecimento futebolístico de que o RF pretende dar conta, os intervenientes e, por fim, a essência do programa radiofónico / televisivo: relatar o jogo de futebol para o consumidor deste tipo de texto. Embora inscrito no discurso, encontra-se fisicamente ausente.

Esta limitação determina que as características linguísticas da componente do RF que designámos por Relato Objectivo têm como finalidade reproduzir linguisticamente os acontecimentos do jogo de uma maneira o mais fiel e imediatista possível, tendo em atenção as limitações atrás referidas. No Relato Comentado, por seu turno, os jornalistas vão mais longe, revelando uma tendência de minimizar as barreiras entre os seus interlocutores. Neste caso, a linguagem aproxima-se do discurso corrente do dia-a-dia.

O recorte de discurso de relato radiofónico que a seguir se apresenta, pertencente ao excerto 1, exemplifica o estilo conversacionalizado, no qual dois jornalistas suspendem o relato propriamente dito, colocam de parte, por alguns momentos, a sua identidade jornalística e envolvem-se numa acesa polémica, resultante da sua diferente interpretação das leis do jogo.

- COM** [(22) é || mas] (23) ainda tinha dois jogadores do Sporting
|| (24) que iam na lateral || e portanto (25) não ficaria isolado
- REP1** [mas muito longe] (26) muito longe
- COM** (27) é || mas nestas circunstâncias de facto (28) eu creio || (29)
que o Olegário Benquerença optou e bem pelo cartão amarelo
para o André Cruz
- REP1** (...26) muito [longe]

O Jornalista-Comentador mobiliza a sua legitimidade de especialista de futebol, para considerar que vários defesas intervieram no lance da falta; por seu turno, o Jornalista-Repórter, que tinha presenciado o acontecimento à distância de escassos metros, manifesta com veemência, a opinião contrária, considerando haver lugar à expulsão do defesa que cometeu a falta.

No excerto acima, ambos os intervenientes manifestam opiniões pessoais acaloradas, absolutamente contrárias e aparentemente inconciliáveis, utilizando um estilo mais coloquial que lhes permite abdicar, por momentos, da compostura que advém do seu papel de repórteres, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela instituição, relegando para segundo plano a busca da informação clara e objectiva.

As variáveis contextuais que estão na origem da interacção verbal produzida por estes dois jornalistas parecem reproduzir as mesmas variáveis que estão na base de uma troca de opiniões entre dois clientes de um café, que nesse preciso momento assistem à transmissão televisiva ou radiofónica do jogo. Este fenómeno permite-nos concluir que estamos em presença da colonização do RF por parte de um registo pertencente a um género que se situa no mundo “dos valores e das práticas conversacionais ‘da vida corrente’ e da cultura popular” (cf. Fairclough, 1995b: 11). Deste modo, poder-se-á afirmar que, não só o ouvinte está efectivamente inscrito no discurso, como participa dialogicamente nele, manifestando ser igualmente possuidor de um estatuto discursivo que lhe permite moldar o discurso, embora de modo indirecto, de acordo com as suas características de consumidor de texto, contribuindo, assim, para a elaboração do formato que o texto mediatizado nos apresenta.

2. Prática Sociocultural

Em face da contínua interacção entre as diferentes práticas discursivas e socioculturais dentro das instituições constituídas pelos media, torna-se necessário destacar um conjunto de constrangimentos que contribuem para a constante reformulação dessas mesmas práticas.

Para além dos problemas técnicos ligados à transmissão das imagens do jogo, referida na secção 1.1.1., há ainda a considerar outros constrangimentos de natureza institucional, como o resultante da tensão entre o carácter público do discurso e as pressões que continuamente são colocadas pelo mercado das audiências, manifestando o discurso do RF algumas dificuldades de conciliação com o consumo de texto mediatizado. A prática discursiva do RF é apenas uma entre várias outras, como a publicidade ou o discurso político, por exemplo, que compõem a ordem de discurso dos *media*, e que interferem constantemente no processo de produção, distribuição e consumo de texto mediatizado. Esse facto origina uma constante

pressão institucional com vista à reestruturação discursiva e à adaptação às mudanças socioculturais.

Este processo incessante de pressão sobre o discurso dos *media* contribui para moldar géneros e processos discursivos, conduz à sua reformulação e coloca o ouvinte numa posição de maior proximidade discursiva com os jornalistas, sendo a sua presença detectável no discurso daqueles.

Neste processo dinâmico de interacção entre diferentes práticas discursivas dentro das instituições, três aspectos diferentes de análise pautam a interpretação da relação entre o discurso e a prática sociocultural. Esta é seriamente influenciada pelos aspectos políticos, que mobilizam questões relativas ao poder e à ideologia, igualmente por aspectos económicos, que dizem respeito aos constrangimentos institucionais relativos às pressões do mercado e dos níveis de audiência e, por último, por aspectos socioculturais, os quais, por sua vez, estão ligados a questões de valor e de identidade.

Para além destes factores, torna-se necessário ter em consideração o facto de as práticas discursivas se encontrarem estruturalmente organizadas sob a forma de rede de discursos. Adoptando a concepção de Foucault (1981), a ordem de discurso é definida por Fairclough (1995a: 12) como um conjunto formado pelas práticas discursivas pertencentes a um determinado campo social ou a uma instituição, assim como pelas fronteiras e pelas relações que subsistem entre essas mesmas práticas discursivas.

Do ponto de vista político, o texto do RF não apresenta grandes rasgos no que respeita à manifestação do poder e à expressão da ideologia. No entanto, verifica-se de algum modo o exercício da mediação simbólica e da legitimidade, o que vem levantar questões relativas à ideologia e à reprodução ideológica de práticas sociais, como nos ensina Bourdieu (1987: 161):

Les relations objectives de pouvoir tendent à se reproduire dans les relations de pouvoir symbolique. Dans la lutte symbolique pour la production du sens commun ou, plus précisément, pour le monopole de la nomination légitime, les agents engagent le capital symbolique qu'ils ont acquis.

A observação de um jogo de futebol implica uma avaliação do desempenho dos intervenientes, do qual vai depender, em larga medida, o resultado final. A idiossincrasia própria da percepção individual do desempenho relativo aos diversos intervenientes no jogo de futebol encontra-se em permanente tensão com a necessidade de os jornalistas produzirem

um discurso isento e objectivo. Como se exemplifica no fragmento seguinte, retirado do excerto 3, o comentário efectuado por comentadores especialistas revela o intuito de se contrabalançar este défice de legitimidade, visto que contém um elevado grau de credibilidade intrínseca:

COM não (48) foi uma falta de sincronização entre os dois centrais do Sporting || que (49) deixou liberto aquele terreno todo || para (50) o Detinho entrar || e mas (51) é de referir || que (52) este lance deste livre foi muito bem solucionado pelo Nélon e pelo Rui Jorge || porque (53) o Abílio queria um canto para marcar o livre || mas (54) o Rui Jorge com a ajuda do seu guarda-redes da sua posição obrigou praticamente o Abílio || (55) atenção a esta jogada || (...54) obrigou o Abílio a hesitar

O fragmento acima transcreve a intervenção de um treinador português que, dois anos antes, tinha vencido a Liga portuguesa de futebol ao comando, precisamente, da equipa, cuja defesa está aqui a analisar. Estamos em presença de discurso proveniente de um especialista. Devido ao seu alto teor de legitimidade, não se espera que possa vir a sofrer qualquer contestação por parte dos ouvintes. Não estando em causa a legitimidade proveniente do capital simbólico conquistado por um comentador, como é o caso deste treinador de futebol, não deixa de subsistir a dúvida quanto à isenção do seu discurso, se atentarmos à opinião do sociólogo John Hargreaves (1987:145), quanto à salvaguarda da imparcialidade e da objectividade nestes casos:

Impartiality and objectivity is signalled by the practice of analysing performances with the help of accredited experts. (...) but these are not necessarily the most expert among those in the field. (...) Little known or relatively unsuccessful figures (...) never appear as experts; (...) What is considered relevant is not only what is said, but also who is saying it.

2.1. Ordem de Discurso

No contexto de mudança sociocultural em que se encontram as sociedades contemporâneas, tanto os limites entre práticas discursivas, como o seu posicionamento no interior de qualquer ordem de discurso têm vindo gradualmente a perder definição. O facto de

as práticas discursivas se encontrarem em permanente reformulação significa que cada ordem de discurso não corresponde apenas a uma dada instituição, num dado momento e que, para além disso, esta última pode ser colonizada por várias ordens de discurso.

No caso do RF, a tensão entre o domínio público e o domínio privado manifesta-se, por exemplo, através da conversacionalização do discurso, atrás referida. Verifica-se, por outro lado, a existência de práticas discursivas pertencentes a outros domínios sociais adjacentes, como o discurso privado, que já verificámos, e o mundo do futebol. É este último aspecto que é ilustrado pelo próximo exemplo, retirado do excerto 4:

REL1 (1) minuto 35 primeira parte no Jamor || (2) zero para o Sporting zero para o Leixões || (3) Quiroga deu para trás || (4) dá para Beto || (5) **Beto central** || (6) **espera convocatória de Oliveira amanhã para o Mundial** || (7) tira cruzamento || (8) é para João Pinto || (9) vai lá J. Pinto || não (10) sai || (11) sai primeiro o toque de um homem do Leixões

No exemplo acima, o Jornalista-Relator interrompe subitamente o seu discurso, que constitui um fragmento de Relato Objectivo, para dar uma informação (assinalada a negrito na transcrição) que não está directamente relacionada com o desenrolar do jogo, mas é considerada especialmente pertinente pelo jornalista. Com este parêntesis no discurso rotineiro do RF, o jornalista-relator dá a conhecer ao ouvinte uma informação não directamente relacionada com a partida de futebol em questão, mas pertencente às questões que dizem respeito à selecção de jogadores para uma competição que terá lugar apenas no mês seguinte ao da transmissão da presente reportagem radiofónica. Introduce-se aqui um registo pertencente a um género diferente, dentro da ordem de discurso do jornalismo: o noticiário.

2.2. Tecnologização do discurso

Já vimos na secção 1.2. deste capítulo que o discurso do RF tem vindo a registar alterações, devidas às mudanças socioculturais e societárias que têm estado a colocar uma ênfase gradual no consumo, em detrimento da produção. Esta focalização da figura do consumidor afecta todas as facetas da vida moderna sem excepção (cf., por exemplo, Sousa Santos, 1996), incluindo, portanto, o caso do texto mediatizado. A tecnologização do discurso revela a tendência institucional de se calcular estrategicamente a eficácia discursiva, a partir

de moldes liberais de governo que se baseiam no controlo e na uniformização das práticas discursivas dentro das instituições (cf. Fairclough, 1997: 92).

Coloca-se no entanto, a questão de determinar se se trata aqui de democratizar a cultura, aproximando a linguagem dos media dos padrões discursivos da vida quotidiana, ou, pelo contrário, a conversacionalização é parte integrante de uma estratégia mais vasta de recrutamento e de manipulação de audiências. Destas duas hipóteses apresentadas por Fairclough (1995b: 13), a primeira parece mais plausível no âmbito do RF, visto ser principalmente o sub-registo Relato Comentado que apresenta uma optimização do desígnio informativo do jornalista. Não se afastando, de todo, a possibilidade da distorção tendenciosa dos acontecimentos relatados, deve notar-se que é a necessidade de informar com maior profundidade que caracteriza o Relato Comentado. Com efeito, para além de dar conhecimento dos factos, os jornalistas esforçam-se por explicar, em pormenor, os lances, as tácticas, o desempenho dos jogadores e dos árbitros, tendo como destinatário o público que se encontra ausente do estádio de futebol. O exemplo que se segue, retirado do excerto 3, é exclusivo do Relato Comentado, em que o jornalista-relator tece considerações hipotéticas, acerca do desempenho do árbitro da partida, que vão um pouco para além da função de transmitir conteúdos sobre um acontecimento, sem que possamos questionar a intenção meramente informativa do jornalista:

REP2 [(22) já está dentro] da área || (23) eu por acaso estou aqui no enfiamento da jogada || e (24) dá-me a nítida sensação || que (25) o Detinho é derrubado já dentro da área

Neste caso, ao contrário do que se verifica no Relato Objectivo, a explicação dos pormenores relativos ao jogo revela uma preocupação permanente em brindar o ouvinte com um tipo de informação, cujas particularidades se aproximam do comentário, ou mesmo da interpretação. O jornalista-repórter adopta nesta sua intervenção uma identidade social totalmente nova, através do recurso a um estilo ‘conversacionalizado’, aproximando-se do estilo coloquial de que faria uso, caso encetasse diálogo directamente com um ouvinte, num contexto situacional distinto daquele que condiciona o género reportagem, como, por exemplo, o grupo de amigos. No exemplo apresentado acima, o jornalista-repórter parece abdicar de uma situação discursiva, que é limitada e, ao mesmo tempo, direccionada pelos constrangimentos institucionais do género jornalístico da reportagem. O discurso do RF é, deste modo, colonizado por uma prática discursiva bastante distinta, que se situa já no âmbito

do consumo de texto mediatizado. Algumas expressões, como “por acaso” (segmento 23) ou “dá-me a nítida sensação” (segmento 24) colocam de parte o rigor discursivo que se poderia esperar do género ‘reportagem’, sendo, pelo contrário, mais caracterizadoras de práticas discursivas pertencentes a ordens de discurso do domínio não mediatizado, como é o caso, por exemplo, da conversa de café entre amigos, acerca de uma partida de futebol. Verifica-se, portanto, no discurso do RF, uma conjugação entre espaço público e espaço privado, entre produção e consumo de texto, na qual locutor e interlocutor mantêm uma relação discursiva de alguma proximidade. A este propósito, Fairclough (1995b: 63) coloca a questão na perspectiva da tensão entre os campos público e privado, em que o consumo detém uma posição de crescente preponderância:

Research on media orders of discourse (...) impinges upon major changes in society and culture. Similar remarks apply, for instance for the (re)negotiation within broadcast media discourse of the relationship between the more traditional order of discourse of public service broadcasting and the commercial order of discourse of the market and consumerism.

Um estudo sobre a linguagem do RF, efectuado há uma década atrás por Pereira & Garcia (1994), pode contribuir para evidenciar as mudanças que esta prática discursiva tem vindo a registar nos últimos anos. Parece importante o facto de o relato televisivo aí mencionado, que foi produzido em Abril de 1991, apresentar diferenças muito significativas em relação àquele que, doze anos depois, compõe o *corpus* do presente trabalho (ibidem: 44):

Para o “sub-corpus” oral escolheu-se também o relato televisivo que acompanhou a transmissão directa do jogo. Contudo, a sua audição revelou que a presença da imagem eliminava a existência de um discurso oral coeso e coerente. De facto, este relato era maioritariamente composto por nomes próprios designando os jogadores na posse da bola.

A constatação, transcrita acima, do património linguístico extremamente limitado do relato televisivo, revela-nos o jornalista-relator na mera função de identificar o jogador que conduz a bola. Na componente de Relato Objectivo do *corpus* analisado no presente trabalho, a que correspondem os excertos 7-12, podemos verificar que essa constituição ideacional típica subsiste; a diferença reside na maior diversidade experiencial que lhe é acrescentada

pelos jornalistas, como se constatou na secção 2.2.2., no que respeita à configuração típica das orações, no âmbito da Transitividade.

Na perspectiva das mudanças que o discurso do RF tem vindo a sofrer, pode-se afirmar que esta descrição, embora superficial, da natureza linguística do discurso televisivo do RF do princípio da década de 1990 revela que o Jornalista-Relator não tinha, na altura, a preocupação de comentar os lances da partida. O RF não apresentava um teor de comentário tão evidente, como o que se detecta na actualidade. Seria, provavelmente, consensual que o facto de o telespectador ter acesso à imagem proporcionada pela transmissão televisiva poderia ser considerado condição suficiente para este assistir ao espectáculo futebolístico como se estivesse realmente presente na bancada do estádio, sem necessitar de quaisquer comentários adicionais, por parte dos jornalistas a explicitar pormenores importantes relativos ao desenrolar dos acontecimentos. Uma das limitações da reportagem televisiva resulta do facto de as câmaras de TV não possibilitarem uma visão global da partida de futebol, ficando, deste modo, em causa, a abrangência do campo visual do telespectador. Assim, este está ainda dependente de um tipo de relato, quase radiofónico, dos acontecimentos que se situam fora do alcance visual da TV, de acordo com Hargreaves (1995: 143):

The relatively poor picture quality of TV means the camera can only cover a maximum of an eighth of the pitch in long-shot, if the players are to be all distinguishable. (...) The greater proportion of the game that occurs off-camera then has to be filled in for the audience by the commentator, giving him more latitude to interpret the action.

Ao longo da última década, contudo, tem-se vindo a dar maior importância ao facto de o telespectador (ouvinte no caso do relato radiofónico), ter passado a constituir-se como uma parte integrante da reportagem, tendo em vista o papel de maior destaque desempenhado pelo consumo de texto mediatizado. Actualmente, as características do RF televisivo são muito similares às da reportagem da rádio, tanto do ponto de vista ideacional, como do textual, como se verificou no capítulo anterior. Este facto parece explicar a importância que o sub-registo Relato Comentado tem vindo a adquirir, como forma de compensar as limitações da reportagem do jogo de futebol, tanto a televisiva, como a radiofónica. Daí a contratação de figuras relevantes do mundo do futebol, como jogadores profissionais, treinadores temporariamente fora do activo, ou árbitros já retirados, que são portadoras de um nível de legitimidade que lhes permite interpretar e explicar com autoridade os lances de uma partida.

Este tipo de intervenção na reportagem do RF é pautado por um elevado nível de especialização, tendo em atenção um público ouvinte conhecedor do espectáculo futebolístico e representa um complemento do trabalho efectuado pelos jornalistas.

O *corpus* constituído para o estudo de Pereira & Garcia, referido acima, inclui uma componente considerável de texto da imprensa escrita, assumindo a forma de comentário do jogo, distinto do texto oral proporcionado pelo relato radiofónico e pelo televisivo.

O que nos interessa verificar nesta situação é o facto de o RF, tanto radiofónico como televisivo, não incluir ainda nessa altura uma forte componente de comentário oral em paralelo com o Relato Objectivo. O facto de o comentário não estar presente no discurso do RF até ao início dos anos 90 significa apenas que é produzido numa fase posterior ao RF. De facto, refere-se no estudo acima o carácter diferido dos comentários acerca do encontro:

o relato vai sendo produzido à medida do desenrolar dos acontecimentos, ao passo que o comentário é posterior aos mesmos e, conseqüentemente, já fruto de reflexão quer em relação aos factos quer no que diz respeito à forma de os transmitir. (Pereira & Garcia, 1994: 45).

A tendência de conversacionalização do discurso do RF, que se vem observando nos últimos tempos, e que confere ao sub-registo Relato Comentado uma preponderância cada vez mais acentuada em relação ao Relato Objectivo, inscreve-se no quadro mais geral da Tecnologização do Discurso. O seu principal desígnio consiste em policiar e reformular as práticas discursivas e consolidar a hegemonia das instituições discursivas na sua tarefa de resolver as tensões resultantes da contradição entre o domínio público e o domínio privado, entre emancipação e regulação, entre ruptura e continuidade (cf. Fairclough, 1995b: 102-111). As diferenças que acabámos de sublinhar revelam as transformações que o texto do RF tem vindo a apresentar, no âmbito da permanente reformulação das práticas discursivas dos *media*, no quadro mais vasto de mudanças estruturais das ordens de discurso que também deixam as suas marcas na linguagem mediatizada.

Completada a análise do *corpus*, que tinha sido iniciada no capítulo IV, torna-se agora necessário como conclusão proceder ao destaque das características principais do RF, não só enquanto texto linguístico, como também na sua dimensão discursiva, no âmbito das mudanças socioculturais que revelam uma necessidade intrínseca de reestruturação permanente.

Capítulo V

Conclusão

1. Descrição - O RF como texto linguístico

Na sequência da análise dos dados efectuada nos dois capítulos precedentes, tendo como pano de fundo o modelo tridimensional preconizado por Fairclough, trataremos de reunir neste capítulo os principais traços distintivos do património discursivo evidenciado pelo *corpus*. Esta abordagem tripartida da ACD decorre da natureza funcional da linguagem, determinando a invalidade de uma análise de natureza exclusivamente linguística efectuada no interior de cada oração. Este posicionamento de análise textual no âmbito mais vasto da AD segue a recomendação de Halliday (1994: xxii), segundo a qual:

Discourse analysis has to be founded on a study of the system of the language. At the same time, the main reason for studying the system is to through light on discourse. (...) Only by starting from the system can we see the text in its aspect as a process.

Antes de caracterizarmos o RF, como processo, ou seja, na sua dimensão discursiva, no âmbito institucional e societal, começaremos, portanto, por escrutinar os seus aspectos linguísticos mais determinantes para a realização dos seus significados próprios, em todas as suas variantes de sub-registo, combinando-as com os diversos contextos de situação que os determinam.

1.1. Características linguísticas do RF

Inserido no âmbito do género reportagem, o RF constitui, no seu todo, um registo de características linguísticas muito peculiares. Das três perspectivas de análise de cada oração (Transitividade, Textualidade e Modalidade) são mais notórias as duas primeiras, visto que as grandes utilidade e oportunidade deste tipo de reportagem estão relacionadas com a necessidade de providenciar uma configuração linguística da realidade, através de uma mensagem apropriada ao carácter diferido da recepção.

Um primeiro traço ideacional importante neste registo prende-se com o perfil dos processos que são habitualmente utilizados. À partida, poderíamos esperar que as orações materiais teriam no RF uma grande predominância, ligadas à necessidade de transaccionar, para o vasto auditório, factos e acontecimentos. Na realidade, porém, acontece que essa classe de processos não revela mais do que uma ligeira superioridade sobre a ocorrência de Processos Relacionais. Estes, por sua vez, são do tipo Atributivo Intensivo, i.e., impera a relação entre duas entidades, que são instanciadas pelo recurso a dois participantes - Portador e Atributo, em que ao primeiro são atribuídas as qualidades do segundo. Tal relação qualitativa relega para segundo plano as orações Relacionais Identificativas Intensivas, as quais, à partida, poderiam ser consideradas predominantes neste registo, visto contraporem a localização e a identificação às acções e aos acontecimentos configurados pelos processos materiais. Globalmente, os processos materiais e os relacionais detêm, ao longo dos doze excertos, uma forte predominância em relação aos demais, atingindo, em conjunto, no caso do relato radiofónico, a ocorrência superior a 90%.

O maior ou menor grau de diversidade que se observa quanto à escolha dos Participantes contribui para diferenciar o Relato Comentado do Relato Objectivo. Assim, enquanto o primeiro mobiliza praticamente todas as opções disponibilizadas pelo sistema, o segundo envolve apenas nove Participantes, no caso do discurso radiofónico, e apenas quatro no relato radiofónico.

No que respeita aos Participantes das orações materiais, observa-se que o Actor referencia habitualmente o jogador que tem a posse da bola, representando, em muitos casos, entidades não-humanas, como “bola”, “trave”, “passe” ou “remate”, enquanto o Beneficiário representa o jogador que recebe o passe; é ainda digno de realce o facto de o Beneficiário não ser mobilizado no discurso televisivo de Relato Comentado.

No RF, o Participante Actor detém uma ocorrência de destaque em ambos os sub-registos, não estando dependente da maior ou menor representatividade dos processos materiais, os quais nunca chegam a situar-se claramente abaixo dos relacionais, no que respeita ao total de ocorrências. Este facto confere maior expressividade factual ao discurso do RF, sendo ainda reforçada pela ocorrência, em grande número do Participante “a bola”, visto que a entidade representada é o centro permanente das atenções durante o jogo.

Do ponto de vista textual, o foco da mensagem produzida no RF incide normalmente sobre o Sujeito. Na maioria dos casos, esta escolha corresponde ao jogador que conduz a bola, dando, assim, origem à predominância do Tema simples. No entanto, em 1/3 dos segmentos,

verifica-se ainda a combinação de um Tema textual com o Tópico. Sendo mais rara a inclusão de significados interpessoais no Tema múltiplo.

O recurso ao Tema marcado, seja através de um processo, seja por intermédio de uma circunstância, revela-se mais característico do sub-registo Relato Objectivo. O Processo, quando recrutado para este efeito temático, confere ao texto um maior destaque factual, ao passo que a ocorrência de uma Circunstância nessa posição tem como finalidade orientar a compreensão espaço-temporal da audiência, visto esta não ter acesso às imagens relativas ao acontecimento, ou, no caso televisivo, estas revelarem-se insuficientes para uma compreensão global do que se vai passando na partida.

Um dos aspectos linguísticos mais determinantes da estrutura interna do *corpus* verifica-se na cisão entre, por um lado, a liberdade de comentário e de interpretação da realidade observada e, por outro lado, a ‘fotografia’ ideacional e textual, de natureza instantânea, e supostamente mais fiel e objectiva, que apresenta uma maior simplicidade de construção das orações e da textura do relato. Este aspecto esteve na origem da divisão do *corpus* em dois sectores claramente diferenciados: o Relato Objectivo e o Relato Comentado.

1.2. Sub-registos do RF

1.2.1. Relato Objectivo

Este sub-registo revela contornos linguísticos bem definidos, em que todos os elementos das orações ocorrem com uma grande regularidade. Assim, o conjunto formado de Processos Materiais e de Relacionais representa praticamente a totalidade deste *subcorpus* (98%). Este facto acarreta uma elevada concentração de significados ideacionais nestes dois tipos de oração, como consequência do limitado número de Processos, de entre o total do sistema, que fazem a sua aparição neste discurso.

Em consequência da escolha limitada de Processos ideacionais, verifica-se a mobilização de apenas metade dos Participantes disponibilizados pela Transitividade. No Relato Objectivo, o Actor apresenta-se sempre numa posição de grande relevo, o que vem atestar a atenção especial do jornalista-relator sobre o jogador que conduz a bola.

Apesar da complexidade, da diversidade e da rapidez dos acontecimentos que decorrem sobre o relvado de jogo, o Relato Objectivo regista uma arquitectura ideacional e textual que denota uma preocupação constante, por parte dos jornalistas, em emitir mensagens simples, directas e fáceis de recepcionar pelos ouvintes.

Há ainda a acrescentar que o Tema marcado detém alguma importância na organização da mensagem, concedendo, com frequência assinalável, um destaque especial ao Processo. Por outro lado, predomina claramente o Tema simples, o que contribui para identificar a linguagem directa e objectiva deste sub-registo.

1.2.2. Relato Comentado

Em clara oposição ao sub-registo atrás referido, a configuração ideacional típica do Relato Comentado corresponde a um Processo Relacional, ao qual vem associada uma Circunstância de Localização ou de Modo.

Em contraste com o Relato Objectivo e em consequência da ocorrência de um maior número de processos, verifica-se uma maior variedade, no que toca à escolha de participantes. Apesar de os Processos materiais deterem uma ocorrência inferior aos relacionais, o Participante Actor continua a registar valores que o colocam quase ao mesmo nível dos Participantes “relacionais”, focalizando o jogador responsável pelo lance desenvolvido num dado momento, o árbitro ou entidades não humanas, como “a bola”, “a defesa” ou “a equipa”.

A maior complexidade e variedade linguísticas do Relato Comentado observa-se também ao nível da Tematização, uma vez que é no âmbito deste sub-registo que ocorre a maioria dos Temas múltiplos de tipo Textual + Tópico.

Nota-se, contudo, a existência de algumas diferenças significativas, ao introduzirmos a variável *medium*. Assim, no respeitante à rádio, verifica-se que as orações verbais ocorrem quase em exclusivo nos quatro excertos caracterizados pelo Relato Comentado (excertos 1, 2, 4 e 5), em detrimento dos oito restantes.

O discurso televisivo recorre, por seu turno, a uma maior variedade de processos, situando-se os materiais a um nível muito abaixo dos valores apresentados na generalidade do *corpus*. Em consequência da menor representatividade ‘material’ neste sub-registo, verifica-se que o participante Beneficiário não chega a ser mobilizado, o que igualmente constitui caso único no *corpus*.

O Relato Comentado apresenta, portanto, orações com um elevado grau de complexidade, uma grande variedade de Processos, de Participantes e de Circunstâncias. A textualidade revela-se igualmente mais diversificada, registando uma profusão de Temas múltiplos. A mensagem pretende, neste caso, ser mais rica em pormenores e mais profunda em ideias, revelando, da parte dos jornalistas, uma maior preocupação em analisar e concluir, chegando a situar o seu discurso fora do âmbito do género reportagem.

1.3. Rádio vs. Televisão

Como acabámos de concluir na secção anterior, o diferente contexto situacional de ambos os *media* determina claras diferenças de registo. O mesmo acontecimento, relatado pelos diferentes *media*, origina textos com características linguísticas distintas em cada um deles. Enquanto o discurso radiofónico se enquadra nas linhas gerais atrás enunciadas, o relato televisivo regista uma nítida variação do registo. Assim, o facto de a componente discursiva de Relato Objectivo se revelar cada vez menos importante no RF poderá estar associado à posição de destaque do *medium* televisão na sociedade. Este facto poderá estar na base do crescendo de comentário que caracteriza a transmissão das partidas de futebol, visto que o discurso radiofónico estará a ser colonizado pelo discurso televisivo.

Quanto ao texto radiofónico, mantêm-se os traços distintivos observados em ambos os sub-registos atrás analisados.

No relato televisivo, por sua vez, destaca-se o facto, ímpar no *corpus*, de os Processos Existenciais superarem os Mentais no sub-registo de Relato Objectivo, tendo em atenção que estes últimos são, habitualmente, o terceiro tipo de Processo, em termos de importância relativa. É também digna de registo, por constituir uma ocorrência de contornos únicos, a ausência do Participante Beneficiário, como já tinha sido referido na secção anterior. Estes aspectos constituem desvios significativos em relação ao RF apresentado, em geral, pelo *corpus*, o que poderá indiciar que estão em curso mudanças linguísticas do registo. De facto, entre os diversos ângulos de análise, a partir dos quais o *corpus* foi observado, o Relato Comentado da televisão, no qual os quantitativos registados pelos Processos Materiais são claramente baixos, é aquele que se revela mais periférico, de acordo com os parâmetros habituais da Transitividade do RF, o que demonstra que o discurso televisivo é aquele que tem vindo a registar alterações mais significativas.

A comparação dos textos de ambos os *media* revela diferenças assinaláveis, principalmente no que respeita à instanciação de Processos. Decorrente de diferentes situações discursivas, cada um dos casos apresenta um perfil claramente distinto. No relato televisivo imperam os processos relacionais em ambos os sub-registos, com o Processo Existencial a assumir igualmente algum ascendente, o que diverge em relação aos dados globais apresentados pelo *corpus*.

Observados os traços linguísticos do texto do RF, passamos a interpretar a sua interação com os níveis de contexto situacional e institucional, que determinam a sua forma e do qual é parte integrante.

2. Interpretação - Prática Discursiva

Entendido na sua faceta de prática discursiva, o discurso do RF encontra-se condicionado pelas rotinas institucionais de produção, distribuição e consumo de texto mediatizado. A audiência, ou os adeptos, no dizer dos próprios jornalistas, revela-se um factor chave no processo de mediatização do espectáculo do futebol, em virtude da crescente competição dos *media*, com vista à conquista de uma parcela cada vez maior de mercado. A prática discursiva está, portanto, limitada por condicionamentos institucionais de cariz económico, que acabam por se reflectir claramente no texto linguístico. O sub-registo Relato Comentado aparenta uma vitalidade discursiva crescente, parecendo suplantar, gradualmente, a vertente objectiva e rectilínea do relato, tanto na rádio, como na televisão.

O elevado teor de comentário, verificado em metade do *corpus*, manifesta textualmente uma franca abertura dos jornalistas à ordem de discurso privado. Este tipo de discurso, produzido na óptica do ouvinte, e justificado pela necessidade de ampliar a actividade informativa, dá origem a um dos seus processos discursivos mais característicos - o estilo conversacionalizado, que observamos numa quota significativa dos textos analisados. Este aspecto apresenta-se com maior visibilidade no caso da televisão, face aos dados apresentados pelas propriedades textuais deste *medium*, e está na origem das maiores variações que se observam no *corpus*. Esta particularidade revela que o relato televisivo tem registado uma maior evolução ao longo dos últimos tempos, fruto do papel central que a televisão vem desempenhando, tanto a contribuir para a construção discursiva da realidade social, como a ser alvo de constantes reestruturações.

Para além das limitações institucionais de cariz económico e de mercado, verifica-se ainda que a formatação mediática do espectáculo de futebol está a ser alvo de constrangimentos de natureza hegemónica e ideológica, principalmente no que diz respeito à prévia selecção de quem pode intervir e daquilo que pode dizer. Este aspecto parece ganhar relevo, em virtude da estratégia de recrutamento de árbitros, treinadores, jogadores para a função de comentadores especialistas, os quais, nos últimos anos, têm vindo a alargar as fileiras das equipas de reportagem, tanto as radiofónicas como as televisivas. O contributo discursivo destes especialistas, ao abrigo da legitimidade institucional que detêm à partida, pretende conferir uma maior autenticidade ao comentário que domina cada vez mais este género discursivo. Originários do contexto delimitado do mundo do futebol profissional, e portanto institucionalmente motivados quanto ao que se pode dizer e como se pode dizer, estes jornalistas-peritos passam a estar situados na confluência de diferentes ordens de discurso, como seja o mundo do futebol, os *media* e o conjunto de práticas discursivas da vida

social corrente e, por conseguinte, sob o fogo cruzado de interesses hegemónicos provenientes de diferentes realidades sociodiscursivas. Tal facto origina uma tensão permanente entre a legitimidade de quem comenta e os interesses institucionais contraditórios que conduzem a uma permanente reestruturação das práticas discursivas. Este dinamismo poderá permitir-nos questionar a imparcialidade e a objectividade da componente de comentário do RF, em oposição à sua congénere Relato Objectivo.

O discurso produzido pelos jornalistas durante a reportagem televisiva do futebol demonstra que é insatisfatória a simples transmissão do jogo, baseada na captação de imagens a que se adiciona alguns comentários de ocasião, relativos à identificação dos jogadores ou a outros dados, que, através das imagens a que tem acesso, são minimamente acessíveis ao telespectador. Deste modo, visto que a TV não substitui a presença dos adeptos no estádio a presenciar a partida, o discurso é forçado a suprir as limitações relativas à capacidade de cobertura do espectáculo, como é o caso da eficiência, apenas parcial, das câmaras, quanto à cobertura total, e em pormenor, do acontecimento.

Já no caso da rádio, torna-se fundamental construir, de raiz, uma ‘imagem sonora’ virtual, uma vez que nem sequer se pode contar com o apoio tecnológico de câmaras de televisão. Neste caso, o discurso assume-se como a tecnologia fundamental neste tipo de reportagem. À partida, o RF já constrói, intrinsecamente, uma imagem interdiscursiva, com o intuito de a partilhar com a audiência, mas os exemplos apresentados no capítulo anterior demonstram que essa imagem emerge a reforçar o discurso, em determinados momentos considerados especialmente importantes no desenrolar da partida. Poderemos, deste modo, considerar a ‘imagem sonora’ como uma autêntica ilustração, embora meramente de natureza discursiva, absolutamente necessária para ‘mostrar’ ao ouvinte, a par e passo, aspectos decisivos do jogo, antecipando, com oportunidade, o que posteriormente, virá a ser alvo de um comentário detalhado e de fotografias reais por parte da televisão e da imprensa escrita.

3. Explicação - Prática sociocultural

A análise da capacidade dos *media* de continuamente interferirem na construção discursiva da realidade social implica, não só a verificação das marcas que este processo deixa gravadas no discurso, como também a sua interpretação, ou seja o processo de descodificação de significados sociais expressos no discurso, no dizer de Fowler & Kress (1979: 196), “the process of recovering the social meanings expressed in discourse”.

Observado a partir deste ângulo, o RF revela uma clara instabilidade discursiva, resultante de um processo dinâmico de redefinição das fronteiras entre as diversas práticas

discursivas, tanto no que se refere às que se situam no interior da instituição discursiva dos media, como às que lhe são adjacentes. Poderemos, assim considerar que este contínuo ajustamento do discurso às mudanças socioculturais, institucionais e societais é produto daquilo que Fairclough designa por Tecnologização do Discurso, como vimos no capítulo anterior.

Este fenómeno observa-se, no *corpus*, no âmbito dos seis excertos de Relato Comentado, devendo ainda ser incluídos todos os excertos televisivos, tendo em consideração a comparação possibilitada pelo estudo do Sporting – Inter de Milão (cf. Pereira & Garcia, 1994), a qual nos permitiu verificar alguma da evolução discursiva do RF ao longo da última década, visto que a sua faceta de texto mediatizado constitui o resultado das práticas discursivas e socioculturais a que se encontra associado.

Para este efeito tecnológico de controlo discursivo, contribui ainda um factor importante, que consiste em diversificar o número e as funções dos repórteres, o que origina uma maior diversidade de papéis discursivos, de contributos e de pontos de vista. A crescente complexidade do discurso do RF pode igualmente ser considerada como o resultado da inclusão, na reportagem de ambos os *media*, de um número crescente de intervenientes que não pertencem, intrinsecamente, ao mundo do jornalismo, como, por exemplo árbitros comentadores de arbitragem, antigos treinadores e jogadores profissionais de futebol, que pretendem conferir ao comentário da partida, a coberto da sua legitimidade, a imparcialidade e a objectividade próprias de um perito.

O último factor insere-se num esforço de articulação entre os domínios público e privado, sob a forma de discurso conversacionalizado. Consiste, deste modo, numa tentativa de democratizar o discurso, i.e., realizar um esforço permanente de aproximação ao público ouvinte, sob a permanente pressão institucional da conquista de mercado.

O crescendo de conversacionalização do RF, que tem vindo a conferir uma predominância cada vez maior ao sub-registo Relato Comentado, situa-se discursivamente num ponto estratégico entre os domínios público e privado e resulta do papel central de que os *media* usufruem actualmente nos processos de mudança sociocultural. De acordo com Fairclough (1995a: 97), “a piece of discourse is embedded with sociocultural practice at a number of levels; in the immediate situation, in the wider institution or organization, and at societal level”. Deste modo, o *corpus* analisado neste trabalho revela os constrangimentos a que a reportagem do futebol se encontra submetida, resultantes da interacção permanente entre, por um lado, a acção reguladora e reformuladora das instituições e, por outro, o papel, de crescente importância, desempenhado pelo consumo de texto. O estilo conversacional da

componente de Relato Comentado do *corpus*, a nítida preocupação dos jornalistas em atenderem às expectativas dos ouvintes e a elaboração da imagens sonoras virtuais do jogo revelam a natureza das diversas forças a que o discurso está submetido em plena crise de ruptura / continuidade que caracteriza a era pós-moderna nas sociedades ocidentais.

Por fim, afigura-se importante acrescentar, que o presente estudo sobre o relato de futebol deixou bem patente o carácter funcional da língua, uma vez que a análise revelou a estreita interligação existente entre os texto produzidos pelos jornalistas e os diversos níveis contextuais envolventes.

Os dados dizem respeito a um objecto de estudo ainda pouco comum, pelo que poderão vir a contribuir para a elaboração de um corpus mais alargado, que possibilite um olhar sistémico mais completo sobre a Língua Portuguesa.

Há que realçar ainda que, uma abordagem completa desta prática discursiva, principalmente no que respeita à crescente importância que o vastíssimo grupo de adeptos tem vindo a revelar na moldagem do discurso dos jornalistas, requer o estudo mais diversificado das práticas institucionais, abrangendo, inclusivamente, outros discursos pertencentes aos media, ao mundo do futebol, assim como ao mundo do consumo privado de texto mediatizado.

Por outro lado, a identidade discursiva do RF manifesta, na actualidade, as mudanças socioculturais que tem vindo a sofrer, em crescendo, ao longo dos últimos tempos. Contudo, há que registar o facto de os dados aqui apresentados com o intuito de ilustrar esse aspecto apresentarem-se em quantidade ainda muito limitada. Por conseguinte, uma visão completa sobre este tipo de discurso exigiria um estudo diacrónico, de contraste do RF em diferentes momentos da sua história recente.

Um outro aspecto igualmente pertinente deste estudo, que aborda o fenómeno da tecnologização do discurso, poderá contribuir para um escrutínio das relações entre os domínios público e privado do discurso dos *media*, o qual parece constituir o reflexo de uma crescente tendência de policiamento, de reformulação e de controlo das práticas discursivas, cujas marcas poderão ser detectadas mesmo para além do âmbito restrito do RF, i.e., em outros géneros diversificados do discurso mediatizado, como são, por exemplo, o noticiário, a a entrevista, ou a revista política.

Bibliografia

- ALTHUSSER, L. (1974). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. (Trad.) Ramos, J. Lisboa: Presença.
- BARBARA, L. & C. A. M. GOUVEIA (2001). *It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. Paper Presented at the 13th Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop*. University of Brest, July 2001. *Direct Paper 46*. S. Paulo: PUCSP.
- BELL, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação* (trad.). Lisboa: Gradiva
- BOURDIEU, P. (1987). *Les choses dites*. Paris: Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, P. (1989). *O Poder Simbólico* (Trad.). Lisboa: Bertrand.
- BRETON, P. & PROULX, S. (1989,1997). *A explosão da comunicação* (trad.). Lisboa: Bizâncio.
- BROWN, G. & YULE, G. (1998). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CARMO, H. & FERREIRA, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- COHEN, R. & ROBIN, P. (2000). *Global Sociology*. London: MacMillan.
- EGGINS, S. & MARTIN, J. R. (1997). "Genres and Registers of Discourse." In v. Dijk, T. *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction. Vol. 1 - Discourse as Structure and Process*, (pp. 230-56). London: Sage.
- ELLIOT, A. & TURNER, B. (Eds.). (2001). *Profiles in Contemporary Social Theory*. London: Sage.
- ESTEVES, J.P. (1998) *A Ética da Comunicação e os Media Modernos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and Power*. London: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. (1995a). *Critical Discourse analysis -The Critical Study of Language*. Essex: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. (1995b). *Media Discourse*. London: Arnold.
- FAIRCLOUGH, N. (1997). "Discurso, Mudança e Hegemonia". In Pedro E. R. (Ed.). *Análise Crítica do Discurso - Uma perspectiva Sociopolítica e Funcional* (pp.77-103). Lisboa: Caminho.

- FAIRCLOUGH, N. (2001). "Critical discourse analysis as a method in social scientific research". In Wodak, R. & Meyer, M. (Eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications.
- FOUCAULT, M., (1969). *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M., (1971). *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- FOWLER, R. (1996). "On Critical Linguistics". In Caldas-Coulthard, C.R. & Coulthard, C. (Eds.) *Texts and Practices – Readings in Critical Discourse Analysis* (pp.3-14). London: Routledge.
- FOWLER, R. & KRESS, G. (1979). "Critical linguistics". In Fowler et al. (Eds.). *Language and control*. London: Routledge & Kegan Paul.
- FRIES, P. (1994). "A personal view of Theme". In Ghadessy, M. (Ed.), *Thematic Development in English Texts* (pp. 1-19). London and New York: Pinter.
- GHADESSY, M. (1995). "Thematic development and its relationship to registers and genres". In Ghadessy, M. (Ed.) *Thematic development in English texts* (pp. 129-146). London: Pinter.
- HALL, S. (1992). "Recent developments in theories of language and ideology: a critical note". In Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. & Willis, P. (Eds.). *Culture, Media, Language* (pp. 157-162). London: Routledge.
- HALL, S. (1992). "Encoding / decoding". In Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. & Willis, P. (Eds.). *Culture, Media, Language* (pp. 128-139). London: Routledge.
- HALLIDAY, M.A.K. (1971). "Language structure and language function". In Lyons, J. (Ed.). *New Horizons in Linguistics* (pp. 140-165). Middlesex: Penguin Books.
- HALLIDAY, M.A.K. (1973). "The Functional Basis of Language". In Bernstein, B. (Ed.). *Class, Codes and Control Vol. 2 - Applied Studies Towards a Sociology of Language* (pp. 343-366). London: Routledge.
- HALLIDAY, M. A.K. (1975). *Learning how to mean – Explorations in the Development of Language*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A.K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar. (2nd edition)*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R., (1976). *Cohesion in English*. London: Pearson.
- HARGREAVES, J. (1987). *Sport, Power and Culture*. Oxford: Polity Press.
- HARVEY, D. (1992). *The condition of postmodernity*. Oxford: Blackwell.
- HOBSON, D. (1992). "Housewives and the mass media". In Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. & Willis, P. (Eds.). *Culture, Media, Language* (pp. 105-114). London: Routledge.

- HUSBAND, C. & CHOUAN, J. (1985). "Local radio in the communication environment of ethnic minorities in Britain". In v. Dijk, T. (Ed.). *Discourse and Communication - New approaches to the analysis of Mass Media Discourse and Communication*. Berlin, New York: De Gruyter.
- KRESS, G. (1985a). "Ideological structures in discourse". In Dijk, T. (1985). *Handbook of discourse analysis. Vol. 4 – Discourse analysis in society*. (pp. 27-42). London: Academic Press.
- KRESS, G. (1985b). *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Victoria: Australia: Deakin University.
- KRESS, G. & HODGE, R. (1979). *Language as Ideology*. London: Routledge & Kegan Paul.
- MARTIN, J.R., MATTHIESEN, C. & PAINTER, C. (1997). *Working with Functional Grammar*. London: Arnold.
- MATTHIESEN, C. (1994). "Theme as an enabling resource in ideational knowledge construction". In Ghadessy, M. (Ed.), *Thematic Development in English Texts* (pp. 21-47). London and New York: Pinter.
- McPHERSON, B., CURTIS, J. & LOY, J. (1989). *The Social significance of Sport – An introduction to the sociology of Sport*. Illinois: Human Kinetics.
- MORLEY, D. (1992). "Texts, readers, subjects". In Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. & Willis, P. (Eds.). *Culture, Media, Language* (pp. 163-174). London: Routledge.
- PEDRO, E.R. (1997). *Análise Crítica do Discurso - Uma perspectiva Sociopolítica e Funcional*. Lisboa: Caminho.
- PEREIRA, L.A. & GARCIA, M. (1994). "Inter de Milão – Sporting: o oral e o escrito na reportagem desportiva". In *Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística – Miranda do Douro* (1993). Lisboa: Edições Colibri
- SCHIFFRIN, D. (1994). *Approaches to Discourse*. Oxford, UK & Cambridge, USA: Blackwell.
- SCHULTZ, W. (2003, Abril). Probing the Mediatization Concept. Website: http://www.kwpw.wiso.uni-erlangen.de/pdf_dateien/Florence.pdf
- SOUSA SANTOS, B. (1996). *Pela mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade*. (5ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- THOMPSON, G. (1996). *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold.
- V. DIJK, T. (1985). *Handbook of discourse analysis. Vol. 4 – Discourse analysis in society*. London: Academic Press.

- V. DIJK, T. (1996). "Discourse, power and access". In Caldas-Coulthard, C.R. & Coulthard, C. (Eds.) *Texts and Practices – Readings in Critical Discourse Analysis* (pp. 84-104). London: Routledge.
- V. DIJK, T. (1997). "Discourse as Interaction in Society". In v. Dijk, T. (Ed.). *Discourse as Social Interaction* (pp. 1-37). London: Sage Publications.
- V. DIJK, T. (Ed.). *Discourse & Society*. Volume 12, N° 6, Novembro 2001.
- VENTURA, C. & LIMA-LOPES, R. (2001). *O Tema: caracterização e realização em português. Direct Paper 47*. S. Paulo: PUCSP.
- VIGLIOCCO, G. & HARTSUIKER, R. (2002). *Meaning, sound and syntax in language production*. Website: <http://www.psychol.ucl.ac.uk/gabriella.vigliocco/V&H.pdf>.
- WODAK, R. & MEYER, M. (2001). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications.

Apêndice

Transcrições

1º Momento

Excerto nº 1

- REL (1) olha perigo || (2) Detinho isolado || (3) caiu na área || (4) penalti || (5) ou não
- COM não (6) creio || [que (7) é fora]
- REP (8) [é fora da área]
- COM (9) é fora
- REP1 (10) fora da grande-área
- COM [mas (11) é mesmo no limite]
- REL [mas (12) é mesmo sobre a linha] || (13) é isso mesmo
- REP1 (14) mais dez centímetros nem sei || se (15) será tanto
- REL (16) Detinho a cair practicamente em cima da linha limite da grande-área [quase]
- COM [e (17) atenção] ao Abílio agora
- REL (18) mais uns passinhos e era grande penalidade [a favorecer o Leixões e a TV] a TV pode
- REP1 pois claro (19) está tudo a pedir o cartão vermelho [para o jogador do Sporting]
- REP2 [(20) sabem || (21) que o Detinho] exactamente é que o Detinho ia isolado em frente precisamente ia numa posição frontal à baliza do guarda-redes [do Leixões do Sporting]
- COM [(22) é || mas] (23) ainda tinha dois jogadores do Sporting || (24) que iam na lateral || e portanto (25) não ficaria isolado
- REP1 [mas muito longe] (26) muito longe
- COM (27) é || mas nestas circunstâncias de facto (28) eu creio || (29) que o Olegário Benquerença optou e bem pelo cartão amarelo para o André Cruz
- REP1 (...26) muito [longe]
- EST [é mesmo] (30) é mesmo no limite

Excerto nº 2

- REL2** (1) atenção a Detinho || (2) está na baliza || (3) [é penalty]
- REP** [e (4) atenção || (5) vamos ver] a cor do cartão
- REL2** (6) o árbitro marca [fora da área]
- REL1** [e (7) é Pedro] || (8) é fora da área || (9) André Cruz a cometer de facto falta mesmo fora da área já dentro da meia lua || (10) cartão amarelo para André Cruz
- REL2** (11) deixa-me dúvidas || primeiro (12) amarelo parece-me pouco || porque (13) o jogador está isolado || e (14) deixa-me dúvidas assim à vista desarmada
- EST** (15) é mesmo fora da área
- REP1** (16) é fora da área || é (17) eu não tive dúvidas nenhuma || (18) eu estou atrás da baliza do guarda-redes Nelson || agora de facto (19) concordo contigo || (20) o cartão é que eu tenho dúvidas || se não (21) seria cartão encarnado para André Cruz
- REP2** (22) era o último defensor
- REL1** e (23) é um lance mesmo assim de golo || porque (24) Abílio dali é meio golo na meia lua da área
- REP2** (25) é de facto um técnico Abílio || (26) ele é o homem || (27) que coloca bem o esférico || (28) o Sporting vai ter uma barreira porfiadíssima || de resto (29) toda a equipa do Sporting a defender a 1 metro do limite da pequena--área || (30) o guarda-redes Nelson manda colocar a barreira a cobrir o lado direito da baliza leonina
- REL2** (31) atenção a Abílio || (32) Abílio toma pouco balanço || (33) ele é um dos melhores especialistas || (34) que eu já vi na última década || (35) Abílio toma 2 metros de balanço talvez nem tanto || (36) vai partir prá bola Abílio || (37) rematou || (38) Nelson agarrou

Excerto nº 3

- REL** (1) olhó Leixões || (2) pode ser golo || [e (3) há falta]
- REP1** [e (4) é penalti]
- REL** e (5) vamos ver se foi dentro ou fora da área || (6) considera Olegário Benquerença || que (7) a falta foi fora [da área exactamente]
- REP1** [(8) o Paulo Bento] ficou ali a discutir com os seus companheiros || porque (9) o jogador do Leixões entrou ali com tudo para a baliza do Sporting
- REL** e se não (10) fosse parado este cruzamento de ataque || (11) era de facto perigoso || (12) ia para golo Detinho || (13) vamos ver o momento da carga || (14) é fora da área || (15) o pé de apoio é carregado fora da área || (16) livre contra a equipa do Sporting || mas (17) é um livre muito perigoso || (18) vamos ver a repetição de novo || mas não (19) é não || (20) fica a ideia [que (21) é]
- REP2** [(22) já está dentro] da área || (23) eu por acaso estou aqui no enfiamento da jogada || e (24) dá-me a nítida sensação || que (25) o Detinho é derrubado já dentro da área
- REL** || mas (26) o contacto físico Tibi parece-me de facto fora da área o primeiro contacto físico
- COM** [(27) é natural]
- EST** [mas atenção] (28) atenção ao Abílio
- REP1** e (29) muitos protestos por parte do banco de suplentes da equipa do Leixões
- REP2** (30) atenção ao pé direito do Abílio || (31) ele fez um golo em Braga || (32) foi de uma posição mais difícil || (33) era mais longe || (34) agora está aqui a poucos metros da baliza de Nélon
- REL** (35) é o momento mais importante até este momento || (36) o livre muito perigoso na sequência da carga sobre Detinho || (37) primeiro toque primeiro contacto feito fora da área || (38) o segundo já dentro da grande-área || (39) considerou o Olegário Benquerença || que (40) o primeiro é que valeu || (41) livre muito perigoso || (42) Abílio é especialista || (43) Nélon chama a atenção || (44) atira || (45) ganhou Nélon || Augusto Inácio (46) o Sporting

abriu ali um verdadeiro uma autêntica auto-estrada || para (47) o Detinho furar

COM não (48) foi uma falta de sincronização entre os dois centrais do Sporting || que (49) deixou liberto aquele terreno todo || para (50) o Detinho entrar || e mas (51) é de referir || que (52) este lance deste livre foi muito bem solucionado pelo Néelson e pelo Rui Jorge || porque (53) o Abílio queria um canto para marcar o livre || mas (54) o Rui Jorge com a ajuda do seu guarda-redes da sua posição obrigou praticamente o Abílio || (55) atenção a esta jogada || (...54) obrigou o Abílio a hesitar

2º Momento

Excerto nº 4

REL1 (1) minuto 35 primeira parte no Jamor || (2) zero para o Sporting zero para o Leixões || (3) Quiroga deu para trás || (4) dá para Beto || (5) Beto central || (6) espera convocatória de Oliveira amanhã para o Mundial || (7) tira cruzamento || (8) é para João Pinto || (9) vai lá J. Pinto || não (10) sai || (11) sai primeiro o toque de um homem do Leixões || (12) o remate de primeira || (13) a bola na barra || (14) é um grande tiro do homem do Sporting || (15) a bola foi ao travessão || mas (16) que bomba que tiro de Rui Bento || (17) fica a reclamar a dizer || que (18) é golo

REP (19) é uma jogada || (20) é || e de facto a também (21) me pareceu || (22) é uma jogada || (22) não me pareceu || que (23) tivesse sido golo || mas (24) deixa muitas dúvidas || (25) a bola bate na trave || (26) vem para baixo com violência || (27) tão rápido que é o lance || também (28) difícil de ajuizar para o árbitro e para o seu auxiliar || de qualquer maneira (29) é um lance muito duvidoso

EST mas (30) foi golo

REL2 (31) eu ia dizer || que (32) tinha sido [golo]

EST (33) [foi golo foi]

REL2 (34) no enfiamento relativamente || e (35) pareceu-me || que (36) a bola entrou totalmente

EST (37) entrou toda

REL1 (38) é golo então || ou (39) seria golo

REL1 || (40) era uma decisão que competia ao auxiliar [de Olegário Benquerença]

REL2 [mas (41) eu olhei para o auxiliar] || ou seja (42) ele estava ele estava longe da linha

REP (43) é quase no local || (44) onde nos encontramos || (45) não conseguimos ver

EST (46) bate dentro claramente dentro

REL1 muito bem (47) um golo || (48) que teria de ser validado ao Sporting || já que (49) a bola passou todo o perímetro para além da linha de baliza num grande tiraço de Rui Bento || e (50) o árbitro || (51) que estaria bem colocado || (...50) não viu || portanto (52) uma uma decisão infeliz para já José Mateus

COM (53) era mais o [árbitro assistente]

REL (54) [era mais o árbitro] assistente

COM (55) não era não tanto o árbitro || (56) o árbitro está longe e no enfiamento || porque (57) o árbitro assistente é que está mesmo no enfiamento da jogada || [e (58) devia ter assinalado]

REL2 [mas (59) não estava lá] mas não estava || (60) ele estava aí a 10 12 metros da bandeirola de canto || e (61) por isso não quis arriscar

COM (62) é um erro crasso evidentemente da equipa de arbitragem

REP e (63) o central Sérgio disse aqui || (64) perguntava-nos || e (65) dizia-nos quase em jeito de afirmação é golo não é

Excerto nº 5

REL1 (1) 34 minutos de jogo na primeira parte || (2) zero a zero no Estádio Nacional || (3) a bola para trás para Beto || (4) vai levantar para a grande-área com muita força à espera de Jardel || (5) João Pinto também não chega lá || (6) a bola retorna || (7) vem para Paulo Bento || (8) olhó remate || (9) a bola não || (10) recarga || (11) não entra || (12) depois nova recarga || e (13) volta a não entrar || (14) é o remate cá de longe de Rui Bento || (15) a bola bate na barra

|| (16) vem para o solo || e depois (17) na recarga Jardel não consegue concretizar

REL2 (18) os jogadores do Sporting ficam a pedir golo || (19) a bola bateu na trave || (20) tocou também no risco || (21) deixou-nos algumas dúvidas || (22) o remate muito forte || (23) ficou a ver o [guarda-redes Ferreira]

REP1 (24) [olha e Bölöni] saiu do banco || e (25) está ali junto do 4º árbitro

EST e (26) tem razão || (27) seria golo || (28) a bola entrou

REL2 (29) é um erro grave então do árbitro e principalmente do auxiliar Artur Dinis || (30) erro com influência para já no marcador || (31) é um pontapé estonteante de Rui Bento || (32) a bola vai à trave || e (33) entra dentro da baliza || (34) o árbitro a errar || tal como (35) tinha errado nos momentos iniciais no tal amarelo || (36) que podia ter sido vermelho a André Cruz || só que (37) este mais penalizante || porque realmente (38) é uma bola de golo

REP2 (39) deixa-me dizer || que (40) neste momento na tribuna VIP o Secretário de Estado Emílio Loureiro esfuziante ainda comemorou o golo do Sporting

EST (41) bate claramente dentro da baliza a bola || (42) seria golo do Sporting

REL1 então (43) Olegário Benquerença escamoteia assim um golo à equipa leonina || e (44) perde a verdade do jogo aos 36 minutos de jogo desta primeira parte

COM bem mas (45) assim não dá o [direito de tirar]

REL1 [pois claro (46) é evidente que não]

COM (...45) satisfações ali ao 4º árbitro e ao fiscal de linha || que nem (47) foi este fiscal de linha

Excerto nº 6

REL (1) Rui Bento || (2) remate || e (3) a bola bateu na trave || (4) pode ser ainda perigoso || e (5) é o corte da defensiva do Leixões || e (6) o Rui Bento fica a pedir golo

REP (7) a bola bateu na trave || e (8) não sei || se (9) entrou

REL (10) bateu na barra || (11) vamos ver a repetição || (12) tentar perceber || se é que (13) é possível ver através da repetição || possivelmente não (14) vai ser

fácil || se a (15) bola entrou ou não || (16) remate de Rui Bento com grande violência || (17) a bola bateu na barra || e (18) é golo e é golo || (19) era golo do Sporting || (20) a bola claramente a bater dentro da baliza do guarda-redes Ferreira || (21) vamos ver de novo a repetição || apesar (22) desta repetição não ser a repetição ideal || como (23) é evidente || mas (24) já vimos há pouco numa imagem que aparece em ângulo || (25) que permitiu ver claramente || que (26) a bola bateu dentro da baliza || (27) o remate de Rui Bento bate na barra || e (28) ressalta || e (29) aqui vê-se bem também || que (30) a bola ressalta para dentro da baliza do guarda-redes Ferreira || (31) aqui está || (32) este ângulo então é perfeito || (33) não oferece qualquer dúvida || (34) a bola bateu na barra || e (35) bateu dentro da baliza || (36) Laszlo Bölöni vai protestar junto do 4º árbitro

REP (37) do 4º árbitro João Ferreira || porque (38) a informação chega rapidamente ao banco de suplentes a da equipa do Sporting || e (39) por isso mesmo os protestos a por parte de Laszlo Bölöni

REL bom e de facto não (40) é famoso para já não || (41) fica sobretudo o árbitro auxiliar que tem aqui uma grande responsabilidade || aqui está (42) o João Ferreira a ser questionado de forma correcta e portanto decidida por parte de Laszlo Bölöni

REP mas deixa-me (43) dizer uma coisa || (44) eu estava aqui a 3 metros || e não (45) vi || e portanto (46) estas coisas acontecem || (47) eu estou aqui a 3 metros || e (48) não consegui sequer perceber || se (49) era golo ou não

REL mas (50) tu mas tu estás provavelmente por detrás da baliza || (51) o árbitro auxiliar poderia ter percebido || que (52) esta bola entrou || (...51) mais do que o Olegário Benquerença || (53) que está num ângulo também ele muito difícil

REP mas (54) foi com uma violência tremenda

3º Momento

Excerto nº 7

REL1 (1) O Sporting não tem ritmo no seu jogo || (2) o Sporting demora muito tempo || (3) faz tudo muito denunciado || e (4) oferece o jogo ao Leixões || (5) cá está mais uma vez || (6) João Pinto a perder || (7) o Leixões na frente || (8) Tozé

REL2 (9) Tozé vai lagar || (10) largou || (11) deu para Antchouet || (12) Antchouet tudo prá direita Bezirovič || (13) na área está Detinho || (14) Antchouet vai pra lá || para (15) 4 do Sporting 2 do Leixões na área || (16) é difícil || (17) ainda assim Bezirovič tira o cruzamento || (18) era para Detinho || (19) a bola vem cá para o outro lado || (20) vai evitar evitar evitar Abílio || (21) evita que a bola atravessasse a lateral Abílio || (22) tira cruzamento de grande-área outra vez || (23) vai Detinho nas alturas || (24) toca um homem do Sporting || (25) Bezirovič de primeira || (26) corta a equipa do Sporting outra vez || (27) vai o Leixões ainda || (28) a encostar o Sporting até à sua grande-área || (29) é a cabeça de Hugo Viana || (30) recupera outra vez a equipa do Leixões || (31) bola metida na zona central para o número 3 Hugo Silva || (32) Hugo Silva dá para a direita para José António || (33) José António deixa curtinho || (34) o público assobia o árbitro || (35) o Leixões troca a bola || e (36) corta definitivamente o Rui Jorge

REL1 e (37) agora uma monumental assobiadela || (38) quando o Leixões tinha a bola || (39) os adeptos do Sporting não querem o Sporting aqui numa atitude passiva relativamente ao jogo

Excerto nº 8

REL2 e (1) Paulo Bento dá para Rui Bento || (2) sai da linha defensiva || (3) adianta a bola para a esquerda para Rui Jorge || (4) Rui Jorge meteu no grande círculo para Barbosa || (5) Barbosa deu mais para trás para Rui Bento || (6) abriu para o meio-campo contrário para João Pinto || (7) é desarmado || (8) vai ao relvado || (9) carrega o Leixões || (10) bola para Tozé

REL1 (11) aí está Tozé || (12) a tentar agora passar ali por Rui Bento || (13) adianta para Antchouet para a direita || (14) depois Abílio preparando-se para o cruzamento || (15) vai junto à linha de cabeceira || (16) arrancando pelo ar com boa conta muito mal depois com muita força para o lado contrário || (17) ainda consegue recuperar um homem do Leixões || (18) lá está já para fazer novo cruzamento o número 7 Abílio para a grande-área || (19) corta a

defensiva do Sporting momentaneamente || (20) depois o pontapé não resulta de Bezirovič || (21) corta a defensiva leonina

REL2 (22) carrega o Leixões || (23) tira ali Rui Bento || (24) o esférico vem para Cerqueira

REL1 (25) o Sporting joga mal aqui no Estádio Nacional || (26) embora ganhando por 1 a 0 || (27) fica a bola na posse de Nuno Silva || (28) os adeptos do Sporting apitam || e (29) assobiam a sua equipa || (30) que ganha por 1 a 0 || mas não (31) justifica até esta altura

Excerto nº 9

REL (1) vai jogando o Sporting || (2) Pedro Barbosa || (3) passe à queima para João Pinto || (4) é difícil assim poder dominar a bola || e (5) creio || que (6) o XXXXXXXX o passe para João Pinto foi feito à queima

COM (7) o jogo agora tá mais aberto

REL (8) Bezirovič olhou para a grande-área || (9) a bombear ali um cruzamento bombeado com muita força || (10) a obrigar Abílio a um esforço suplementar || para (11) evitar que a bola saia || mais (12) um cruzamento || (13) Detinho a desviar || (14) pode ser perigoso || (15) Bezirovič || (16) corte de Beto

REP e (17) o Bezirovič aparecia ali no coração da pequena-área

REL (18) eu penso || que (19) foi por esse motivo que o Bezirovič não atirou à baliza dali

REP mas (20) está de facto um espectáculo agora

COM não (21) há dúvida || (22) o Leixões tá muito bem || e (23) tá a pressionar o Sporting || portanto (24) o Leixões também nesta altura não tem nada a perder || e (25) vai tentar fazer o golo pelo menos o golo do empate

REL (26) ninguém arreda pé do Estádio Nacional || (27) está em aberto || (28) é impossível prever || (29) quem vai ganhar este jogo nesta altura

4º Momento

Excerto nº 10

REL1 (1) José António aproxima-se da linha divisória mãos atrás da nuca || (2) já fez o lançamento || (3) a bola vem ainda para a turma de Carlos Carvalhal || (4) sobra para o Sporting

REL2 (5) Barbosa tenta lutar sobre um adversário || (6) consegue || (7) bola em Rui Bento || (8) de primeira dá para o ataque || (9) ainda vai lá um médio da equipa do Sporting || (10) Jardel ajuda os companheiros || (11) dá para trás para André Cruz || (12) André Cruz varia tudo do meio para a esquerda para Rui Jorge || (13) toca na bola pela primeira vez o lateral esquerdo do Sporting || (14) Rui Jorge para a frente para João Pinto || (15) pára no peito || pode (16) dar na meia-esquerda do ataque do Sporting || (17) bola para Paulo Bento || (18) vai cruzar || (19) o médio vai à faixa lateral || (20) ainda Paulo Bento || (21) atrasou || (22) tira o cruzamento || (23) era para J. Pinto || (24) corta o Leixões

REP1 (25) aí está o Leixões || (26) já a tentar sair com a bola controlada || (27) é Odé || (28) aí está Odé || (29) a tocar curtinho || (30) é para o número 10 da equipa Bezirovic || (31) Bezirovic experiente jogador do Leixões || (32) abriu tudo para a esquerda || (33) entrega na direcção de José António || (34) tenta agora subir a turma do Leixões

EST (35) momentaneamente a perdermos o contacto com o Estádio do Jamor

Excerto nº 11

REL1 (1) aí está José António || (2) para fazer o arremesso lateral || não (3) há pressa por parte de José António || (4) adianta o esférico || (5) é para Pedras || (6) depois a bola para Detinho || (7) corta a defensiva do Sporting por Beto || (8) a bola para Dimitris Nalitzis || (9) ganha o esférico || (10) tenta atrasar || (11) vem para Rui Bento

REL2 (12) Rui Bento recolhe na linha divisória de meio-campo || (13) dá para Jardel || (14) Jardel atrasa de muito longe para André Cruz || (15) joga para a esquerda para Rui Bento || (16) vai levantar para a grande-área para João Pinto || (17) está sozinho || (18) pára com o peito || (19) joga para a

esquerda || (20) vai receber Paulo Bento || (21) vai à linha de cabeceira || (22) prepara-se para cruzar || (23) ainda a primeira simulação || (24) agora cruza com o pé direito || (25) serviu em João Pinto || (26) corta a defensiva leixonense ali por intermédio de Pedras

REL1 (27) aí Pedras dá para Odé || (28) Odé adianta para Bezirovic || (29) Bezirovic para a esquerda para José António || (30) sai da linha defensiva || (31) lá vai a equipa do Leixões para o ataque || (32) a bola batida com o pé esquerdo com força || (33) corta à vontade Quiroga

Excerto nº 12

REL (1) José António || (2) má recepção de bola || (3) sai a jogar o Sporting || (4) Nalitzis || (5) Rui Bento a jogar bem || (6) Mário Jardel a pôr ordem na movimentação atacante da equipa do Sporting || (7) Rui Jorge || (8) há um buraco grande na zona defensiva do Leixões || (9) João Vieira Pinto || (10) Paulo Bento || não (11) arrisca o cruzamento || (12) prefere colocar numa zona || (13) onde não estava ninguém preparado || (14) sai a jogar Odé || (15) a levar muito tempo a soltar a bola || (16) Bezirovic || (17) agora a jogar e bem para o lado esquerdo || (18) Sérgio || (19) mau passe || (20) Quiroga || (21) melhor o Sporting nesta fase inicial do jogo || (22) passe adiantado || (23) Pedro Barbosa || (24) Nalitzis marcado em cima por Sérgio || (25) passe é bem medido para Rui Jorge || (26) tem espaço para rematar || (27) João Vieira Pinto || (28) lá vai Jardel para o 2º poste na perspectiva que saia o cruzamento || mas (29) não sai || (30) aparece a cortar e bem a defensiva do Leixões